

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Ferana

Crônicas Lunares



ROCCO
JOVENS LEITORES

A RAINHA
MAIS BELA

marissa meyer





Marissa Meyer

Levana

Crônicas Lunares

A RAINHA MAIS BELA



Tradução
Regiane Winarski

ROCCO
JOVENS LEITORES

*Este livro é para os leitores.
Os Lunáticos. Os fãs.
Obrigada por fazerem essa viagem comigo.*

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Epígrafe

Levana: a rainha mais bela

Agradecimentos

Créditos

A Autora



Espelho, espelho meu.
Quem é mais bela do que eu?



ELA ESTAVA DEITADA EM UMA PIRA ARDENTE, com carvões em brasa sob as costas. Fagulhas brancas voavam na frente dos olhos, mas a misericórdia da inconsciência não vinha. A garganta estava rouca de tanto gritar. O cheiro da carne queimando invadia suas narinas. A fumaça fazia seus olhos arderem. Bolhas surgiam por toda a pele, e pedaços inteiros caíam, revelando carne viva embaixo.

A dor era implacável, e a agonia não terminava nunca. Ela implorou pela morte, mas a morte não chegou.

Esticou a mão boa, tentando arrastar o corpo para longe do fogo, mas a cama de carvões se moveu e desmoronou com o peso dela, enterrando-a, puxando-a mais para o meio das brasas e da fumaça.

Pela névoa, teve um vislumbre de olhos gentis. Um sorriso caloroso. Um dedo curvado na direção dela. *Venha aqui, irmãzinha...*

Levana ofegou e deu um pulo, os membros embolados em cobertores pesados. Os lençóis estavam úmidos e frios de suor, mas a pele ainda ardia por causa do sonho. A garganta parecia estar em carne viva. Ela lutou para engolir, mas a saliva tinha gosto de fumaça, o que provocou um reflexo. Ela se sentou na luz suave da manhã, tremendo, tentando afastar o pesadelo. O mesmo pesadelo que a atormentava havia muitos anos, do qual não conseguia escapar.

Ela passou as mãos pelos braços e pelas laterais do corpo até ter certeza de que o fogo não era real. Não estava sendo queimada viva. Estava segura e sozinha em seus aposentos.

Com a respiração trêmula, ela chegou para o outro lado do

colchão, longe dos lençóis molhados de suor, e se deitou novamente. Com medo de fechar os olhos, olhou para o dossel da cama e treinou respirar devagar até os batimentos se firmarem.

Tentou se distrair planejando quem ela seria naquele dia.

Mil possibilidades surgiram. Seria linda, mas havia muitos tipos de beleza. Tom da pele, textura do cabelo, formato dos olhos, comprimento do pescoço, uma sarda bem posicionada, certa graça no jeito de andar.

Levana sabia muito sobre beleza, assim como sabia muito sobre feiura.

Em seguida, ela se lembrou de que o funeral era hoje.

Ela grunhiu ao pensar nisso. Como seria exaustivo sustentar um glamour o dia inteiro, na frente de tanta gente. Não queria ir, mas não teria escolha.

Era um dia inconveniente para seu foco estar abalado por pesadelos. Talvez fosse melhor escolher algo familiar.

Conforme o sonho foi recuando para o subconsciente, Levana brincou com a ideia de ser a mãe naquele dia. Não como a rainha Jannali estava quando morreu, mas talvez uma versão dela aos quinze anos. Seria uma espécie de homenagem ir ao funeral usando as maçãs do rosto da mãe e os olhos violeta vívidos que todo mundo sabia que eram feitos por glamour, embora ninguém ousasse dizer em voz alta.

Ela passou alguns minutos imaginando como a mãe devia ser com a sua idade e deixou o glamour tomar conta de si. Cabelo louro-lua preso em um coque baixo. Pele clara como uma folha de gelo. Um pouco mais baixa do que ela seria quando adulta. Lábios cor-de-rosa pálidos, para não tirar a atenção da cor vibrante dos olhos.

Concentrar-se no glamour a deixou mais calma. Mas, assim que

testou o visual, ela percebeu o erro.

Não queria ir ao funeral dos pais com a aparência de uma garota agora morta.

Uma batida soou à porta, interrompendo seus pensamentos.

Levana suspirou e incorporou rapidamente outra aparência, a que sonhara dias antes. Pele morena, uma elevação graciosa no nariz e cabelo preto-azeviche adoravelmente curto. Passou por algumas cores de olhos até escolher um azul-acinzentado impressionante, acompanhado de cílios pretos avassaladores.

Antes que pudesse se questionar, inseriu uma joia de prata na pele sob o olho direito.

Uma lágrima. Para provar que estava de luto.

– Entre – disse ela, abrindo os olhos.

Uma criada entrou, carregando uma bandeja de café da manhã. A garota fez uma reverência na porta, sem tirar o olhar do chão, o que tornou o glamour de Levana desnecessário, antes de se aproximar da cama.

– Bom dia, Vossa Alteza.

Levana se sentou e permitiu que a criada colocasse a bandeja em seu colo e prendesse um guardanapo em seu pescoço. A garota serviu chá de jasmim em uma xícara de porcelana pintada à mão e importada da Terra várias gerações atrás, decorando-o com duas folhinhas de hortelã e um toque de mel. Levana não disse nada quando a criada tirou a cobertura de uma bandeja com doces pequenos recheados de creme, de modo que Levana pudesse ver como eram inteiros, antes de usar a faca de prata para cortar todos em pedaços ainda menores. Enquanto a serviçal trabalhava, Levana olhou para o prato de frutas coloridas: um pêssago com casca macia

acomodado em um anel de frutinhas pretas e vermelhas, todas polvilhadas com açúcar de confeitiro.

– Gostaria de mais alguma coisa, Vossa Alteza?

– Não, isso é tudo. Mas mande a outra subir em vinte minutos para preparar meu vestido de luto.

– Claro, Vossa Alteza – respondeu a moça, embora ambas soubessem que não havia *a outra*. Todas as criadas do palácio eram *a outra*. Não importava para Levana quem a garota enviasse, desde que fosse alguém capaz de ajustar nela o vestido cinza suntuoso que a costureira entregara no dia anterior. Levana não queria ter o trabalho de usar glamour também no vestido, além de no rosto. Não com tantos pensamentos a distraindo.

Com outra reverência, a criada saiu do quarto, deixando Levana olhando para a bandeja de café da manhã. Só então percebeu que não estava com fome. Sentia uma dor no estômago, talvez resquício do sonho horrível. Ou achava que podia ser tristeza, mas isso era questionável.

Não sofrera muito a perda dos pais, embora fizesse agora metade do longo dia que se foram. Oito noites artificiais. A morte fora terrivelmente sangrenta. Havia sido assassinados por um cascudo, que usara sua invencibilidade contra o dom lunar para entrar escondido no palácio. O homem atirou na cabeça de dois guardas reais antes de se dirigir até o quarto dos pais no terceiro andar, matando mais guardas no caminho. Cortou a garganta de sua mãe tão fundo que a faca partiu um pedaço da espinha. Depois, seguiu pelo corredor até onde o pai estava com uma das amantes e o esfaqueou dezesseis vezes no peito.

A amante ainda estava gritando, com sangue respingado no rosto,

quando dois guardas reais os encontraram.

O assassino cascudo ainda o esfaqueava.

Levana não viu os corpos, mas viu os quartos na manhã seguinte, e seu primeiro pensamento foi que todo aquele sangue ficaria ótimo nos lábios dela.

Ela sabia que não era um pensamento correto, mas também achava que os pais não teriam pensado nada melhor se fosse *ela* a assassinada em vez deles.

Levana tinha conseguido comer três quartos de um docinho e cinco frutinhas vermelhas quando a porta do quarto foi aberta de novo. Ela ficou furiosa com a invasão; a criada estava adiantada. Só depois de sentir a irritação foi que verificou se o glamour ainda estava em uso. Ela sabia que era a ordem errada de preocupações.

Mas foi sua irmã, não uma das criadas sem face, quem entrou no quarto dela.

– Channary! – berrou Levana, empurrando a bandeja para longe do corpo. O chá espirrou pela beirada da xícara, enchendo o pires que havia embaixo. – Eu não dei permissão para você entrar.

– Então talvez você deva trancar sua porta – disse Channary, deslizando como uma enguia pelo tapete. – Tem assassinos por aí.

Ela falou com um sorriso, totalmente despreocupada. E por que não devia? O assassino foi executado imediatamente quando os guardas o encontraram, ainda com a faca ensanguentada na mão.

Não que Levana duvidasse que podia haver mais cascudos por aí, com raiva suficiente e malucos o bastante para tentarem outro ataque. Channary seria uma tola se pensasse o contrário.

E isso era parte do problema. Channary era simplesmente uma tola.

Ela era uma tola bonita, o pior tipo. Tinha pele bronzeada linda, cabelo castanho-escuro e olhos puxadinhos do jeito certo nos cantos, de forma que parecia sorrir mesmo quando não o fazia. Levana estava convencida de que a beleza da irmã era produto de glamour, tinha certeza de que ninguém tão horrível por dentro pudesse ser tão linda por fora, mas Channary jamais confessaria. Se havia uma falha na ilusão de beleza dela, Levana ainda precisava encontrar. A garota burra nem se incomodava com espelhos.

Channary já estava vestida para o funeral, embora a cor cinzenta do tecido fosse a única indicação de que se tratava de um traje de luto. A saia de tule se projetava, quase perpendicular às coxas, como um figurino de bailarina, e o top justo no corpo estava bordado com milhares de brilhos prateados. Os braços estavam pintados com listras cinzentas largas espiralando por cada membro, depois se unindo e formando um coração no peito. Dentro do coração, alguém tinha rabiscado: *Vocês farão falta*.

Como um todo, o visual deixou Levana com vontade de vomitar.

– O que você quer? – perguntou ela, tirando as pernas de debaixo das cobertas.

– Saber se você não vai me deixar constrangida com sua aparência hoje. – Esticando a mão, Channary puxou a pele embaixo do olho de Levana, um experimento para ver se a pedra embutida ficaria presa. Com uma careta, Levana bateu na mão dela.

Channary deu um sorrisinho.

– Que detalhe tocante.

– Menos fraudulento do que alegar que você vai sentir falta deles – disse Levana, olhando de cara feia para o coração pintado.

– Fraudulento? Ao contrário. Eu sentirei muita falta deles.

Principalmente nas festas que papai dava durante a Terra cheia. E de poder pegar os vestidos de mamãe emprestados quando eu ia fazer compras em AR-4. – Ela hesitou. – Mas acho que posso simplesmente pegar a costureira dela para mim, então talvez a perda não seja tão grande, afinal. – Com uma risadinha, ela se sentou na beira da cama, pegou uma fruta da bandeja de café da manhã e colocou na língua. – Você devia estar preparada para dizer algumas palavras no funeral hoje.

– *Eu?* – Era uma ideia apavorante. Todo mundo estaria olhando para ela, julgando o quanto estava triste. Levana achava que não conseguiria fingir tão bem assim.

– Você também é filha deles. E... – De repente, inexplicavelmente sem palavras, Channary secou o canto do olho. – Acho que não sou forte o bastante para fazer tudo sozinha. Vou estar devastada pela dor. Talvez eu desmaie e precise que um guarda me carregue para algum lugar escuro e silencioso para que eu possa me recuperar. – Ela riu, e todos os sinais de tristeza sumiram tão rápido quanto apareceram. – É uma ideia intrigante. Talvez eu consiga me sentir mal ao lado daquele jovem novato, o de cabelo encaracolado. Ele parece bem... prestativo.

Levana fez cara feia.

– Você vai me deixar sozinha guiando o reino inteiro no luto para poder brincar com um dos guardas?

– Ah, pare – disse Channary, cobrindo os ouvidos. – Você é tão irritante quando resmunga.

– Você vai ser *rainha*, Channary. Vai ter que fazer discursos e tomar decisões importantes que afetarão todo mundo em Luna. Não acha que está na hora de começar a levar isso a sério?

Rindo, Channary sugou os grãos de açúcar que ficaram nas pontas dos dedos.

– Com a mesma seriedade dos nossos pais?

– Nossos pais estão *mortos*. Foram mortos por um cidadão que não devia achar que eles estavam fazendo um bom trabalho.

Channary balançou a mão no ar.

– Ser rainha é um direito, irmãzinha. Um direito que vem com um suprimento infinito de homens e criados e belos vestidos. A corte e os taumaturgos que lidem com os detalhes chatos. Quanto a *mim*, vou ficar conhecida por toda a história como a rainha que nunca parava de rir. – Ela tirou o cabelo do ombro e observou o quarto, as paredes com papel dourado e cortinas bordadas à mão. – Por que não tem espelhos aqui? Quero ver como estou linda para minha performance lacrimosa.

Levana saiu da cama e vestiu um roupão que tinha sido colocado em uma cadeira.

– Você sabe muito bem por que não tem espelhos.

Ao ouvir isso, o sorriso de Channary se alargou. Ela também pulou da cama.

– Ah, é, isso mesmo. Seu glamour está tão convincente ultimamente que eu quase esqueci.

Com a rapidez de uma víbora, Channary deu um tapa na cara de Levana e a fez cair na direção de uma das vigas de sustentação do dossel. Levana deu um grito, e o choque a fez perder o controle do glamour.

– Aí está minha patinha feia – disse Channary, carinhosamente. Ela chegou mais perto, segurou o queixo de Levana e apertou com força antes que a irmã pudesse aliviar a face ardida com a mão. – Sugiro que

você se lembre disso na próxima vez que pensar em contradizer uma das minhas ordens. Como você gentilmente lembrou, eu vou ser rainha, e não vou tolerar que minhas determinações sejam questionadas, principalmente pela minha irmãzinha patética. Você *vai* falar por mim no funeral.

Virando-se, Levana piscou para impedir as lágrimas que surgiram e lutou para recuperar a ilusão. Para esconder suas desfigurações. Para fingir que também era bonita.

Ela percebeu um movimento com o canto do olho e avistou a criada parada na soleira. Channary não fechara a porta quando entrou, e Levana tinha quase certeza de que a criada presenciara tudo.

Com esperteza, a serviçal baixou o olhar e fez uma reverência.

Channary soltou o queixo de Levana e deu um passo para trás.

– Coloque seu vestido de luto, irmãzinha – disse ela, novamente com o lindo sorriso. – Temos um dia e tanto à frente.



O GRANDE SALÃO ESTAVA cheio de coisas cinzentas. Cabelo cinzento, maquiagem cinzenta, luvas cinzentas, vestidos cinzentos, meias cinzentas. Jaquetas cor de carvão e mangas mescladas, sapatos de campânula e cartolas tempestuosas. Apesar da paleta de cores monótona, os convidados do funeral não pareciam de luto. Pois nos tons cinzentos havia vestidos feitos de fitas esvoaçantes e joias esculpidas e flores glaciadas que cresciam como jardinzinhos de cabelo abundantemente armado.

Levana conseguia imaginar as costureiras de Artemísia muito,

muito ocupadas desde o assassinato.

O vestido cinzento dela era adequado. Era longo, feito de veludo adamascado em tons de cinza e tinha uma gola alta de renda que, na opinião dela, ficava linda com o cabelo preto curto do glamour. Não era nada tão chamativo quanto o tutu de Channary, mas pelo menos ela ainda mantinha um pouco de dignidade.

Em uma plataforma na frente do salão, um hológrafo exibia o rei e a rainha falecidos como eram no verão da juventude. A mãe de vestido de noiva, só um pouco mais velha do que Levana agora. O pai sentado no trono, os ombros largos e o maxilar quadrado. Eram retratos feitos por artistas, claro, pois gravações da família real eram estritamente proibidas, mas capturavam os glammers quase com perfeição. O olhar duro do pai, o jeito gracioso como a mãe balançava os dedos ao acenar.

Levana permaneceu de pé ao lado de Channary na plataforma, recebendo beijos nas mãos e condolências das famílias artemisianas conforme iam passando. Estava com um nó no estômago, por saber que Channary pretendia fugir do dever de primogênita e obrigá-la a fazer o discurso. Apesar de estar praticando havia anos, sempre que falava com o público Levana ainda tinha o medo irracional de perder controle do glamour e permitir que a enxergassem como realmente era.

Os boatos já eram bem ruins. Havia comentários velados de que a jovem princesa não era nada bonita, de que tinha na verdade sido grotescamente desfigurada por um acidente trágico na infância. De que era uma misericórdia ninguém nunca ter que olhar para ela. De que tinham sorte de ela ser talentosa no uso de glamour, para que não tivessem que tolerar tamanha feiura na preciosa corte.

Ela baixou a cabeça e agradeceu a uma mulher pela mentira de que seus pais eram muito honrados, mas sua atenção foi atraída por um homem ainda na fila.

O coração deu um pulso. Seus movimentos ficaram automáticos, um movimento de cabeça, a mão esticada, um *obrigada* murmurado, enquanto o mundo todo virava uma mancha cinzenta.

Sir Evret Hayle se tornara guarda real pessoal do pai dela quando Levana tinha apenas oito anos, e ela o amava desde então, apesar de saber que ele era quase dez anos mais velho. Sua pele era escura como ébano, os olhos cheios de inteligência e astúcia, durante o trabalho, e de alegria, quando estava relaxando. Uma vez, ela percebeu pontos de cinza e de esmeralda nas íris dele, e ficou hipnotizada pelos olhos, torcendo para um dia chegar bem próximo para testemunhar esses pontinhos de novo. O cabelo era um amontoado de cachos apertados, suficientemente longos a ponto de parecerem indisciplinados, suficientemente curtos para serem elegantes. Levana achava que nunca o tinha visto sem o uniforme da guarda, que evidenciava todos os músculos de seus braços e ombros – até aquele momento. Ele usava uma calça cinza simples e uma camisa estilo túnica quase casual demais para um funeral real.

Ele vestia as roupas como se fosse um príncipe.

Durante sete anos, ela o vira como o homem mais bonito de toda a corte lunar. Da cidade de Artemísia. De toda Luna. Ela sabia antes mesmo de ter idade suficiente para entender por que o coração disparava tanto quando ele estava perto.

E, agora, ele estava chegando mais perto. Só quatro pessoas os separavam. Três. Duas.

Com a mão começando a tremer, Levana ficou um pouco mais

ereta e ajustou o glamour para que os olhos ficassem um pouco mais brilhantes e a pedra na pele faiscasse como uma lágrima de verdade. Ela também ajustou sua imagem para que se tornasse um pouco mais alta, aproximando-se da altura de Evret, embora ainda pequena para parecer vulnerável e carente de proteção.

Fazia muitos meses que ela não tinha motivos para ficar tão perto dele, e ali estava ele, vindo em sua direção, com solidariedade nos olhos. Ali estavam os pontinhos de cinza e esmeralda, que, afinal, não eram produtos de sua imaginação. Ele não fazia o papel de guarda desta vez, mas de um cidadão lunar de luto. Segurou a mão dela e levou à boca, embora o beijo tenha parado no ar acima dos dedos. Sua pulsação era um oceano em seus ouvidos.

– Vossa Alteza – disse ele, e ouvir a voz era um tesouro quase tão raro quanto ver os pontinhos nos seus olhos. – Lamento pela vossa perda. A dor é de todos nós, mas sei que Vossa Alteza carrega o peso mais do que todo mundo.

Ela tentou guardar as palavras no fundo da mente, para recuperação e análise em um momento em que ele não estivesse segurando sua mão nem espiando sua alma. *Sei que Vossa Alteza carrega o peso mais do que todo mundo.*

Apesar de parecer sincero, Levana achava que Evret não gostava muito do rei e da rainha. Talvez sua dor fosse porque ele não estava a serviço quando os assassinatos aconteceram, então não podia ter feito nada para impedi-los. Levana percebia que ele sentia um orgulho excepcional de seu lugar na guarda real.

Mas, da parte dela, estava grata porque Evret não estava lá. Porque outros guardas foram mortos.

– Obrigada – murmurou ela. – Sua gentileza torna esse dia mais

fácil de suportar, Sir Hayle.

Foram as mesmas palavras que dissera para incontáveis outros convidados naquele dia. Desejando ser inteligente o bastante para pensar em alguma coisa realmente significativa, ela acrescentou:

– Acredito que você saiba que era um dos favoritos do meu pai.

Ela não fazia ideia se era verdade, mas ver como os olhos de Evret se suavizaram tornou aquilo tão verdade quanto ela queria que fosse.

– Vou continuar a servir sua família fielmente, enquanto for capaz.

Com a troca de palavras adequada, ele soltou a mão dela. A pele formigou quando Levana deixou a mão pender novamente até a lateral do corpo.

Mas, em vez de seguir em frente para oferecer condolências a Channary, Evret se virou e fez sinal para uma mulher ao seu lado.

– Vossa Alteza, acredito que não conheça a minha esposa. Vossa Alteza Real, princesa Levana Blackburn, esta é Solstice Hayle. Sol, esta é Sua Alteza encantadora, a princesa Levana.

Uma coisa se remexeu dentro de Levana, ficando dura e afiada em suas entranhas, mas ela se obrigou a sorrir e a oferecer a mão enquanto Solstice fazia uma reverência, beijava seus dedos e dizia alguma coisa que Levana não ouviu. Ela sabia que Evret tinha se casado alguns anos antes, mas pensava pouco nesse fato. Afinal, seus pais foram casados, mas isso não pareceu gerar grande afeição entre os dois, e o que era uma esposa em um mundo em que amantes eram tão comuns quanto criadas, e a monogamia era tão rara quanto um eclipse terráqueo?

Mas agora, ao conhecer a esposa de Evret, ela reparou em três coisas em rápida sucessão que a fizeram reconsiderar cada pensamento que já tivera sobre a existência dessa mulher.

Primeiro, que ela era extraordinariamente bonita, mas não de um jeito glamourizado. Tinha um rosto alegre em formato de coração, sobrancelhas elegantemente arqueadas e pele cor de mel. Estava com o cabelo solto na ocasião, que caía até quase a cintura em mechas densas e escuras que tinham um leve ondulado.

Segundo, que Evret olhava para ela com uma gentileza que Levana nunca tinha visto nos olhos de um homem, e essa expressão despertou um desejo tão forte nela que parecia uma dor.

Terceiro, que a esposa de Evret estava muito, muito grávida.

Disso Levana não sabia.

– É um prazer conhecê-la – Levana se ouviu dizendo, embora não tivesse captado a resposta de Solstice.

– Sol é costureira em AR-4 – disse Evret, com orgulho na voz. – Foi contratada para bordar alguns dos vestidos usados hoje, até.

– Ah. Sim, eu... eu acho que me lembro de minha irmã ter mencionado uma costureira na cidade que estava ficando muito popular... – Levana parou de falar quando o rosto de Solstice se iluminou, e a expressão só solidificou seu ódio.

Levana não se lembrava de mais nada da breve conversa, até Evret colocar a mão nas costas da esposa. O gesto pareceu protetor, e só quando eles continuaram andando foi que Levana reparou em uma fragilidade em Solstice que, à primeira vista, ficara escondida pela beleza dela. Ela parecia uma criatura delicada, exausta pelo funeral ou pela gravidez ou pelas duas coisas. Evret pareceu preocupado enquanto sussurrava alguma coisa para a esposa, mas Levana não conseguiu ouvi-lo, e Solstice já estava dispensando a atenção dele quando eles chegaram em Channary.

Levana se virou para a fila de cumprimentos. Outra pessoa de luto,

outra pessoa desejando coisas boas, outra mentirosa. Mentiras, só mentiras. Levana se tornou uma gravação, um movimento de cabeça, a mão esticada, um *obrigada* murmurado, enquanto a fila se prolongava mais e mais. Enquanto a irmã ia ficando menos e menos interessada em fingir tristeza e suas risadinhas e flertes tilintavam agudos acima dos murmúrios baixos das pessoas, enquanto o hológrafo dos pais exibia os votos de casamento.

Monogamia. Fidelidade. *Amor verdadeiro*. Ela achava que nunca tinha testemunhado nada disso fora dos contos de fadas que contavam quando ela era criança e das peças caprichadas às vezes encenadas para a diversão da corte. Mas ser tão admirada, que sonho devia ser. Ter um homem olhando para você com tanta adoração. Sentir os toques dos dedos dele nas costas, uma mensagem silenciosa para todos de que você é dele e ele... ele deve ser seu...

Quando uma mulher com antenas cinzentas viu as lágrimas começando a brilhar nos olhos de Levana, assentiu em compreensão e entregou para ela um lenço cinzento engomado.



LEVANA SE CONVENCEU DE QUE FOI O TÉDIO que a tirou do palácio três dias depois do funeral, ainda usando cinza no terceiro e último dia de luto. Disse para si mesma que queria uma coisa colorida e linda para vestir quando o período de luto terminasse e todo o reino se regozijasse quando a rainha assumisse o trono pela primeira vez. Disse para si mesma que precisava de um par novo de sapatinhos bordados para a coroação, ou talvez de um lenço delicado para a cintura. Nada em seu guarda-roupa bastaria para tamanha ocasião histórica.

Se tivesse inventado uma história para contar para os guardas nas plataformas de trem de levitação magnética, teria sido em vão. Ninguém a parou nem perguntou aonde estava indo.

AR-4, o distrito de compras mais popular de Artemísia, estava vibrando com famílias da corte e nobres e seus criados, todos vestidos em tons de cinza, todos fazendo arranjos para as festividades do dia seguinte, mas ninguém reconheceu Levana, que usava o glamour de uma deusa negra, alta e magra, com um pescoço graciosamente alongado e maçãs do rosto proeminentes. Ela não se incomodou com cabelo, pois não queria que nada a distraísse do glamour da cabeça e do corpo perfeitamente esculpidos. Apenas a presença silenciosa dos guardas do palácio, que a seguiam, poderia denunciar sua identidade, mas a rua estava cheia demais para que reparassem neles ou na garota que acompanhavam.

Ela não prestou atenção aos sapateiros e aos costureiros, aos chapeleiros e aos joalheiros, às galerias de arte e às lojas de doces. Sabia precisamente aonde estava indo. Ela contou as ruas que tinha visto no mapa holográfico de manhã. O olhar parou brevemente na Terra crescente que podia ser vista no céu negro além da esfera protetora do domo, mas perdeu-a de vista quando dobrou a esquina em uma linda viela lateral. O aroma de café torrado de um pequeno estabelecimento a seguiu enquanto andava pelas jardineiras floridas das janelas e pelos bancos de pedra entalhada que ocupavam o caminho. Apesar de não estar totalmente deserto, era um lugar sereno em comparação à agitação da rua principal.

Ali estava a loja, onde o mapa e a lista indicaram. Uma placa simples pendurada em cima da porta, mostrando linha e agulha, e a vitrine exibindo uma variedade de linhas e tecidos.

Assim que viu a loja, Levana percebeu que sentia um nó em seu estômago desde que entrara na viela. Ela estava nervosa.

E por que motivo? A esposa de um guarda do palácio? Uma mera costureira? Ridículo.

Fez sinal para os guardas ficarem do lado de fora, se preparou e abriu a porta.

Ela se viu em um aposento bem iluminado. Uma observação rápida confirmou que não tinha nenhum vendedor presente, mas uma segunda porta estava entreaberta e levava a uma sala de fundos, onde ela conseguia ouvir o som de teares mecânicos.

Dois manequins holográficos nos cantos estavam exibindo uma variedade de peças: de tudo, desde lingerie a vestidos de baile, ternos de três peças a meias de crochê. Cada peça era magnífica. Era fácil ver como essa loja insignificante em um beco pequeno de AR-4 estava criando uma reputação com rapidez entre as famílias.

Levana andou pelo aposento. Não era grande, mas tinha muita coisa para ver. Prateleiras com toalhas bordadas empilhadas, lençóis e cortinas. Lenços de seda tão delicados que pareciam teias de aranha. Um manequim exibia um corpete que parecia ter sido todo bordado com fio prateado e pedrinhas cintilantes; era uma joia e também era uma roupa.

Ela viu então uma colcha pendurada em uma parede, grande o bastante para ocupar quase todo o espaço. Levana deu um passo para trás para admirá-la, encantada.

A Terra. E o espaço. Montados com retalhos de tecidos de formas e tamanhos diferentes, as beiradas sem acabamento nos pontos em que foram costuradas. Verdes brilhantes de floresta e marrons com textura áspera de desertos, azuis cintilantes de oceanos e pretos de

veludo de ébano, tudo costurado com fio dourado. Cada segmento da colcha era bordado com desenhos singulares de marfim e flores, espirais elaboradas e explosões estelares vibrantes, e enquanto poderia ser caótico e excessivo, a consistência do fio dourado unia a peça. Tornava-a bonita e um tanto serena. Levana sabia bem pouco sobre colchas e bordados, mas percebeu instintivamente que cada ponto fora feito à mão.

– Oi.

Levana ofegou e verificou primeiro se o glamour não tinha sumido com sua distração, depois se virou.

Solstice Hayle estava na porta do aposento de trás, um sorriso nos lábios e um aro de bordado com um pedaço de algodão branco na mão. Uma agulha tinha sido presa no canto do tecido, um fio marrom-escuro pendurado nela.

– Posso ajudar?

Ela parecia a personificação da gentileza, de uma forma que deixou Levana instantaneamente na defensiva.

– Sim. Eu... – Ela hesitou, esquecendo por que estava ali. O que a fizera ir até aquela loja, ver aquela bela mulher e sua barriga enorme e todas as belas roupas que ela fazia com os dedos habilidosos?

Ela engoliu o desespero crescente. Lembrou que *também* era bonita, enquanto o glamour durasse. Lembrou que *ela* era uma princesa.

– Preciso de uma coisa para amanhã – disse ela. – Para usar na coroação.

Solstice assentiu.

– Claro. Infelizmente, qualquer peça feita exclusivamente para a ocasião teria que ser elaborada às pressas, coisa que tento evitar. Mas

talvez possamos encontrar algo de que você goste aqui e ajustar para que se encaixe com sua preferência. – Ela colocou o aro de bordado de lado e apoiou a mão na barriga enquanto andava pelo aposento. – Você queria um vestido? Ou talvez acessórios?

Depois de pensar um momento, Levana respondeu:

– Você tem luvas? – Ela já tinha muitas, mas luvas não teriam que ser medidas. E ela gostava de usar luvas. Era uma coisa a menos para precisar esconder com o glamour.

– Ah, sim, tenho uma variedade maravilhosa de luvas.

Apoiando uma das mãos na beirada de uma cômoda de madeira, Solstice se inclinou e abriu uma das gavetas de baixo. Estava cheia de luvas femininas, cada uma dobrada com cuidado em cima de uma camada de papel de seda.

– Você estará usando glamour na ocasião?

Levana enrijeceu.

– Como assim?

Solstice levantou o rosto com surpresa, e Levana inspirou fundo e percebeu que as palmas das mãos estavam suadas. Sentiu uma *raiva* repentina. Raiva por essa mulher ser tão bonita sem esforço. Raiva porque ela dormiria ao lado do marido dedicado naquela noite. Porque, em pouco tempo, ela teria um bebê enrugado e chorão nos braços, e que essa criança nunca questionaria se era amada ou se os pais se amavam.

Nada do que Levana queria vinha com tanta facilidade.

Solstice devia ter reparado no tom sombrio nos olhos de Levana. Ela se levantou, e sua expressão indicou os primeiros sinais de cautela. Estava respirando de forma mais pesada do que antes, como se o pequeno movimento de abrir a gaveta a tivesse exaurido, e havia

uma gotícula de suor no lábio superior. Ela era uma coisinha frágil, não era?

Mas o sorriso gentil nunca sumiu.

– Eu só quis dizer que, se você for usar um glamour, podemos escolher uma cor que caia bem com o tom de pele selecionado. Ou... se você já souber que vestido vai usar, podemos coordenar os dois.

Tentando sufocar a inveja que inchou dentro do peito, Levana olhou para as próprias mãos. Os dedos longos e magros e a pele imaculada não eram dela de verdade.

Ela molhou os lábios e encarou Solstice novamente.

– O que você escolheria para você?

Solstice inclinou a cabeça para o lado e fez Levana pensar nos pequenos pássaros no jardim do palácio quando ouviam um som desconhecido e o confundiam com um predador.

Solstice voltou a atenção para a gaveta de luvas.

– Bom... – disse ela com incerteza. – Eu sempre gostei de tons de pedras preciosas.

Ela se agachou novamente, puxou algumas camadas de papel de seda e pegou um par de luvas de seda de um tom azul-safira intenso. Apesar de as luvas não terem nenhum tipo de decoração, a parte de cima era contornada com pequenas correntes douradas, e cada uma tinha um fecho de metal pequenininho. Levana achou que chegariam quase aos ombros. Solstice segurou as luvas sobre o punho de Levana, mostrando o contraste com a pele escura.

– O que você acha?

Levana apertou os lábios e passou o polegar pelos fechos dourados.

– Para que serve isso?

– É parte de um novo design no qual estou trabalhando. É para ser

um conjunto. As luvas são complementadas por esse colar... – Ela levou Levana até uma bancada de acessórios cheia de correntes e contas e fechos e indicou um colar dourado. Primeiro, Levana achou que era feito de metal, mas, quando pegou, percebeu que era um fio dourado bem trançado, de forma intrincada e flexível ao toque. Havia mais dois fechos em lados opostos. Sol continuou: – Tenho pequenas correntes de filigrana que se prendem nas luvas, está vendo?

Levana via. Era lindo e incomum, duas coisas sempre populares na moda da corte, mas não extravagante como ela achava que tantas peças da moda eram.

Levana passou os dedos pelos fios trançados e se imaginou usando-os no pescoço. Pensou no quanto ficaria majestosa. No quanto destacariam seu pescoço e suas omoplatas, como a seda azul ficaria linda com a pele de mel e o cabelo castanho.

Só nesse momento ela percebeu que, na fantasia, sua aparência era a de Solstice Hayle.

Ela colocou o colar de volta, e Solstice fez sinal na direção da cômoda.

– Quer ver as outras luvas?

– Não – disse Levana. – Vou levar essas. E o colar também.

– Ah... que maravilha! Você... quer levar hoje ou quer que sejam personalizadas?

– Personalizadas?

Solstice assentiu.

– Essa é minha especialidade, os pequenos floreios que gosto de pensar que distinguem minha loja de todas as outras costureiras de Artemísia. Se tiver algum desenho em particular que queira bordado nas luvas, eu devo conseguir fazer até amanhã de manhã. Alguns dos

meus clientes gostam de acrescentar a flor favorita, as iniciais...

Levana olhou para a colcha da Terra pendurada na parede.

– Você fez aquilo, não fez?

– Fiz, sim. – Solstice riu, e a gargalhada foi surpreendentemente eufórica, como a de uma criança. – Mas demorei bem mais do que uma noite. Você gostou?

Levana franziu a testa. Tinha gostado muito. Mas não queria dizer.

– Pode bordar as luvas para mim – disse ela. – Quero que o design seja alguma coisa intrincada, como você fez na colcha. Talvez alguma coisa com um *L* no meio, mas nada óbvio demais.

– Um *L*? De Luna. – O sorriso dela voltou, caloroso como nunca. – Eu ficaria feliz em fazer isso. Devo mandar entregar de manhã?

– Sim. – Levana fez uma pausa e empertigou os ombros. – Mande entregar no palácio. Coloque em nome da princesa Levana, e aviso aos camareiros que estou esperando uma entrega. Eles cuidarão do seu pagamento.

O sorriso de Solstice congelou, os olhos presos entre surpresa e pânico. Levana conhecia bem aquela expressão, a expressão de quando algum dos criados do palácio se dava conta de que estava na presença da realeza e suas mentes disparavam tentando lembrar se eles tinham dito ou feito alguma coisa digna de punição. Solstice se recompôs, fez uma reverência e usou a bancada como apoio.

– Me desculpe por não tê-la reconhecido, Vossa Alteza. É uma honra incrível estar a seu serviço.

Incendiada pela consciência de seu poder sobre essa mulher insignificante e sua loja insignificante, sustentada pelo pensamento de que era mesmo uma *honra* servi-la, Levana ficou tentada a demonstrar sua autoridade. Imaginou-se exigindo que Solstice se

ajoelhasse, sabendo que não devia ser fácil na condição dela. Ou ameaçando a reputação da loja se não ficasse satisfeita com as luvas quando chegassem. Ou sugerindo que Solstice *desse* para ela a colcha maravilhosa da Terra, como tributo real ou símbolo de gratidão, e vendo-a lutar para abrir mão de uma coisa que obviamente tinha tanto valor, tanto para ela quanto para seu sustento.

Mas Levana enterrou as fantasias antes que sua língua pudesse traí-la.

Solstice contaria ao marido, claro, e Evret Hayle nunca mais se referiria a Levana como *Sua Alteza encantadora*.

Ela engoliu em seco e forçou um sorriso pela primeira vez desde que entrara na loja. Talvez tenha sido por esse motivo que ela foi até lá. Para que Solstice contasse ao marido sobre a visita inesperada da princesa, que Levana até usaria uma peça dela na coroação. O coração de Levana se aqueceu ao pensar que Evret saberia o quanto ela era uma princesa generosa. Queria que ele pensasse nela, mesmo que só por um momento. Queria que ele a admirasse.

E, assim, ela mentiu.

– A honra vai ser toda minha – disse ela –, de usar uma peça tão primorosa. Consigo ver por que Sir Hayle elogiou tanto seu trabalho.

Solstice ficou vermelha com toda a alegria de uma mulher apaixonada, e Levana foi embora rapidamente, antes que a própria bile pudesse queimar sua garganta.



NA MANHÃ SEGUINTE, no dia da coroação de Channary, parecia que toda Luna recebeu permissão de fingir que os assassinatos não

aconteceram, que as lembranças do rei Marrok e da rainha Jannali viveriam em paz nos textos de história e que a jovem Channary seria a governante mais justa e verdadeira. Levana não sabia quantas pessoas acreditavam nisso, e sem dúvida as que acreditavam não conheciam sua irmã, mas o direito de Channary ao trono era inquestionável até mesmo para ela. Afinal, as duas eram as únicas herdeiras da linhagem Blackburn, aquele ancestral distante que foi o primeiro a nascer com o dom lunar. Channary, como primogênita real, seria rainha, assim como seu filho ou filha governaria em seguida, e na geração seguinte e na geração seguinte. Era assim que a coroa vinha sendo passada desde o dia em que Luna se tornou monarquia, desde o dia em que Cyprus Blackburn criou seu próprio trono.

Não seria Levana a destruir esses valores agora, por mais que a repugnasse saber que a tola e enfadonha Channary passaria mais tempo piscando os olhinhos para criados bonitos do que discutindo as dificuldades econômicas que o país teria que enfrentar.

Mas Levana só tinha quinze anos, como costumava ser lembrada com frequência, e o que sabia sobre o assunto?

Nadinha, era o que Channary diria, ou qualquer um dos taumaturgos que estavam se preparando para jurar lealdade a ela. O favoritismo deles parecia ignorar as leis que diziam que a realeza lunar podia governar a partir de treze anos, com ou sem o acompanhamento de um conselho.

Levana estava na sacada do terceiro andar, olhando para o grande salão onde aconteceu o funeral, onde a irmã chorou até quase não conseguir respirar e desmaiou, ou fingiu desmaiar, e foi carregada por Evret Hayle – dentre todos os guardas! –, que estava de pé ali perto quando aconteceu. E Levana ficou sozinha, para balbuciar um

discurso improvisado de mentiras e lágrimas falsas.

Os tons cinzentos tinham sumido e foram substituídos pelas cores oficiais de Luna: branco, vermelho e preto. Havia uma tapeçaria enorme pendurada na parede atrás da plataforma, exibindo a insígnia lunar em fios cintilantes bordados à mão, um desenho originado quando Luna era uma república. Mostrava Luna e a capital Artemísia no fundo, com a Terra, que já tinha sido aliada, ao longe. Uma peça majestosa, mas se fosse tecida pelos dedos de Solstice Hayle seria ainda mais linda, e isso era impossível Levana ignorar.

Embora incontáveis criados andassem de um lado para o outro em preparação para a cerimônia, e sua irmã sem dúvida estivesse experimentando o vestido naquele momento, Levana ficou feliz pela serenidade temporária no salão vazio.

Tinha escolhido um vestido simples azul-safira para combinar com as luvas entregues em seus aposentos de manhã. Chegaram em uma caixa branca, embrulhadas em papel de seda e acompanhadas de um bilhete de Solstice, que Levana jogou fora sem ler.

As luvas eram ainda mais lindas na luz do dia que entrava pelas janelas do palácio, e o bordado era mais delicado e primoroso do que ela havia imaginado. Os fios começavam com *Ls* floreados e colocados de forma discreta nas palmas das mãos, depois seguiam em curvas pelos antebraços e pelos cotovelos como trepadeiras vivas que se juntavam com perfeição às correntes que iam até o pescoço.

Ela quase se sentiu uma rainha, e não conseguia afastar a fantasia de que seria ela a coroada naquele dia. Ainda não tinha escolhido um glamour aceitável para a ocasião, então, no momento, virou a irmã. Com vinte e dois anos, madura e elegante, os olhos sempre sorridentes.

Mas não. Ela não queria ser Channary. Não queria a beleza dela, não se viesse com a crueldade e o egoísmo.

Assim que pensou nisso, outra mulher surgiu em seus pensamentos.

Acredito que não conheça a minha esposa.

Experimentar o glamour de Solstice Hayle dava uma sensação de tabu e de coisa repreensível, e estranhamente *certa* de tão errada. Levana pensou na pele perfeita e nos cachos de cabelos escuros caídos nos ombros, nos olhos amendoados e na forma como os lábios tinham um toque rubro de recém-beijados, embora a ideia de que aquela vermelhidão tivesse sido provocada por um beijo fosse possivelmente produto do ciúme de Levana. Ela pensou nos cílios densos e sedutores de Solstice e em como ela parecia resplandecer de felicidade, mesmo em um dia de luto. Pensou na sua barriga inflada e redonda com a promessa de um filho.

O filho de Evret.

Levana colocou a mão na barriga e incorporou a gravidez no glamour. Como seria a sensação de ter uma criatura viva crescendo dentro do corpo? Uma criança gerada por amor, e não por vantagem política ou manipulação.

– Levana, o que você está fazendo...?

Ofegante, Levana se virou na hora em que Channary chegou ao alto da escadaria. A irmã a viu e fez uma pausa.

– Ah, você não...

Channary hesitou e apertou os olhos. Era uma expressão que Levana tinha visto mil vezes. Por mais confiante que estivesse ficando em seus glammers, Channary sempre enxergava através deles. Ela nunca explicara de que forma Levana se denunciava, fosse o jeito

como fazia uma expressão em particular ou alguma outra dica, como um tique de jogador. Mas Channary tinha um talento especial para descobrir.

Sentindo que a irmã ainda não havia decidido se a grávida na sacada do salão era real, Levana fez uma reverência humilde.

– Peço perdão, Vossa Alteza – disse ela com a voz mais submissa que conseguiu conjurar. – Eu não devia estar aqui em cima. Só estava esperando meu marido terminar o serviço e pensei em admirar a decoração.

Achando que já tinha dito mais do que uma costureira de verdade diria, Levana fez outra reverência.

– Posso pedir licença para me retirar, Vossa Alteza?

– Pode – disse Channary, ainda hesitante –, e não me deixe pegá-la aqui de novo. Este lugar não é parquinho para quem está entediado. Se precisar de alguma coisa útil para ocupar seu tempo enquanto você está – ela fez um gesto na direção da barriga de Levana – se reproduzindo, tenho certeza de que minha dama de companhia consegue arranjar alguma coisa para ser feita. Não vai haver vadiagem no meu governo, nem para mulheres na sua condição.

– Claro, Vossa Alteza. – Mantendo a cabeça baixa, Levana contornou a irmã e andou na direção da escada.

– Mais uma coisa.

Ela parou, meros três degraus abaixo de onde Channary estava, e não ousou encarar o olhar dela.

– Você é a esposa de Sir Hayle, não é?

– Sim, Vossa Alteza.

Ela ouviu um passo suave e outro, e Channary parou no degrau acima. Curiosa, Levana ousou dar uma espiada, mas se arrependeu no

momento em que viu o sorrisinho da irmã.

– Diga para ele o quanto gostei dos momentos que passamos juntos depois do funeral – falou Channary, a voz cantarolando as palavras como um riacho borbulhando sobre pedras gastas. – Ele foi um verdadeiro *alívio* para mim, e espero que possamos apreciar a companhia um do outro em breve. – A língua surgiu no canto da boca enquanto ela admirava a barriga falsa de grávida. – Você é uma mulher de *muita* sorte, sra. Hayle.

O queixo de Levana caiu, e horror e indignação encheram a cabeça dela com a mesma rapidez com que o sangue quente subiu ao rosto.

– Você está mentindo!

O olhar insinuante de Channary virou arrogância imediata.

– É você! – disse ela, rindo com prazer. – O que em nome de Luna você está fazendo incorporando uma esposa de guarda? E grávida, ainda por cima!

Fechando bem as mãos, Levana se virou e desceu a escada.

– Só estou treinando! – gritou ela para trás.

– Treinando seu glamour? – disse Channary, indo atrás dela. – Ou treinando para uma vida de solidão eterna? Você deve saber que não vai chamar a atenção de ninguém na corte andando por aí como uma mulher pobre e grávida. Ou... ah! – Fingindo surpresa, Channary colocou a mão por cima da boca. – Você está esperando que Sir Hayle a veja assim? Tem fantasias com ele confundindo você com a amada? Tomando-a nos braços, beijando-a até ficar sem ar, talvez até... *reencenando* o que levou à sua condição atual?

Sufocando o constrangimento, Levana sustentou com firmeza o glamour de Solstice Hayle, em parte por princípio. Channary achava que, se provocasse Levana o suficiente, poderia controlar as decisões

dela, e Levana se recusava a deixar que isso fosse verdade.

– Pare – disse ela com raiva ao chegar ao primeiro patamar. Contornou uma coluna entalhada para seguir até o térreo, a mão apoiada na barriga como uma grávida de verdade poderia fazer. – Você só está com inveja porque nunca tem nenhuma originalidade nos seus...

Ela parou na metade da escada.

Havia dois guardas em posição de sentido no patamar inferior.

Um deles era Evret Hayle.

Um tremor a percorreu, saindo de seu próprio útero absolutamente vazio, subindo pelo peito até vibrar pelas pontas dos dedos enluvados.

Apesar de todo o treinamento, Evret fracassava em manter a expressão estoica e desinteressada. Ficou olhando para Levana – ou Solstice – e tentou muito fazer uma expressão profissional, mas estava em conflito e confuso.

– Solstice? – gaguejou ele, a testa franzida enquanto observava o belo vestido azul apertado na barriga, as luvas elaboradas e bordadas nas quais sem dúvida tinha visto a esposa trabalhando na noite anterior. – Você devia estar descansando. O que está fazendo aqui?

Levana engoliu em seco e desejou e desejou e desejou ser realmente a amada dele.

– Ops – disse Channary. – Acho que eu devia ter avisado que ele estava aqui embaixo. Esqueci completamente. – Ela desceu os degraus até estar ao lado de Levana e colocou a mão no ombro dela. – Não se preocupe, seu tolo. Essa é minha irmãzinha, só fingindo ser a sua esposa. – Ela baixou a voz em um sussurro exuberante. – Cá entre nós, acho que ela deve estar a fim de você. Não é isso, querida?

Levana sentiu um soluço na base da garganta tentando subir e sabia que acabaria saindo se ela ficasse ali um momento mais que fosse. Tentou descobrir qual era a pior parte desse momento. Se foi Evret tê-la visto imitando a esposa ou o fato de ele talvez ter ouvido as acusações de Channary.

Decidiu que tudo era humilhante. Decidiu que preferia ter levado dezesseis facadas no peito a ter que sobreviver a esse único momento excruciante.

Ela empurrou Channary, escondeu o rosto (o belo, impecável e amado rosto) e saiu correndo do salão. Correu o mais rápido que conseguiu, ignorando os guardas protetores que se apressaram a acompanhá-la, ignorando os criados que se jogaram contra a parede para sair do caminho.

Começou a arrancar as luvas assim que chegou aos aposentos particulares. Uma das correntes quebrou. A bainha da outra luva rasgou. Ela soltou o colar dourado trançado, quase se enforcando na necessidade de tirá-lo.

O vestido foi em seguida, e não se importou se o rasgasse. Ela *queria* estragá-lo. Em pouco tempo, o vestido e as luvas foram amontoados em uma bola apertada e jogados no canto do armário, e ela soube que nunca mais os usaria.

Era tão burra. Uma garota tão, tão burra.

Por pensar que poderia ser admirada. Por pensar que podia ser bonita, adorada ou notada. Por pensar que podia ser qualquer coisa.



LEVANA FOI À COROAÇÃO DE BRANCO da cabeça aos pés, sob a máscara de

uma princesa de cabelo brilhoso com pele tão pálida que era quase invisível, o glamour desbotado escondendo as marcas das lágrimas.

Ficou sentada na fileira da frente e exaltou a irmã quando o restante dos lunares reunidos a exaltou, e se ajoelhou quando o restante de Luna se ajoelhou, e baixou a cabeça com todos os demais. Recusou-se a olhar para Channary, mesmo quando a coroa foi colocada em sua cabeça, ou quando recebeu o cetro nas mãos, ou quando a grande capa branca repousou nos seus ombros. Também não olhou para a irmã quando ela bebeu o sangue do povo em um cálice de ouro e nem quando cortou a ponta do dedo para que o próprio sangue caísse na tigela de mármore decorada, nem quando falou os votos que Levana sabia que Channary jamais seguiria com sinceridade.

Também não olhou para Evret, embora ele estivesse de serviço e tivesse passado todo o procedimento diretamente na linha de visão dela.

Levana era uma estátua. Uma garota feita de regolito e pó.

Odiava a irmã, agora sua rainha. Sua irmã não merecia o trono. Ela desperdiçaria todas as oportunidades que tivesse de ser uma grande governante. De melhorar o potencial econômico de Luna. De continuar a pesquisa e os avanços tecnológicos que seus ancestrais iniciaram. De transformar Artemísia na cidade mais bonita e invejável da galáxia.

Sua irmã não merecia aquele cetro. Aquela capa. Aquela coroa.

Não merecia nada.

Mas teria tudo. Ela e Solstice Hayle e todas as famílias da corte teriam tudo que quisessem.

Só Levana, jovem demais e feia demais para ser relevante,

continuaría vivendo na sombra da irmã, até sumir e todo mundo esquecer que ela um dia existiu.



ELA FEZ DEZESSEIS ANOS duas semanas depois. O país comemorou, mas, nas rebarbas da festa de uma semana que acompanhou a coroação, o aniversário pareceu se dissolver em apenas mais um dia de farra real. Um ilusionista foi contratado para se apresentar na festa e impressionou as famílias da corte com mágicas e grandes feitos, e os convidados estavam mais do que dispostos a se deixar levar pelas fantasias fingidas.

Levana foi à própria comemoração de aniversário como a garota pálida e invisível. Sentou-se na cabeceira da mesa ao lado da linda irmã e fingiu não reparar que o ilusionista transformou uma toalha de mesa em leão e um lenço de mulher em coelho, e a multidão fez ruídos de surpresa e fez apostas joviais enquanto o leão caçava o coelho embaixo das mesas, ao redor dos tornozelos de todos. Depois, o coelho de mentira pulou no colo da rainha, que riu e acariciou as orelhas compridas e moles, e a criatura sumiu. O guardanapo, ainda na mão do ilusionista, não passava de um guardanapo.

O leão fez uma reverência para a rainha antes de também desaparecer. Uma toalha de mesa intocada.

A multidão teve um ataque de aplausos e gargalhadas.

Ninguém parecia se importar com o fato de que todas as ilusões eram centralizadas na rainha, e não na aniversariante.

Depois de uma série de reverências floreadas, o ilusionista tirou uma vela longa de uma das mesas e apagou com um sopro. Todo

mundo fez silêncio. Levana achava que era a única que não tinha se inclinado para a frente com curiosidade.

Ele deixou a fumaça preta subir naturalmente por um momento antes de modelá-la em um par de amantes abraçados. Dois corpos nus, se contorcendo um contra o outro.

A demonstração de devassidão ganhou gargalhadas espalhafatosas das famílias e sorrisos sedutores da rainha.

Era fácil saber quem aqueceria a cama da irmã naquela noite.

Da parte dela, Levana conseguia sentir o calor ardendo nas bochechas, embora escondesse a vergonha atrás do glamour de rosto pálido. Não que esse tipo de entretenimento fosse chocante, mas, enquanto a ilusão persistisse, ela conseguia sentir a presença de Evret no aposento como uma atração gravitacional. Saber que ele estava vendo o mesmo show sugestivo, ouvindo as mesmas gargalhadas obscenas, possivelmente pensando em suas relações com a esposa, fez Levana se sentir tão patética e insignificante quanto uma migalha do próprio bolo.

Ela não falava com Evret desde que ele a testemunhou incorporando Solstice, o que não era totalmente incomum; eles haviam trocado mais palavras no funeral do que durante todo o tempo que Levana o conhecia. Mas não conseguia afastar a desconfiança de que ele a estava evitando, talvez tanto quanto ela.

Levana supunha que Evret ainda devia estar constrangido, tanto por conta do glamour dela quanto pelas acusações de Channary. Mas não conseguia evitar uma fantasia de que ele talvez também estivesse lisonjeado. Talvez tivesse começado a reparar que o coração batia mais rápido quando a via. Talvez estivesse se arrependendo do casamento, ou percebendo que casamentos eram uma convenção

tão boba quanto muitas das famílias da corte acreditavam, e que ele a amava... sempre a amara, mas não sabia o que fazer com aquelas emoções.

Era uma fantasia muito complexa, que costumava deixá-la ainda mais deprimida do que estava antes de invocá-la.

O truque da fumaça se dissipou e ganhou aplausos e gritos. O ilusionista nem tinha terminado a reverência quando todas as chamas de velas na mesa principal explodiram.

Levana gritou e se inclinou para trás tão rápido que a cadeira caiu no chão, levando-a junto. Embora as chamas continuassem a rugir acima dela, intensas e tremeluzentes, ela percebeu, depois de um momento de pavor, que não havia calor emanando delas. Nem a pulsação ameaçadora de fogo e nem o cheiro de carne queimada veio em seguida.

Mais ninguém gritou.

Mais ninguém tentou se afastar.

Agora, todo mundo estava rindo.

Tremendo, Levana aceitou a mão de um dos guardas reais; só eles não estavam demonstrando o quanto achavam graça. A cadeira foi ajeitada, e ela se acomodou novamente, envergonhada.

As chamas continuaram a arder, cada uma delas agora alta como uma pessoa, e com o pavor diminuindo, Levana conseguiu discernir que era só mais uma ilusão. Pairando acima da mesa, com cálices de vinho e pratos pela metade, havia uma fila de dançarinos de fogo, girando e pulando de castiçal em castiçal.

Channary estava rindo mais do que todos os demais.

– Qual é o problema, irmãzinha? – *Venha aqui, irmãzinha.* – Não é possível que você tenha medo de um truquezinho tão bobo. – *Quero*

mostrar uma coisa.

Levana descobriu que não conseguia responder. Seu coração ainda estava batendo loucamente, e seu olhar desconfiado permanecia grudado nos dançarinos de fogo. A existência deles, mesmo que fossem apenas um truque mental criado pela manipulação da sua bioeletricidade, a impossibilitava de relaxar. Não conseguia desviar a atenção deles. E não havia problema. Levana não queria ver as expressões de deboche ao redor. Ouvir as gargalhadas já bastava.

Só estava grata por ter prática suficiente com o glamour de garota invisível a ponto de não perder o controle.

– A princesa tem medo de fogo? – perguntou o ilusionista. Apesar de ele não interromper a ilusão, os dançarinos pararam de pular e ficaram só rodopiando em cada castiçal. – Peço desculpas, Vossa Alteza. Eu não sabia.

– Não se preocupe com ela – disse Channary, esticando a mão para um dos dançarinos. – Não podemos deixar que medos infantis estraguem nossa diversão.

– Ah... tenha cuidado, Vossa Majestade. O fogo embaixo ainda é bem real. – Para provar o que queria dizer, o ilusionista fez o dançarino mais próximo descer da vela e subir na palma da mão de Channary, deixando uma chama bastante verdadeira ainda tremeluzindo na vela. Mais uma vez, a multidão fez ruídos de surpresa e prazer, e mais uma vez Levana foi esquecida.

Não se preocupe com ela.

Era só seu aniversário, afinal. Aquela era apenas a sua festa.

A apresentação terminou com todos os dançarinos se transformando em foguetes antiquados, que decolaram e explodiram em fogos no alto.

Quando a plateia satisfeita terminou de aplaudir, a sobremesa foi servida. Levana olhou para a torta de chocolate decorada com uma escultura de açúcar quase do tamanho de um braço, uma série delicada de espirais e filigranas. Parecia que se estilhaçaria com um único toque.

Levana não pegou o garfo.

Não tinha fome. O estômago ainda estava embrulhado por causa da explosão de fogo. Ela conseguia sentir as palmas das mãos suando sob o glamour, e esse era o tipo de detalhe difícil de ignorar e que podia enfraquecer o foco das pessoas. Depois de tanto constrangimento, ela *não* deixaria que essas pessoas a vissem por baixo do glamour.

– Eu vou para a cama – disse ela, para ninguém em particular. Se alguém estivesse prestando atenção, se alguém se importasse, teria ouvido. Mas ninguém ouviu.

Ela olhou para Channary, que tinha chamado o ilusionista para se aproximar da mesa e estava lhe dando uma garfada de torta de chocolate na boca.

Levana se perguntou como o ilusionista seria sob o glamour. Estava bonito agora, mas, por baixo da superfície, podia ser qualquer um.

Todos podiam ser qualquer um.

Por que ela não podia ser *qualquer um*? Por que não podia ser a pessoa que desejava ser?

Talvez o problema fosse que Levana nunca descobrira quem era essa pessoa.

Ela empurrou a cadeira para trás e apreciou o guincho alto das pernas arranhando o piso.

Ninguém olhou para ela.

Só quando já tinha saído do salão de jantar e estava sozinha no corredor foi que uma pessoa a parou.

– Vossa Alteza.

Ela se virou e viu que um guarda a seguiu até o corredor. Bom, três guardas, só que dois estavam designados para segui-la a uma distância respeitosa e garantir que não fosse ameaçada a caminho dos aposentos.

Esse terceiro guarda era familiar, mas só porque ela sabia que ele tinha servido a seus pais por alguns anos.

– O que foi?

Ele fez uma reverência.

– Perdoe minha invasão, Alteza. Meu amigo, Sir Evret Hayle, me pediu para lhe entregar isto. Com desejos alegres de feliz aniversário.

Ele estava segurando uma caixinha embrulhada em papel pardo comum.

O coração dela deu um nó, e ela percebeu que não conseguia se aproximar dele para pegar o presente.

– Evret Hayle?

Ele assentiu.

É um truque, é um truque, é um truque. A mente dela repetiu o aviso sem parar. Devia ser alguma coisa que a irmã havia tramado. Alguma brincadeira cruel.

Mas seu coração estremeceu mesmo assim. Sua pulsação ferveu e acelerou.

Ela ousou dar uma olhada pelas portas enormes que levavam ao salão. Evret estava posicionado no final do corredor, mas sorria com gentileza para ela. Enquanto Levana olhava, ele levou um punho ao coração, uma saudação respeitosa que podia não significar nada.

Ou podia significar tudo.

Era toda confirmação de que ela precisava.

– Obrigada – disse, pegando a caixa.

O guarda fez outra reverência e voltou para sua posição.

Levana precisou de toda a sua força de vontade para não correr para o quarto. Já havia uma criada lá, esperando para ajudá-la a se despir e se lavar para a cama, mas Levana a expulsou sem nem se dar ao trabalho de mandar o vestido ser aberto. Sentada na penteadeira sem espelho, se obrigou a parar e respirar, para poder remover o papel simples com a maior delicadeza. Os dedos tremeram quando ela soltou as pontas presas e desdobrou os cantos.

Dentro da caixa havia mais papel pardo rasgado e, aninhado nele, um pequeno pingente do planeta Terra. De prata, talvez, embora estivesse manchado e amassado. Parecia muito velho.

Também havia um cartão, escrito à mão com letra horrível:

Vossa Alteza Real,

Espero que dar um presente de aniversário não seja ultrapassar os limites da minha posição, mas vi isto e pensei que Vossa Alteza talvez gostasse. Que Vossa Alteza encontre apenas felicidade neste seu aniversário.

Seu amigo e mais leal criado,

Evret Hayle

Havia um recadinho embaixo, quase como uma lembrança posterior:

Minha esposa também manda lembranças.

Antes de saber o que estava fazendo, Levana cortou a parte de baixo do cartão, arrancou a menção à esposa e rasgou em pedacinhos. Em seguida, levantou o pingente e aninhou-o contra o peito, sorrindo enquanto relia as palavras de Evret sem parar. Interpretando. Dissecando. Sem parar.



– FICO FELIZ EM RELATAR que nossa equipe de pesquisa de bioengenharia e desenvolvimento vem fazendo grandes progressos nesses últimos meses – disse o taumaturgo-chefe Joshua Haddon, de pé em frente ao trono da rainha e à plateia de aristocratas, com as mãos enfiadas nas mangas largas. – O dr. Darnel acredita que os últimos avanços na manipulação da pulsação bioelétrica vão resultar na alteração bem-sucedida dos instintos naturais. Com a aprovação de Vossa Majestade, a equipe pretende iniciar os testes em lunares nos próximos doze meses.

Channary colocou uma flor de abobrinha frita na boca e balançou a mão para o taumaturgo. Depois de engolir, lambeu a manteiga das pontas dos dedos.

– Sim, tudo bem. O que acharem melhor.

– Assim será feito, minha rainha. – Verificando seu relatório, o taumaturgo Haddon passou para o assunto seguinte em questão, alguma coisa a ver com um método para aumentar a produtividade nos setores têxteis.

Levana queria saber mais sobre os soldados. Vinha ouvindo falar do desenvolvimento de soldados alterados por bioengenharia havia anos. Era um programa que seu pai iniciara, talvez uma década antes,

e muitas das famílias o esnobaram, rotulando sua ideia de ridícula. Criar um exército que contava não com o dom lunar, mas com instintos animais? Disparatado, disseram. Absurdo. Monstruoso.

O pai dela gostou dessa descrição, Levana lembrava. *Monstruoso* era precisamente o que ele pretendia alcançar, e a pesquisa começou por ordem do rei. Apesar de não estar vivo para ver seus esforços darem frutos, Levana estava intrigada com a fantasia dele.

Um exército inteiro de criaturas metade homem e metade animal. Soldados com a inteligência de humanos, mas a percepção sensorial de predadores selvagens. Eles não lutariam por meios esperados e previsíveis, mas pelos mais básicos instintos de caça e sobrevivência, para aterrorizar, pilhar e devorar os inimigos.

A ideia provocou um arrepio na espinha de Levana, e não de um jeito ruim. A tentação de controlar o tipo de força animalesca que esses soldados teriam fez sua boca salivar. Com esse tipo de poder, ela poderia calar para sempre o deboche que a seguia nos corredores do palácio, os rumores constantes sobre a princesinha patética e feia.

– Tudo bem, tudo bem – disse Channary, bocejando e interrompendo o taumaturgo no meio da frase. – O que você achar melhor. Estamos terminando?

Joshua Haddon não pareceu incomodado pela falta de interesse da rainha na política pública e no bem-estar do país, embora Levana precisasse de todos os seus esforços para não revirar os olhos. Apesar dos pensamentos distraídos ocasionais, ela queria realmente saber o que acontecia nos setores externos. *Ela* queria ouvir as ideias da corte para melhorias. Talvez pudessem mandar Channary tirar seu cochilo da tarde e deixar Levana cuidando do resto.

Embora todo mundo fosse morrer de rir de Levana se ela sugerisse

uma coisa assim.

– Só temos mais uma questão a discutir, minha rainha, antes de terminarmos.

Channary suspirou.

– Como deve estar ciente, minha rainha, nossos governantes anteriores, que descansem eternamente em pompas divinas, estavam para desenvolver uma arma bioquímica que, temos motivos para acreditar, poderia ser bem eficiente em qualquer tentativa de negociação com a Terra. Principalmente considerando nosso relacionamento antagônico, e a possibilidade de isso um dia se dissolver em violência.

– Ah, pelas estrelas *do céu* – disse Channary, jogando a cabeça para trás com um grunhido. – Esse jargão todo é necessário? Fala logo, Joshua. Aonde você quer chegar?

Os membros da corte riram por trás das mãos delicadas.

O taumaturgo Haddon se empertigou um pouco mais.

– Um dos nossos laboratórios desenvolveu uma doença contagiosa que acreditamos, embora não tenhamos como testar ainda, que seria fatal para os terráqueos. Como nosso relacionamento com a Terra está ficando cada vez mais hostil, e pode piorar se não conseguirmos fazer uma aliança e restabelecer acordos de livre comércio na próxima década, o rei Marrok achava que essa doença poderia ser uma forma de enfraquecer qualquer oposição terráquea, tanto em números quanto em recursos.

– E tenho certeza de que meu pai estava correto. Pode prosseguir com sua... pesquisa. *Encerrado*.

– Preciso pedir mais um momento do seu tempo valioso, minha rainha.

Bufando, Channary se encostou na cadeira.

– O quê?

– Ainda tem a questão de um antídoto.

Como ele não ofereceu nenhuma explicação, Channary deu de ombros.

– Por mais tentador que possa ser liberar um dia essa doença na Terra sem preocupação com sua repercussão – explicou Haddon –, alguns estrategistas, inclusive eu, acham que o impacto seria ainda maior se a Terra acreditasse que a doença é um ato do destino, até uma punição. E que, se nós oferecêssemos um antídoto para que eles se livrassem da doença, o gesto poderia ser o fator que garantiria que qualquer discussão de aliança futura tendesse para o nosso lado.

– Você quer fazer com que eles fiquem doentes – disse Channary, lentamente, com voz cansada – e depois quer fazer com que melhorem? É a tática de guerra mais burra que já ouvi.

– Não é, não – disse Levana. A atenção de cem membros da corte real se voltou para ela, junto com o olhar ardente repentino da irmã, espiando do trono. Levana empertigou os ombros e se recusou a ficar intimidada. – Eles não precisariam saber que a doença veio de nós. Seria o melhor tipo de guerra, o tipo que ninguém *acha* que é guerra. Nós poderíamos enfraquecer a Terra sem risco de retaliação. – Ela afastou o olhar do taumaturgo e observou Channary, e viu que a irmã estava disparando veneno com os olhos. Mas Levana não se incomodou. Ela enxergou potencial onde Channary ignorava. – E depois, quando estiverem tão arrasados que não seriam ameaça para nós no caso de uma guerra de verdade, nós iniciamos uma negociação pacífica. Fazemos nossas exigências e oferecemos a única coisa que eles querem mais do que tudo: um antídoto para a doença

que os destruiu. Seria visto como um tremendo gesto de boa vontade, pois, além de usarmos nossos próprios recursos para desenvolver um antídoto, nós também nos ofereceríamos para fabricar e distribuir para eles, nossos antigos inimigos. Como poderiam dizer não a qualquer uma das nossas exigências?

– Essa é precisamente a estratégia que sugerimos – disse o taumaturgo Haddon. – A jovem princesa explicou com clareza, obrigado.

Apesar da gentileza das palavras, alguma coisa no tom dele fez Levana se sentir repreendida. Como se a presença dela nessas reuniões fosse meramente tolerada, e ninguém a tivesse convidado para *contribuir* em uma delas.

– Acho que vejo o potencial – disse Channary, brincando com uma mecha de cabelo. – Pode continuar desenvolvendo esse antídoto.

– Foi nessa encruzilhada que chegamos, minha rainha.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Claro que tem uma encruzilhada, não é?

– Nós já encontramos os meios de desenvolver um antídoto, e sua eficiência contra os micróbios infectados foi provada bem-sucedida por testes múltiplos. No entanto, esse antídoto é desenvolvido usando hemácias de lunares sem dons.

– Cascudos?

– Sim, minha rainha. Os cascudos contêm os anticorpos necessários para a produção do antídoto. Infelizmente, é demorado e caro obter amostras de sangue de cascudos com a população deles tão espalhada pelos setores externos, e a duplicação artificial até então não fora bem-sucedida.

– Ora, mas por que não os enjaulam como os animais que são?

Vamos chamar de retribuição pelo assassinato dos meus pais. – Surgiu um brilho novo nos olhos de Channary. – É brilhante, na verdade. Que todo mundo saiba o quanto os cascudos são perigosos e que a coroa não vai mais tolerar a leniência que tivemos com eles ao longo dos anos. Podemos criar uma lei nova, se ajudar.

O taumaturgo Haddon assentiu.

– Acho uma medida sábia, minha rainha. Até o momento, a taumaturga Sybil Mira é a embaixadora da corte com a equipe de pesquisa bioquímica. Talvez ela seja uma boa candidata a começar a elaborar um procedimento com a melhor forma de se obter as amostras de sangue.

Uma jovem saiu da fila de taumaturgos, usando um casaco cor de vinho amarronzado, com cabelo lustroso e preto como as asas de um corvo caindo pelas costas. Era bonita da maneira como todos os membros da comitiva da rainha eram bonitos, mas havia uma coisa admirável na forma como se portava. Uma confiança que irradiava. Embora sua posição fosse inferior à do taumaturgo-chefe, a postura e o sorriso suave pareciam indicar que ela não acreditava estar abaixo de ninguém.

Levana gostou dela na mesma hora.

– Concordo. Eu designo a taumaturga... er...

– Sybil Mira, minha rainha – disse ela.

– Mira como representante real oficial dos... ah, sei lá. – Channary suspirou. – Relacionamentos dos sem dom. Você tem minha permissão, por decreto real, para fazer o que precisar ser feito para a melhoria de... todo mundo. – Os dedos de Channary dançaram com extravagância no ar enquanto ela elaborava as palavras, como se estivesse compondo um poema sonoro e não criando um decreto

que poderia ter impacto nas vidas de centenas de cidadãos... milhares, levando em conta as famílias.

Mesmo assim, os taumaturgos fizeram uma reverência respeitosa quando ela terminou e, finalmente, a reunião foi encerrada. A plateia se levantou com a rainha, mas, antes de sair, Channary fixou o doce sorriso em Levana.

– Querida irmãzinha – disse ela. *Venha aqui, irmãzinha*. Levana se encolheu antes que pudesse se controlar, mas, se Channary reparou, não demonstrou. – Tenho uma prova de roupas com minha costureira esta tarde. Por que não vem comigo? Seria bom você ter alguns vestidos que não fossem tão... tristes.

Levana não precisava olhar para o vestido amarelo-desbotado e nem ver como a cor sumia com a pele pálida de glamour para saber de que Channary estava falando. Ela tinha perdido o interesse em ser notada. Que a irmã ficasse conhecida pelo quanto era linda e alegre. A princesa Levana ganharia o respeito da corte sendo inteligente e criativa. Por ajudar nas necessidades do país, enquanto a rainha estava ocupada demais brincando com seus muitos pretendentes para se importar.

– Não estou necessitando de um novo vestido, obrigada, minha rainha.

– Tudo bem, não precisa experimentar nada, então. Você vai ser um ótimo suporte quando eu estiver sendo medida. Venha comigo.

Ela sufocou um grunhido, o pensamento de dizer não para a irmã já a exaurindo.

Channary seguiu na frente, e todos os taumaturgos e aristocratas fizeram uma reverência. Em seu encalço, Levana imaginou que era para ela que todos estavam se curvando na verdade.

Enquanto seguia a irmã pelo corredor do palácio, viu Evret vindo na direção delas. Seu coração disparou, mas Evret nem a olhou, apenas parou e saudou a rainha enquanto ela passava, um punho sobre o peito. Levana tentou chamar atenção dele, mas Evret permaneceu encarando a parede à frente, tão inexpressivo quanto uma estátua.

Só quando olhou para trás alguns passos depois foi que percebeu que ele estava indo para a troca de turno com um dos outros guardas. A troca de guarda foi rápida e eficiente, como um relógio bem lubrificado. Engolindo em seco, Levana se virou para a frente novamente, para não dar de cara com uma parede. Essa podia ser a chance dela de agradecer pelo pingente que estava naquele momento pendurado em seu pescoço, escondido sob a gola do vestido.

Conseguia ouvir as botas de Evret estalando atrás dela. Sentir a presença dele a puxando. Sua nuca formigou, e ela o imaginou olhando para ela. Admirando a curvatura do pescoço. O olhar descendo de forma íntima pelas costas.

Suas emoções estavam em frangalhos quando o grupo chegou ao corredor principal do palácio e virou para começar a subida na direção dos aposentos de Sua Majestade, no piso superior. Channary não gostava de tomar elevadores. Uma vez, dissera para Levana que se sentia majestosa tendo que levantar a saia para subir e descer escadas.

Levana precisou se esforçar para não perguntar se esse era o mesmo motivo para ela levantar a saia em todas as demais ocasiões também.

– Vossa Majestade?

Channary parou, e Levana quase se chocou com as suas costas. Ao se virar, viu uma garota não muito mais velha do que ela, usando roupas simples e práticas. Estava sem fôlego e vermelha, o cabelo caindo do coque frouxo em mechas desgrenhadas.

– Peço desculpa pela abordagem, minha rainha – disse a garota, ofegando. Ela se apoiou em um joelho.

Channary fez expressão de desprezo, enojada.

– Como você ousa se aproximar de mim de maneira tão informal? Vou mandar que seja chicoteada pelo desrespeito.

A garota tremeu.

– E-eu peço desculpas – gaguejou ela, como se não tivesse sido ouvida na primeira vez. – Fui enviada pelo dr. O'Connor, do centro médico AR-C, com uma mensagem urgente para...

– Eu perguntei quem mandou você? – disse Channary. – Sugeri de alguma maneira que importava de onde você foi mandada ou para quem essa mensagem se dirige? Não, porque não tenho tempo para ouvir todas as pessoas que procuram uma audiência comigo. Existe um método para que sua voz seja ouvida. Guardas, levem esta mulher.

Os olhos da garota se arregalaram.

– Mas...

– Ah, estrelas do céu, eu cuido do pedido dela – disse Levana. – Vá para sua prova, pois está evidente que é mais importante do que ouvir uma mensagem de uma garota que se matou de correr para chegar aqui.

Channary rosnou.

– Você não vai falar comigo de forma desrespeitosa na frente de uma das minhas súditas.

Levana passou as mãos na saia para não fechá-las em punhos.

– Eu não quis desrespeitá-la, minha rainha. Mas você parece ter muitas coisas na agenda de hoje, então, por favor, me permita ajudá-la com seus deveres reais. – Ela assentiu para a garota, que ainda estava ajoelhada. – Qual é sua mensagem?

A garota engoliu em seco.

– É para um guarda real, Vossa Alteza. Sir Evret Hayle. A esposa dele entrou em trabalho de parto. Eles temem... o médico... pediram que ele fosse vê-la imediatamente.

Levana sentiu um aperto no peito que tirou todo o ar de seus pulmões. Olhou para trás a tempo de perceber o horror surgindo no rosto de Evret.

Mas Channary começou a rir.

– Que pena. Sir Hayle começou o turno dele agora. A esposa vai ter que esperar até ele terminar. Venha, Levana. – Ela segurou a saia e começou a subir os degraus.

Evret olhou da garota – talvez enfermeira ou assistente – para as costas da rainha que se afastava. Parecia grudado naquele lugar no meio do corredor. Ir embora seria desobedecer a uma ordem direta de sua soberana. Um ato assim o marcaria como traidor e resultaria em uma punição que Levana só podia imaginar.

Mas a indecisão não diminuiu. Como ele devia estar desesperado para desafiar a rainha.

Além disso, a curiosidade de Levana foi aguçada. Bebês nasciam o tempo todo e complicações eram raras, mas, mesmo assim, Solstice parecia tão fraca...

Levana deu um passo à frente.

– Irmã?

Channary fez uma pausa quase no alto da escada.

– Vou à cidade e peço uma escolta. Vou levar Sir Hayle comigo.

Quando a irmã se virou, seu rosto estava assassino, mas Levana levantou a cabeça e fixou o olhar nela. Sofreria as consequências mais tarde, e sabia muito bem que haveria consequências. Mas duvidava que Channary fosse arriscar ser desafiada em público uma segunda vez, e, dessa forma, só ela levaria a culpa. Evret estaria apenas cumprindo ordens. *As dela.*

O momento eletrizado se prolongou por séculos. Levana esperou e imaginou conseguir sentir os batimentos apavorados de Evret, mesmo a seis passos de distância.

– Tudo bem – concedeu Channary, a voz indiferente, e toda a tensão pareceu sumir entre elas. Era uma liberação falsa, Levana sabia. – Se você passar pelo Bulevar do Lago, traga balinhas de maçã verde, por favor.

Com um movimento de cabelo, a rainha se virou e continuou subindo a escada.

Peculiarmente tonta, Levana percebeu que estava prendendo a respiração.

Só quando Channary não estava mais visível foi que Evret saiu da posição de alerta.

– Minha esposa? – perguntou ele, a emoção tomando conta da voz, dos ombros, dos olhos. Ele passou direto por Levana e segurou os cotovelos da enfermeira, botando-a de pé. Parecia cauteloso e ansioso, quase como se estivesse esperando por isso. – Ela está...?

Ainda pálida pelo encontro com a rainha, a enfermeira levou um momento para entender a pergunta, mas a solidariedade surgiu no semblante.

– Temos que ir logo.



LEVANA FICOU EM UMA SALA DE ESPERA enquanto a enfermeira acompanhava Evret por um corredor branco estéril no centro médico. Ela os viu parar em uma passagem, e o rosto dele estava tão contorcido de preocupação que Levana desejou poder envolvê-lo com seus braços e deixar que todas as suas angústias passassem para ela. A enfermeira abriu a porta, e, mesmo de longe, Levana ouviu um grito agudo antes de Evret desaparecer lá dentro e a porta ser fechada.

A esposa dele estava morrendo.

A enfermeira não falou isso, mas Levana sabia que era verdade. Estava claro que Evret fora chamado até ali às pressas porque seria sua única chance de se despedir, assim como estava claro que isso não era totalmente surpresa para ele. Talvez ela estivesse doente. Talvez a gravidez já tivesse sofrido complicações.

Levana se lembrou de quando viu Solstice no funeral. De que ela pareceu frágil como um vaso de porcelana. Da preocupação no rosto de Evret conforme eles seguiram pela fila de cumprimentos.

Levana começou a andar de um lado para o outro. Um nódulo holográfico preso à parede estava transmitindo, em silêncio, uma novela na qual todos os atores usavam máscaras elaboradas e fantasias, girando em uma dança graciosa, alheios às cadeiras vazias da sala de espera.

Ela não saía muito do palácio, mas naquele momento achou revigorante estar onde ninguém reconheceria o glamour que ela usava desde a coroação. A garota invisível, a princesa desconhecida. Ela podia ser qualquer pessoa, pelo que os médicos e enfermeiras

sabiam. O centro médico não era muito grande; doenças eram raras em Artemísia, então a clínica servia mais para consertar ossos quebrados, aliviar a passagem de algum idoso para a morte, ou, claro, o nascimento de bebês.

Apesar de ser pequena, a clínica estava movimentada. Os funcionários passavam pelos corredores com frequência, surgiam e desapareciam em incontáveis portas. Mas Levana só conseguia pensar em Evret e no que estava acontecendo atrás daquela porta fechada.

A esposa dele estava morrendo.

Ele ficaria sozinho.

Levana sabia que era muito errado pensar isso, mas não conseguia ignorar totalmente a fagulha que brilhou em seu peito.

Era o destino.

Era para ser.

As palavras gentis de Evret no funeral. O olhar tímido dele durante a comemoração do seu aniversário. O pingente da Terra. *Seu amigo e mais leal criado.*

Havia significado por trás das palavras, alguma coisa que ele não podia dizer antes? Seria possível que ele a quisesse tanto quanto ela o queria?

Evret parecia ser do tipo que nunca desprezaria os votos matrimoniais, por mais que desejasse outra. E, agora, não teria que fazer isso. Poderia ser dela.

Pensar nisso fez o corpo de Levana tremer de expectativa.

Quanto tempo ele demoraria para deixar suas intenções claras? Quanto tempo passaria de luto pela esposa antes de se dar permissão para se declarar para Levana, sua princesa?

Esperar seria um sofrimento. Ela teria que deixar claro que ele podia passar pelo luto e amar ao mesmo tempo. Ela não o julgaria, não com eles tão claramente destinados um ao outro.

O destino estava levando a esposa dele. Era como se as próprias estrelas estivessem abençoando a união.

A porta se abriu no corredor.

Sem esperar convite, Levana saiu correndo, com preocupação e curiosidade pulsando nas veias. Antes de chegar à passagem, um carrinho foi empurrado, e ela deu um pulo para trás, para não ser acertada na barriga.

Ao encostar na parede, Levana notou que não era um transportador médico qualquer, mas que carregava um minúsculo tanque de suspensão. O bebê deitado na superfície azul e gosmenta estava chorando e se remexendo, as mãos pequenas e os dedos enrugados balançando ao lado da cabeça. Os olhos ainda não estavam abertos.

Levana teve o instinto repentino e enorme de tocar na criança. De passar os próprios dedos pelos dedinhos pequeninos. De acariciar os tufo de cabelo preto na cabecinha macia.

Mas o bebê foi embora, levado às pressas pelo corredor.

Levana virou as costas para a passagem. Enquanto a porta se fechava, ela avistou Evret de uniforme de guarda, curvado acima da esposa. Um cobertor branco. Sangue nos lençóis. Um soluço.

A passagem se fechou completamente.

O som do choro de Evret ficou nos ouvidos de Levana, ressoando dentro do seu crânio. Sem parar.



UMA HORA SE PASSOU. Ela aguardou mais tempo na sala de espera. Ficou entediada. Passou pela porta fechada que a separava de Evret mais de dez vezes, mas ele não saiu lá de dentro. Começou a ficar com fome e percebeu que só precisaria dizer sua identidade para alguém e exigir que levassem alguma coisa para ela comer, e qualquer pessoa naquele lugar faria todo o possível para conceder o desejo dela. Essa percepção fez com que quisesse isso ainda menos, e ela se obrigou a ignorar a sensação no estômago.

Finalmente, ela começou a andar pelos corredores, encostando-se nas paredes quando as pessoas passavam, concentrada e determinada. Encontrou o berçário com facilidade e entrou para olhar os recém-nascidos por uma vidraça. Havia uma enfermeira do outro lado, administrando medicações e verificando sinais vitais.

Ela encontrou o bebê de Evret. Havia uma etiqueta impressa na lateral do tanque.

Hayle

3 janeiro 109 T.E. , 12:27 U.T.C.

Gênero: F

Peso: 3,1 kg

Altura: 48,7 cm

Então ele tinha uma filhinha. A pele dela era escura como a do pai, as bochechas redondas e delicadas como as de um querubim, e os tufo de cabelo eram compridos o bastante para formarem uma auréola ao redor da cabeça, principalmente agora que ela tinha sido limpa. Não estava mais agitada, só deitada em paz, o peito subindo e descendo a cada respiração. Ela era impossivelmente pequena.

Assustadoramente delicada.

Levana não tinha visto muitos bebês, mas conseguia imaginar que essa era a criança mais perfeita que já havia nascido.

A garotinha era o único bebê no berçário embrulhado em um cobertor que não era azul hospitalar. O tecido macio de algodão fora bordado à mão, com dez tons diferentes de branco e ouro criando uma paisagem cintilante ao redor do corpo da criança. Primeiro, Levana achou que era para parecer a superfície selvagem e desolada de Luna fora dos biodomos, mas reparou nos troncos pretos de árvores sem folhas e, em um ponto perto dos tornozelos da bebê, luvinhas vermelhas abandonadas na neve, do tipo que Levana conhecia das histórias infantis. Era uma cena da Terra, de uma estação escura e fria que Luna jamais experimentara. Ela se perguntou o que fizera Solstice pensar nisso.

Pois era claramente um trabalho de Solstice Hayle.

Inclinando a cabeça, Levana se permitiu imaginar que a bebê era dela. Que tinha sido *ela* a passar incontáveis horas amorosas criando aquela ilusão no tecido. Perguntou-se como seria ser uma mãe orgulhosa e exausta, amorosa e apaixonada, olhando para a garotinha saudável que trouxe ao mundo.

Seu glamour mudou quase sem que ela percebesse. Solstice Hayle. Esposa amada. Mãe satisfeita. Desta vez, Levana manteve a barriga reta e o corpo magro. Encostou um dedo no vidro e seguiu o contorno do rosto da bebê do outro lado.

Mas viu uma sombra. Sua própria sombra no vidro. Seu próprio reflexo.

Levana se encolheu, e o glamour se desintegrou. Ela se virou e escondeu o rosto com as duas mãos.

Demorou um tempo para afastar a imagem dos pensamentos. Para conjurar o glamour da pele pálida, do cabelo liso, dos olhos azuis gelados.

– Você pode vê-la daqui – disse uma voz do corredor.

Levana levantou a cabeça quando Evret foi levado para a sala de visualização. Ele parecia ter acordado de um sonho horrível. Os olhos estavam vermelhos quando pousaram em Levana, e ele passou um momento piscando. Como se não pudesse vê-la, ou não conseguisse identificar de onde a conhecia.

Levana engoliu em seco.

O reconhecimento surgiu nos olhos dele, e ele inclinou a cabeça.

– Vossa Alteza. Eu não sabia que você ainda estaria aqui... – O maxilar dele se moveu por um momento. – Mas é claro, você deve precisar de acompanhamento. Eu... peço desculpas por tê-la feito esperar.

– De jeito nenhum – disse ela. – Eu poderia ter chamado...

Mas ele não estava mais olhando para ela. Sua atenção tinha sido desviada para a janela, onde encontrou sua filhinha. Uma emoção infinita surgiu no olhar quando ele apoiou os dedos no parapeito.

Ali, entre o coração partido e a solidão, havia amor. Tão aberto e intenso que roubou o fôlego de Levana.

O que ela não daria para ser olhada assim.

– Me falaram que ela vai ficar bem – disse ele.

Levana ficou de costas para a janela, com medo de ver seu reflexo e perder o controle do glamour de novo. Com medo de que, se Evret a visse como ela realmente era, não fosse querê-la mais.

– Ela é linda – disse ela.

– Ela é perfeita – murmurou ele.

Levana ousou observar o perfil dele. Os lábios cheios, a curva da testa.

– Ela se parece com você.

Ele não respondeu por muito tempo. Só ficou olhando para a filha enquanto Levana olhava para ele. Finalmente, Evret falou:

– Acho que ela vai ter o jeito da mãe quando ficar mais velha. – Ele fez uma pausa, e Levana viu a tensão do pomo de adão na garganta dele. – A mãe dela... – Não conseguiu terminar. Levou as mãos até a boca, os dedos entrelaçados. – Eu daria qualquer coisa... – Ele encostou a testa no vidro. – Ela vai crescer sem mãe. Isso não é certo.

Levana sentiu seu coração se esticando, como se quisesse chegar mais perto dele, se conectar desesperadamente.

– Não diga isso – sussurrou ela, colocando a mão hesitante no braço de Evret, feliz quando ele não recuou. – Essas coisas acontecem por um motivo, não é? Olhe a filha que ela deu para você. Sua esposa serviu ao propósito dela.

Levana reconheceu a dureza da declaração no momento em que Evret se afastou dela. Ele se virou para olhar para ela, chocado, e uma vergonha imediata se espalhou pela pele de Levana.

– Não é... eu não quis dizer isso. Só que... que você e essa criança ainda têm a vida toda pela frente. Sei que você deve estar sofrendo agora, mas não desista da esperança de felicidade futura e de todas as coisas boas que ainda vão acontecer com você.

Ele contraiu o rosto, como se sentindo dor física, e ocorreu a Levana que ela devia estar dizendo só coisas erradas. Queria consolá-lo, mas não conseguia imaginar ficar arrasada com a perda de alguém. Nunca tinha sentido isso.

Além do mais, o futuro estava claro para ela agora, mesmo que

Evret não conseguisse enxergar em meio à dor. Ele passaria a *amá-la*, Levana, quando ela tivesse a oportunidade de fazê-lo feliz.

– Mandei uma mensagem para um amigo, outro guarda, Garrison Clay. Ele e a esposa estão a caminho daqui para ajudar... – Ele inspirou fundo, trêmulo. – Para ajudar com os preparativos e... a bebê... – Ele limpou a garganta. – Ele pode acompanhá-la de volta ao palácio. Infelizmente, não vou servir de nada no meu estado atual, Vossa Alteza.

Os ombros de Levana murcharam. Ela estava cheia de fantasias a respeito do que poderia acontecer quando Evret a levasse de volta, a acompanhasse até os aposentos dela, percebesse que não precisava mais ser fiel a apenas uma mulher.

Nenhuma dessas fantasias envolvia deixá-lo ali chorando.

– Eu posso ficar com você – disse ela. – Posso consolar você. Posso...

– Não é seu papel, Vossa Alteza, mas obrigado pela sua gentileza. Eu prefiro que não me veja assim.

– Ah. – Ela repassou a confissão pela mente, se perguntando se era para soar lisonjeira.

– Eu ainda não agradei pelo que fez hoje, Vossa Alteza. Com a rainha. Mas tem minha gratidão. Sei que não pode ter sido fácil.

– Claro. Eu faria qualquer coisa por você.

Evret olhou para ela com surpresa e quase alarmado. Hesitou, antes de se virar.

– É muito graciosa, princesa. Mas eu sou só um guarda. Meu lugar é *servindo-lhe*.

– Você *não* é só um guarda. Você é... talvez seja meu único amigo. Ele fez uma careta, e ela não conseguiu entender.

Ela baixou a voz:

– Pelo menos você foi a única pessoa que me deu um presente de aniversário.

A expressão de dor se transformou em solidariedade, e enquanto o olhar sofrido se fixava nela de novo, ela tirou o pingente de onde estava, guardado embaixo do corpete do vestido. A tristeza dele só pareceu aumentar quando o viu.

– Estou usando todos os dias, desde que você me deu – disse ela, ousando falar mesmo com o desejo na garganta. – Valorizo mais do que todas as joias da coroa, mais... mais do que tudo nesta lua.

Com um suspiro pesado, Evret segurou o pingente e o envolveu com os dedos de Levana, depois cobriu a mão dela com as suas duas. Ela se sentiu diminuta e delicada, como se na palma da mão estivesse o seu coração, e não um pingente antigo.

– Você é uma garota adorável – disse Evret – e merece as joias mais valiosas que já adornaram uma princesa. Estou honrado de me considerar seu amigo.

Levana achou que ele a beijaria, mas Evret só afastou as mãos e se virou para a janela.

O coração dela estava disparado agora, e ela sabia que a pele estava vermelha. Permitiu que um pouco de cor vazasse pelo glamour.

– Não sou como Channary. Não quero joias. O que desejo é bem mais precioso do que isso. – Levana se aproximou até seu ombro roçar no braço dele. Evret se afastou, muito sutilmente.

Ele está de luto, ela lembrou a si mesma. Está fazendo o que acha ser adequado.

Mas ser adequado parecia tão irrelevante quando o sangue dela estava fervendo sob a pele. Quando ela sentia que o coração ia pular

pela caixa torácica se ele não a tomasse nos braços.

Ela passou a língua pelo lábio inferior, todos os sentidos ampliados, e se aproximou dele de novo.

– Sir Hayle... *Evret*... – A sensação do nome dele nos lábios, nunca sussurrado de forma tão íntima fora das fantasias dela, gerou um arrepio na espinha.

Mas ele se afastou de novo, e sua voz mudou. Estava mais severa agora.

– Acho que seria melhor que esperasse no saguão, Vossa Alteza. A frieza repentina dele a fez parar, e Levana lentamente recuou um passo para trás.

Luto. Ele está de luto.

Ela engoliu em seco, os sonhos desmoronando.

– Me desculpe. Eu não estava... Eu não queria... Nem posso imaginar o que você está passando...

A expressão dele se suavizou, mas continuou sem olhar para ela.

– Eu sei. Tudo bem. Sei que só quer ajudar. Mas, por favor, Vossa Alteza. Eu gostaria de ficar sozinho agora.

– Claro. Eu entendo. – Mas, na verdade, não entendia.

Levana o deixou mesmo assim, porque ele pediu e ela faria qualquer coisa por ele. Podia não entender a sua dor, mas *entendia* que Evret Hayle era um bom homem e que Solstice tivera muita, muita sorte.

Em breve, Levana disse para si mesma. Sua vida estava mudando, e, em breve, ela talvez pudesse ter muita, muita sorte também.



ELA SONHAVA COM ELE CONSTANTEMENTE. Segurando a mão dela no salão de jantar enquanto a irmã tagarelava sem parar sobre os vestidos novos que encomendara. Olhando para Levana com amor pela sala do trono enquanto os taumaturgos falavam sobre políticas ultrapassadas que Channary jamais se daria ao trabalho de entender e melhorar. E todas as noites ele se deitava na cama com ela, a envolvia com os braços musculosos e dava beijos quentes em seu pescoço.

Uma parte imaginada dele estava com Levana quando ela acordava todas as manhãs.

Uma sombra dele a seguia por todos os corredores.

Cada vez que ela via um uniforme de guarda com o canto do olho, seu coração disparava e a cabeça se virava para ver se era Evret, embora mais comumente fossem só os seus próprios guardas idiotas a seguindo respeitosamente de longe.

Três dias se passaram, e o tempo oficial de luto dele terminou, mas ela não o viu.

Uma semana.

Ocorreu a Levana que ele podia ter pedido licença do palácio para cuidar da morte da esposa e passar um tempo com a filha recém-nascida, e ela tentou ser paciente. Dar a ele espaço e tempo. Esperar até que Evret a procurasse, porque é claro que a procuraria. Claro que sentia falta dela tanto quanto ela sentia falta dele.

Levana o imaginava na cama à noite, sozinho e sonhando com ela em seus braços.

Ela o imaginava entrando nos aposentos dela, caindo de joelhos e confessando o quanto a adorava, o quanto não conseguia viver mais um momento sem saber o gosto dos lábios dela.

Levana os imaginava como uma família feliz, ela e Evret e a

menininha, brincando de faz de conta juntos nas salas de brinquedos do palácio. Sonhava com uma criança gordinha subindo no seu colo e adormecendo em seus braços. Via o olhar suave de Evret sobre as duas, sabendo que a família estava completa.

Que eles foram feitos para ficar juntos.

Que ela era o amor da sua vida.

Mais uma semana se passou, e ela não teve notícias dele, não o viu em lugar nenhum. A cada dia, sua saudade crescia e crescia.

Então, depois que um longo dia se passou, a fantasia virou realidade.

Houve uma batida na porta dos aposentos particulares dela, e Sir Evret foi anunciado.

Levana saiu do cantinho onde estava assistindo a um documentário sobre a colonização inicial de Luna e desligou o nódulo holográfico na mesma hora que conjurou o glamour da garota pálida e invisível.

– Evret! – exclamou ela, o coração disparado no peito.

Ele deu um passo para trás, assustado, talvez pela exuberância ou pela familiaridade com que ela usou o seu nome. Estava segurando uma pilha de tecido preto e dourado nos braços.

Os dois guardas pessoais dela o ladeavam, inexpressivos como estátuas.

– Vossa Alteza – disse Evret com uma reverência.

– Entre, por favor. É... Estou tão feliz de ver você. Andei pensando em você. Vou pedir um chá.

A testa dele estava contraída. Ele não passou pela soleira da porta.

– Obrigado pela hospitalidade, Vossa Alteza, mas tenho que me apresentar para minha volta ao dever esta tarde. Eu só queria lhe

trazer isto.

Ela hesitou. Volta ao dever? Então ele estava de licença. Levana achou que isso seria um alívio, pois parte dela estava com medo de Evret a estar evitando de propósito, mas também era muito exasperante pensar que ele precisara de duas semanas inteiras para lidar com o luto pela esposa e para se aproximar da filha.

– Não seja bobo – disse ela, abrindo mais a porta. – Vou cuidar para que seu atraso seja desculpado. Entre, só por um minuto, por favor. Eu... andei preocupada com você. Queria saber como estava.

Ele continuou hesitante e olhou para os tecidos.

– Sir Hayle. Não me faça dar uma ordem. – Ela riu, mas o maxilar dele apenas se contraiu em resposta. E, então, entrou. Os olhos percorreram o aposento como se tivesse acabado de entrar em uma jaula. Ela fechou a porta quando ele passou.

As palmas das mãos dela estavam ficando úmidas e sua pulsação zumbia.

– Venha. Sente-se. Eu não sabia que você estava de licença. Mas fiquei pensando... – Ela foi até a sala e sentiu que as pernas tremiam quando se sentou no divã acolchoado. Evret não se aproximou. Não se sentou.

Ela fingiu não reparar na ansiedade dele, mas reparou, *sim*.

Isso só fez o nervosismo de Levana aumentar, lembranças de mil fantasias a esmagando. Fantasias que tinham começado como frutos de sua imaginação, mas que agora eram reais. Ele estava *ali*.

– Fale, Evret. Me conte o que aconteceu com você desde que nos vimos pela última vez.

Ele se contraiu, como se estivesse se preparando para um golpe. Sua expressão ficou estoica e profissional, o olhar pregado no quadro

acima do ombro de Levana.

– Fiquei agradecido por poder ter esse tempo para tomar as providências em relação à minha falecida esposa, como sabe, Vossa Alteza, e também para resolver a questão das mercadorias da loja dela. – A voz de Evret começou a falhar, mas ele se recuperou rapidamente. – Passei a última semana arrumando a loja e fazendo leilão dos bens que reuni.

A boca de Levana se repuxou em um O surpreso. Ela nunca tinha pensado no que precisava ser feito quando alguém morria. Depois da morte dos pais, os taumaturgos e criados cuidaram de tudo.

– Eu... sinto muito – gaguejou ela, achando que devia ser uma frase apropriada a dizer. – Sei que você passou por muita coisa.

Ele assentiu, como se aceitando a compaixão.

– E como está a criança?

– Ela está bem, Vossa Alteza, obrigado. – Ele inspirou fundo e esticou a pilha que tinha nos braços. – Quero que fique com isto.

– Obrigada, Evret. O que é?

Levana esperava que, ao não sair de onde estava no divã, Evret se sentisse compelido a chegar mais perto. A se sentar ao lado dela. A finalmente olhar nos seus olhos.

Mas ele só desdobrou o tecido e o abriu, revelando a colcha elaborada da Terra que Solstice fizera, metade se acumulando nos pés dele.

Levana ofegou. Era tão deslumbrante quanto ela lembrava, mais ainda quando cercada do luxo dos aposentos reais.

– Foi Sol quem fez – disse Evret, com a voz pesada –, mas acho que já sabe disso.

Levana subiu o olhar pelos pedaços cintilantes da Terra costurados

no tecido, até seus olhos estarem fixados em Evret de novo.

– É magnífico. Mas por que você está dando para mim?

O rosto dele começou a se franzir, e ele pareceu estar segurando as emoções por determinação teimosa.

– Sol me contou que Vossa Alteza foi à loja dela. Disse que admirou a colcha. – Ele engoliu em seco. – Achei que ela gostaria que Vossa Alteza ficasse com isto. Pois era a princesa dela, assim como é a minha. E também pensei... que queria mostrar minha gratidão por ter persuadido Sua Majestade a me deixar ir quando Sol estava... Vossa Alteza nunca compreenderá o que aquilo significou para mim. Saiba que terá minha gratidão até o dia da minha morte.

Levana limpou a garganta e olhou para a colcha. Adorava tudo nela: o desenho, o talento artesanal impecável. Adorava o fato de Evret estar dando para *ela*. Mas também sabia que nunca poderia olhar para uma coisa que a esposa dele confeccionara sem sentir uma pontada de ressentimento.

– A colcha é extraordinária – disse ela por fim, levantando-se. – Se você não se incomodar, vou guardar em algum lugar seguro, e podemos dá-la para a sua filha quando ela estiver mais velha. É ela quem devia ficar com a colcha.

Evret arregalou os olhos de surpresa e relaxou lentamente em um sorriso hesitante.

– Eu... obrigado, Vossa Alteza. Isso é... – Ele afastou o olhar e apertou os lábios com emoção. – É muita gentileza sua. *Vossa Alteza é incrivelmente gentil. Obrigado.*

Ela balançou a cabeça.

– Não precisa me agradecer. Não quero sua gratidão, Evret.

Ele relaxou os braços também, e a colcha se espalhou um pouco

mais à frente dele.

– Minha amizade, então – disse ele. – Se ainda quiser. Embora eu seja apenas um guarda e não mereça uma amiga assim.

O sorriso dele foi tão desconcertante que Levana teve que virar o rosto, vermelha. Conseguia sentir as bochechas ficando quentes. O coração era um vulcão agora, com lava fervente correndo pelas veias.

– Não, Evret. Você precisa saber que penso em você como mais do que... mais do que apenas um amigo.

O sorriso ficou paralisado. A testa dele tremeu em uma sugestão de pânico.

– Vossa Alteza... eu... – Ele balançou a cabeça. – Eu não queria que minha vinda aqui...

– O quê? – disse ela, dando um passo na direção dele.

– Causasse a impressão errada – disse ele, aliviando as palavras com outro sorriso hesitante. – Você é uma garota doce. Às vezes, acho que está... confusa, mas sei que tem boas intenções. E sei que é solitária. Vejo como se destaca em relação ao resto da corte.

Levana ficou tensa, morrendo de vergonha ao pensar em tudo que ele tinha visto. As provocações de Channary, as risadas da corte...

– Sei que precisa de um amigo. Posso ajudar. Posso estar por perto. – Ele largou uma ponta da colcha e passou a mão no rosto. – Me desculpe, está saindo tudo errado. Eu não queria parecer tão...

– Condescendente?

Ele fez uma careta.

– Eu *gosto* de você. É o que estou tentando dizer. Estarei por perto se precisar de alguém com quem conversar, alguém com quem possa ser você mesma.

Levana mordeu o lábio inferior, irritada, mas também tão cheia de

adoração por esse homem que sentia vontade de chorar. O olhar acompanhou os continentes da Terra, as costuras com beiradas rudimentares e o fio dourado cintilante. Ela inspirou profundamente.

– Eu sei – disse ela. – Sei que você gosta de mim. Você é o único. – Sorrindo com timidez, ela ousou olhar nos olhos dele de novo. – Primeiro o pingente e agora a colcha. Parece que está tentando me dar o mundo, Sir Hayle.

Ele balançou a cabeça.

– Só um pouco de gentileza, Vossa Alteza.

O sorriso dela aumentou quando ela chegou mais perto, os pés descalços pisando na luxuosa colcha, atravessando a Antártica, o oceano Atlântico...

– Tem certeza? – perguntou ela, imitando a forma sedutora como viu Channary olhar pelos cílios entreabertos para um potencial pretendente. – Tem *certeza* de que só veio aqui para isso, Sir Hayle?

Evret estava olhando para os pés dela sobre a colcha. Ele franziu a testa.

– Vossa Alteza?

– Eu não estou *confusa*, Evret. Não estou *solitária*. – Levana segurou a beirada superior da colcha, e Evret soltou. Ela deixou que caísse no chão, e a expressão alarmada voltou ao rosto dele.

Evret deu um passo para trás, mas sem nem perceber o que estava fazendo, Levana projetou seu dom e segurou os pés dele no lugar.

– O q...?

– Estou apaixonada por você, Evret.

A preocupação foi multiplicada cem vezes.

– Vossa Alteza... não, isso não...

– Eu sei. Eu *sei*. Você era feliz no casamento. Amava muito sua

esposa. Eu entendo. Mas ela se foi, e eu estou aqui, e você não percebe? Era para ser assim. Sempre foi para ser assim.

Ele estava com a boca aberta agora, olhando como se não a reconhecesse. Como se não tivesse sorrido docemente para ela um momento antes e dito todas aquelas coisas carinhosas. Como se já não tivesse confessado a verdade.

Amizade. Amizade.

Não. O pingente, a colcha, a presença dele ali sozinho nos aposentos dela.

Esse não era um homem que queria ser amigo dela. Ele era seu tanto quanto ela era dele.

Ele levantou as mãos para impedi-la quando Levana se aproximou novamente.

– Pare com isso – sibilou ele, mantendo a voz baixa, como se preocupado de os guardas lá fora ouvirem e interromperem. – Era disso que eu tinha medo. Sei que tem – ele lutou por um momento para encontrar uma palavra – *sentimentos* por mim, Vossa Alteza, e fico lisonjeado, mas estou tentando...

– Eu poderia ser ela, sabe – interrompeu Levana. – Se isso tornar mais fácil para você.

A testa dele se franziu de consternação.

– *O quê?*

– Sou muito boa nisso. Você viu... viu como sei ser convincente.

– O que você...?

O glamour de Solstice Hayle veio mais fácil desta vez, um pouco mais fácil a cada vez que o experimentava. Levana tinha certeza de que tinha a mulher na memória, desde o arco suave das sobrancelhas até os cachos sutis nas pontas do cabelo cheio e comprido.

Evret se encolheu para longe dela, embora os pés estivessem grudados no chão.

– Princesa. Pare com isso.

– Mas é o que você quer, não é? Assim, você pode ter as duas. Vou ser sua esposa. Vou ser a mãe da sua filha. Em pouco tempo, as pessoas vão esquecer a que morreu, vamos ser só eu e você e nossa família perfeita, e você vai ser *príncipe*, Evret, o que é bem melhor do que ser guarda, e...

– *Pare!*

Ela parou, o fogo nas veias apagado pela raiva no tom dele. A respiração de Evret estava irregular, e ele estava tão inclinado para trás que Levana teve medo que caísse. Fazendo uma careta, ela libertou o poder que tinha sobre os pés dele, e ele cambaleou para trás até estar encostado na parede.

– Por favor – disse ele. – Por favor, volte a ser como antes. Você não entende... não sabe como está me magoando.

Um constrangimento subiu pela garganta de Levana, acompanhado de uma determinação igualmente forte. Ela chegou mais perto e quase tocou nele. Evret tentou se encolher, mas não tinha para onde ir.

– Você não pode me dizer que não me quer. Depois do presente de aniversário e do cartão. Depois... de todas as vezes que sorriu para mim e...

– Pelas estrelas, princesa, eu estava tentando ser *gentil*.

– Você me ama! Não negue.

– Você é uma criança.

Ela trincou os dentes, tonta de desejo.

– Sou uma mulher, tanto quanto Solstice era. Tenho quase a

mesma idade que minha mãe quando se casou.

– Não. *Não*. – Os olhos dele estavam cintilando agora. De raiva, talvez.

Ou paixão.

Ela olhou para as mãos fechadas, imaginou-as em sua cintura, puxando-a mais para perto.

– Eu sei que estou certa. Não precisa mais negar.

– Não! Está *errada*. Eu amo minha esposa, e apesar de se parecer com ela agora, você *não* é ela. – Ele virou o rosto para longe e fez uma careta por causa das próprias palavras. – Na última vez que estive neste palácio, eu desobedeci minha rainha, e agora insultei minha princesa antes mesmo de voltar ao meu posto. Eu não posso... – Ele fez outra careta. – Pela minha palavra, vou entregar meu pedido de demissão da guarda real esta noite e vou implorar para que a coroa tenha misericórdia.

Os olhos de Levana estavam molhados, mas ela piscou para afastar as lágrimas.

– *Não*. Recuso sua demissão, e vou dizer para Channary recusar também.

Ele grunhiu.

– Vossa Alteza, por favor, não...

– Eu não vou deixar. E não vou deixar que negue o que sei ser verdade no meu coração.

Levana sempre foi bem mais adepta de usar o glamour a controlar as emoções das pessoas. Esse tipo de manipulação era melhor quando deixado para os taumaturgos, com todo seu treinamento e suas habilidades.

Mas, agora, ela abria caminho pelos pensamentos de Evret com a

facilidade com que enfiaria a mão em terra molhada. Guardas sempre eram fáceis de controlar, uma medida de segurança, e Evret não era diferente. A mente dele não ofereceu resistência.

– Você me ama – disse ela. *Implorou*. Ela apertou o corpo no dele e sentiu o calor, a força e a intensidade das mãos que seguraram os braços dela de repente. – Você me ama.

Ele virou a cabeça. Ela conseguia ver a luta no seu rosto, sentir a resistência que ele tentou erguer na mente. No coração.

Uma tentativa patética.

Ele não podia resistir a Levana. Ela não permitiria. Não agora. Não quando ele deveria ser dela. Quando ela sabia que Evret queria tanto quanto ela, se ao menos aceitasse *ver*.

– Você me ama – sussurrou ela, a voz mais suave desta vez. – Nós fomos feitos um para o outro. Você e eu. Isso é destino, Evret. *Destino*.

– Princesa...

Ela encheu o coração dele de desejo, o corpo de vontades, a mente com a mesma certeza que sentia. Derramou todas as suas emoções nele e sentiu a resistência desmoronar. Ele tremeu, sobrecarregado com todos os sentimentos que *a* sobrecarregavam.

– Me diga que estou certa. Diga que me ama.

– Eu... eu amo você. – As palavras foram um mero murmúrio, rachando de desespero, e o corpo dele todo tremeu com a libertação. – *Sol...*

O nome gerou uma onda de ódio nela, mas foi esquecido quando Evret Hayle a puxou para perto e a beijou. Ela ofegou nos lábios dele, e ele falou de novo, respirando a palavra para dentro dela.

Sol...

E aí, ela se afogou. Ela se afogou em sensações e calor e no próprio

sangue correndo e no desejo e na vontade, e ele a amava...

Ele a amava.

Ele a amava.

... *ele a amava...*



– AQUELE LÁ ESTÁ SENDO DIFÍCIL – disse Channary, batendo o pé com a música orquestrada acelerada e colocando uma cereja vermelha brilhante entre os dentes. Inclinação por cima da amurada, ela jogou o cabinho do alto da sacada, deixando que caísse até o chão do salão de baile e se perdesse no caleidoscópio de vestidos e penteados elaborados.

Ao seu lado, Levana não se inclinou nem balançou o pé e nem tentou discernir a qual pretendente a irmã estava se referindo. Sua atenção estava fixada em Evret, imóvel como uma rocha e imponente ao lado da escadaria do salão de baile, em um uniforme idêntico ao de todos os outros guardas, mas parecendo mais da realeza do que da força contratada.

Sua expressão estava composta e severa. Ele não olhou para ela nenhuma vez desde que o baile começou.

– Ah, entendi – disse Channary, virando o olhar na direção de Levana, depois na de Evret. – Agora que tem seu brinquedinho, você não quer me ouvir falar sobre o meu?

– Ele não é brinquedo.

– Não? Uma marionete, então.

Levana apertou os punhos nas laterais do corpo.

– Ele também não é uma marionete.

Channary deu um sorrisinho. Virou-se de costas para a amurada e fez sinal para um dos criados. Ao lado delas em um momento, o criado se apoiou em um joelho e segurou uma bandeja acima da cabeça, para que Channary pudesse inspecionar o que ele oferecia. Uma dezena de copos de licor arrumados em espiral na bandeja, cada um contendo uma bebida de cor diferente. Channary escolheu um laranja, denso como xarope.

– Fique aqui para o caso de eu querer outro – disse ela, se virando novamente para a irmã. – Se ele não é um brinquedo e nem uma marionete, por que em nome de Cyprus Blackburn você passou o último mês vestida como a esposa simplória dele?

As bochechas de Levana foram tomadas de calor, mas o glamour nem tremeu. Sempre calma, sempre composta, sempre alegre, delicada e adorável. Era assim que se lembrava de Solstice Hayle pelas breves interações delas. Era assim que queria que todo mundo a visse agora.

– A pobre mulher morreu no parto – disse Levana. – Estou fazendo uma homenagem.

– Você está brincando com a cabeça dele. – Um sorriso malicioso surgiu no rosto de Channary. – E isso me deixaria bem orgulhosa se você tivesse coisas maiores em mente. Um guarda de palácio, sinceramente. Quando terminar com ele, quem sabe você possa ficar de olho em um dos jardineiros.

Levana olhou para a irmã.

– Você é uma hipócrita. Quantos guardas do palácio fizeram companhia a *você* ao longo dos anos?

– Ah, incontáveis. – Channary tomou um gole de bebida, e o sorriso malicioso permaneceu quando ela baixou a taça e inspecionou o

conteúdo da cor de papoula novamente. Ela cheirou para identificar o que era. – Mas nunca em detrimento de me divertir em outro lugar. Idealmente, uma dama deve ter três brinquedos de uma vez. Um para oferecer romance, um para levá-la para a cama e um para adorná-la com joias muito caras.

Uma pálpebra de Levana começou a palpitar.

– Você nunca teve Evret.

Rindo com gosto, Channary colocou a bebida quase intocada na bandeja e escolheu uma verde-água, salpicada com algo branco e translúcido na superfície. O criado não se mexeu.

– Verdade. Mas tenho certeza de que ele seria bem menos problemático do que o agente Dubrovsky. – Ela suspirou. – Aquele descarado.

Dubrovsky? Levana apertou os olhos para o movimento de pessoas dançando. Demorou um tempo, mas ela finalmente viu o agente dançando com um jovem cavalheiro cujo nome ela não lembrava. Herdeiro de uma das famílias, ela tinha certeza.

– Talvez a dificuldade esteja nas preferências pessoais dele.

Channary estalou os dedos.

– Eu fiquei sabendo que ele não é seletivo. Só que, evidentemente, não está interessado na rainha. Não consigo entender. Estou dando mole para ele desde o pôr do sol.

Levana olhou para baixo e viu que o braço do criado estava começando a tremer. As bebidas nas taças de licor estavam vibrando. Ela escolheu uma bebida que parecia chocolate derretido.

– Pode ir.

Channary pegou um licor da cor de narcisos antes de o criado se afastar e ficou segurando as duas taças na mão enquanto se apoiava

na amurada da sacada. Concentrou o olhar no agente de novo. Não de um jeito encantado, mas como se estivesse analisando uma estratégia de guerra.

– Se você o quer tanto – disse Levana –, por que não faz lavagem cerebral para que ele a queira de volta? Seria bem mais simples.

– Você fala como se tivesse experiência com coisas assim.

Com o estômago contraído, Levana não pôde impedir que seu olhar se desviasse para Evret novamente. O estoico e imóvel Evret. Os olhos dele a seguiam pelo salão, como os dela o seguiam? Ele lhe lançava olhares escondidos quando Levana não estava olhando? Se sim, ela ainda não tinha percebido, nenhuma vez desde o primeiro beijo nos aposentos dela.

– Manipular a presa é uma maneira fácil de trapacear no jogo – disse Channary. Colocou a língua no copo azul, cobriu-a de pó prateado e bebeu. A expressão foi de satisfatória surpresa. – Mas não quero ganhar assim. Vou ganhar quando entrar na história lunar como a rainha mais desejável a andar por esses corredores.

– A rainha mais sem discernimento, pelo menos. Você não quer um dia... amar alguém?

– *Amor*. Como você é criança. – Sem premeditação aparente, Channary virou as duas bebidas em sucessão. Fez cara feia ao sentir o gosto combinado das duas e começou a rir. – Amor! – gritou para a pista de dança, tão alto que alguns músicos levaram um susto e a música oscilou momentaneamente antes de retomar o ritmo. – O amor é uma conquista! O amor é uma guerra! – Algumas pessoas lá embaixo tinham parado de dançar para olhar a rainha louca. Levana se afastou dela. – Eis o que eu penso do amor!

Channary jogou as taças vazias na multidão, com toda a força que

conseguiu. Uma se estilhaçou no chão encerado. A outra acertou o parceiro do agente Dubrovsky no olho. Ele deu um grito e levantou as mãos, mas tarde demais.

Uma risadinha perversa brotou de Channary, mas foi rapidamente sufocada por uma mão delicada cobrindo a boca.

– Ops! – cantarolou ela, depois gargalhou com sinceridade e se afastou da amurada. Chocada, Levana a seguiu. Elas ignoraram os convidados que se curvaram em reverências quando passaram. A rainha parecia fanática com sua gargalhada.

– E você acha que isso vai atrair seu agente para você? – perguntou Levana, abandonando a bebida intocada em uma mesinha. – Atacar os parceiros de dança dele?

– Não pode ser mais absurdo do que a sua tática. – Channary se virou para ela, fazendo-as pararem de repente na rampa sinuosa que contornava o salão de baile e ligava a pista principal à primeira sacada. – Você acha mesmo que, ao mudar seu glamour para ficar parecida com a esposa morta dele e ao manipulá-lo algumas vezes por dia, você vai fazer com que se apaixone por você?

Levana se irritou.

– Eu não preciso fazer nada. Ele já está apaixonado por mim. E eu o amo. Mas acho que você não entenderia.

Com um sorrisinho, Channary baixou a cabeça e a voz:

– Se você realmente acredita que ele a ama, por que o manipula? Por que não o deixa manter as emoções intactas? Na verdade, por que não mostra como realmente é? – Ela riu com deboche. – Ou você tem medo de ele sair correndo da sala aos gritos se fizer isso?

Uma fúria explodiu dentro da cabeça de Levana. Ela começou a tremer de repente, e até o glamour demonstrava a raiva. Fazia muito

tempo que não perdia o controle assim.

Respirando devagar, ela se obrigou a relaxar. A irmã insultava os outros para poder se sentir melhor consigo mesma. Era digna de pena, isso sim.

– Ele ainda está de luto – disse Levana, medindo as palavras. – Como eu o amo, estou tentando tornar a transição a mais fácil possível para ele.

Com os olhos cintilando, Channary inclinou a cabeça para o lado.

– Ah, sim. *Todos* podemos ver o quanto você está tornando a transição fácil para ele.

Levana levantou o queixo.

– Não ligo para o que pensa. Eu vou me casar com ele. Quando ele estiver pronto, vou me casar com ele.

Channary ergueu a mão e deu um tapinha leve na bochecha de Levana. Embora fosse um toque delicado, Levana se afastou do gesto.

– Então você é mais idiota do que eu pensava, irmãzinha. – Ela baixou a mão, permitiu que as alças do vestido estrategicamente caíssem um pouco e passou por Levana na direção da pista de dança.

Levana fechou os olhos e tentou sufocar a música que explodia ao redor, as gargalhadas debochadas dos convidados, as palavras de provocação da irmã. Channary não entendia. Levana não estava só tentando substituir a esposa morta de Evret, ela ia lhe mostrar que era uma escolha melhor. Seria mais apaixonada, mais dedicada, mais enigmática. Faria com que ele esquecesse que teve outro amor.

Mas o estômago ainda estava com um nó quando ela abriu os olhos e olhou para a pista de dança. Para todas as moças bonitas e rapazes bonitos e suas roupas bonitas e seus glammers bonitos. Talvez não bastasse assumir o glamour da esposa de Evret. Não se ela quisesse ser

melhor do que Solstice de todas as formas.

Ela recuou e se afastou da multidão rodopiante, até suas costas baterem na parede. Uma tapeçaria balançou contra seu ombro. Um globo cintilante acima da cabeça emitia uma aura leve para os poucos casais na rampa.

Ela pensou em Solstice, a mulher que Evret tanto amara.

Levana decidiu que seu cabelo seria um pouco mais brilhante e, num impulso, acrescentou um toque de ruivo; para fazer um contraste, para deixá-la mais atraente. Seus olhos seriam maiores, com mais profundidade de cor. Os cílios mais densos e a pele cintilante e impecável. O busto seria um pouco mais amplo e a cintura um pouco mais fina, e os lábios seriam um pouco... não, não um pouco. Seus lábios seriam vermelhos, impressionantes e vívidos.

Quando Evret olhasse para ela, veria perfeição.

Quando *qualquer* homem olhasse para ela, veria perfeição.

Talvez sua irmã estivesse certa. Talvez ela fosse verdadeiramente horrenda. Mas, enquanto conseguisse enganar todo mundo, que importância isso tinha? Se quisesse, poderia fazer até mesmo aquele agente desejá-la.

Ela esperou o glamour estar totalmente montado. Era nessas visões que ela era boa. Na habilidade de fazer seu glamour tão real que não havia mais utilidade para a sua própria pele.

Mais uma vez confiante, ela deslizou até a base da rampa. Algumas cabeças se viraram quando ela passou entre os dançarinos. Ela não foi diretamente para Evret, mas fez reverências e sorriu para os nobres que a olhavam com curiosidade, seguindo uma trilha lenta e firme pelo salão.

Mesmo assim, estava quase perto o bastante para tocar nele

quando o olhar ausente se fixou nela. Por um momento, ele pareceu olhar através dela. Em seguida, houve perplexidade, quando os olhos escuros percorreram o corpo antes de voltar para o rosto.

Em seguida, uma mistura estranha. Desejo, ela tinha certeza... mas também medo, talvez?

Ela não sabia como interpretar aquilo.

– Sir Hayle – disse ela, e, naquele momento, fez a escolha repentina de melhorar até a voz. *Como uma cantiga de ninar*, pensou ela. *Vou falar como um canto de pássaro incomum.* – Eu gostaria de dar uma caminhada à beira do lago. Me acompanha?

Ele lutou com o pedido por dois segundos e baixou a cabeça em uma concordância silenciosa.

A posição dele exigia que a seguisse de uma distância respeitável quando eles atravessaram os corredores do palácio e saíram pelo pórtico de pedra que separava o palácio dos jardins e da beira do lago. O lago Artemísia brilhava na escuridão, refletindo as luzes do palácio para o céu, junto com um oceano inteiro de estrelas. Levana imaginava com frequência que podia mergulhar na água e acabar flutuando no espaço.

– Quando eu era criança, acreditava que chegaria um momento em que ia gostar destas festas – disse ela, confiando que Evret estava ouvindo, embora ele caminhasse alguns passos atrás. – Mas, agora, consigo ver que nunca vão ficar menos chatas. Embromações políticas, tudo sob o disfarce de diversão inocente.

Ela sorriu para si mesma, satisfeita com o quanto suas palavras soavam sábias e maduras. Sentia-se mais segura com o glamour melhorado do que jamais se sentira em meses. Talvez na vida toda.

– Eu preferia estar aqui fora, apreciando uma noite tão impecável.

– Ela se virou. Evret estava a uns dez passos de distância, com o rosto nas sombras. – Você não?

– *Princesa*. – A palavra gerou um arrepio pela espinha dela, pois era cheia de tudo que ela vira nos olhos dele no salão de baile. Confusão e desejo e medo.

– Por que fica tão longe, Sir Hayle?

– Posso protegê-la muito bem daqui, Vossa Alteza.

– Pode? E se um assassino disparasse no meu coração de uma daquelas janelas? Você conseguiria chegar a mim a tempo?

– Não é de um assassino que temo que precise de proteção.

Ela levou a mão à corrente no pescoço.

– Então de que eu preciso de proteção? – Ela deu um passo hesitante na direção dele.

– De si mesma – respondeu ele com firmeza. Em seguida, deu um passo para trás e disse, com bem menos convicção: – Ou de mim, se chegar mais perto.

Ela fez uma pausa. Havia algo diferente nele naquele dia, uma reação estranha ao glamour. Ela não sabia se era o que queria ou não. Desde o dia que ele foi até o quarto dela, eles compartilharam centenas de momentos roubados. Um roçar de pele fora da sala de jantar. Uma mão possessiva na cintura dela quando ela entrou no quarto para dormir. Um beijo apressado e desesperado nos corredores dos criados antes da troca da guarda.

Mas Levana não era tão ingênua a ponto de fingir que todos os momentos não exigiram pressão mental dela. Uma reformulação dos pensamentos de Evret para combinarem com os de Levana, forçando seu desejo a ele, lembrando-o repetidamente que a amava. *Ele a amava.*

E seis vezes, *seis* vezes, ele violara o código de conduta dos guardas, a regra de que não podia falar a não ser que um dos superiores o mandasse, para dizer que aquilo tinha que parar. Dissera para ela que estava confuso e sofrendo, e que não conseguia imaginar o que dera nele e que não pretendia tirar vantagem dela e não a culpava, mas eles tinham que parar, tinham que parar... até a estar beijando de novo.

Naquela noite, Levana ainda não havia manipulado as emoções dele. Até o momento, fora só o glamour que o atraía.

– O que você quer dizer com precisar de proteção de você?

– Vossa Alteza. – O medo sumiu. Agora, ele só parecia cansado. – Por que está me torturando assim?

Ela recuou.

– *Torturando?*

– Cada vez que fico longe de Vossa Alteza, quando estou de folga, cuidando da minha menininha, meus pensamentos ficam firmes. Eu me conheço. Conheço meu coração. Sei que minha esposa está morta, mas que ela me deu um belo presente antes de partir, e sou grato por isso. – Ele engoliu em seco. – Sei que sou leal à coroa e que vou servi-la fielmente enquanto puder. E sei que gosto de Vossa Alteza como... como um guarda deve gostar da sua princesa. E como amigo, eu acho.

– Você é meu...

– Mas, quando Vossa Alteza está perto – continuou ele, e a interrupção chocou Levana mais do que qualquer outra coisa naquela noite, um guarda nunca interrompia um membro da aristocracia, e menos ainda um membro da família real –, meus pensamentos voltam a ficar todos bagunçados. Vossa Alteza se parece com Solstice,

e eu fico confuso. Meu coração bate muito rápido perto de Vossa Alteza, mas não de um jeito feliz ou amoroso. É como se meu corpo pertencesse a outra pessoa e eu não conseguisse deixar de tocá-la, apesar de saber o quanto é errado. Estrelas do céu, eu poderia ser executado por isso!

– Não! Não, eu jamais deixaria que isso acontecesse com você.

– Mas é Vossa Alteza quem está *fazendo* isso comigo.

Ela parou.

– Não está? – sussurrou ele. – É manipulação. Um truque executado no pobre guarda de mente fraca.

Levana balançou a cabeça e chegou mais perto, puxando as mãos dele para a dela.

– Não penso em você assim, de jeito nenhum.

– Então por que está fazendo isso?

– Porque eu amo você! E você me ama, mas é honrado demais para...

– Eu *não* amo você! – gritou ele, e as palavras a atingiram como mil estilhaços de gelo. – Ou, pelo menos... não acho que ame. Mas você virou minha mente de tal forma que nem consigo saber mais o que é real.

Ela tentou dar um sorriso gentil.

– Você não vê? O amor é para ser assim. Todas essas emoções conflitantes e surtos de paixão que você mal consegue controlar, essa sensação constante de estômago revirado, como se não conseguisse decidir se quer fugir dessa pessoa... ou se quer fugir *com* ela.

O rosto dele estava tenso, como se estivesse tentando controlar as palavras para não gritar novamente.

– Está enganada, princesa. Não sei o que está descrevendo, mas não

é amor.

Lágrimas arderam nos olhos de Levana.

– Quando você disse que eu precisava de proteção de você, não achei que pretendia partir meu coração. Quando eu dei... quando eu faria *qualquer* coisa por você, Evret.

Afastando-se dela, ele enfiou os dedos nos cachos densos do cabelo.

– Não é minha intenção, princesa. Acho que não entende o que está fazendo, o quanto é errado. Mas isso não pode continuar. No final, vai se cansar desse joguinho, e eu *vou* ser punido por ter me aproveitado de Vossa Alteza. Não vê isso?

– Eu falei, não vou deixar acontecer.

Ele baixou as mãos.

– E acha que a rainha vai ouvir?

– Vai ter que ouvir. Ela teve incontáveis casos com guardas reais.

– *Ela* não tem dezesseis anos!

Levana passou os braços ao redor do próprio corpo, como um escudo.

– Você acha que sou apenas uma criança ingênua.

– Sim. Ingênua e confusa e solitária.

Ela se obrigou a sustentar o olhar dele.

– E bonita?

Evret se encolheu e afastou o rosto.

– Você também me acha bonita, não acha? Irresistível, até?

– Princesa...

– Me responda.

– Não posso.

– Porque eu estou certa.

Ele não falou nada.

Levana engoliu em seco.

– Se case comigo, Evret.

Ele voltou o olhar para ela, horrorizado, mas ela prosseguiu:

– Se case comigo e você vai ser um príncipe. Minha irmã não vai poder tocar em você.

– Não. *Não*. Solstice... e minha querida Winter...

O coração de Levana pulou, e ela ficou surpresa com a rapidez com que o ciúme voltou, com o quanto doeu.

– *Winter*? Quem é Winter?

Ele riu sem achar graça e afastou ambas as mãos do rosto.

– É a minha *filha*. Você acredita que me ama, mas nem perguntou que nome dei para minha filha de um mês? Você não vê o quanto isso é loucura?

Ela engoliu em seco. *Winter. Solstice*. Inverno e solstício. Apesar de não haver estações em Luna, ela sabia o suficiente sobre o calendário terráqueo para estar familiarizada com o significado das palavras. Também se lembrou do cobertorzinho de bebê, bordado com uma cena de neve.

Ele pretendia nunca se esquecer da esposa. Não enquanto vivesse.

– Winter – disse ela, molhando os lábios. – Sua filha vai ser uma princesa, com todas as riquezas e privilégios concedidos a uma garota da posição dela. Você não quer isso para ela?

– Eu quero que ela seja cercada de amor e respeito. Não... não dos jogos que as pessoas naquele salão de baile inventam para se entreterem. Não como o que está tentando fazer comigo.

Levana fechou os punhos e se aproximou, a ponto de ter que inclinar a cabeça para trás para olhar para ele.

– Winter vai ter uma mãe, e você vai ter uma esposa. E vou amar vocês dois mais do que Solstice poderia ter feito na vida.

Tremendo de fúria e determinação, Levana o contornou e voltou para o palácio. Ele demorou um tempo, mas, ao perceber que a princesa não podia ficar desprotegida, foi atrás.



A RESISTÊNCIA COMEÇOU A ABANDONAR EVRET depois disso, e Levana tinha esperanças de ele estar começando a esquecer a esposa. Ou, talvez não exatamente isso, mas esquecendo que ela era uma mulher totalmente diferente. Os olhos costumavam assumir uma expressão vaga quando ele estava na presença dela, e quando outros membros da corte estavam perto, Evret era tão ilegível quanto um alfabeto extinto da primeira era. Ele não revelava nada. Podia ser um estranho.

Levana sabia que era sensato da parte dele. Ele estava certo antes. Se a irmã quisesse acusá-lo de se aproveitar da princesa, ela estaria em seu direito. Mas Levana não se preocupava com isso. Channary tinha suas próprias conquistas românticas com as quais se preocupar e, além disso, desde sempre tivera olhos para homens mais velhos, mesmo quando era mais nova do que Levana agora.

Não, ela não estava preocupada.

Principalmente nos momentos em que finalmente ficavam sozinhos. Naqueles períodos fugazes em que ele era dela, totalmente dela. Ela começou a afrouxar o controle mental, pouco a pouco, e, para seu alívio e alegria, a reação dele a ela só foi ficando mais corajosa. Suas mãos, mais possessivas. Suas carícias, mais ousadas.

Na primeira noite que passaram juntos, ele sussurrou uma única

palavra no cabelo dela.

– *Sol...*

Tomada simultaneamente de dor e prazer, alegria e fúria, Levana trincou os dentes e o abraçou com mais força.

Quando o domo clareou sobre a cidade branca na manhã seguinte, Levana o deixou dormir até a criada entrar para trazer o café da manhã. Envergonhado e transtornado, Evret ficou na cama, paralisado, enquanto Levana mandava a criada cortar o pão e passar manteiga. Fatiar as frutas. Preparar chá que ela não tinha intenção de beber.

Quando a criada se retirou, Evret saiu de baixo dos lençóis. Ela viu o momento em que ele notou os pontos de sangue no lençol branco; como ele se virou rapidamente; como vestiu as roupas com pressa, murmurando xingamentos baixinho.

Encostada nos travesseiros de penas, com a bandeja posicionada no colo, Levana colocou uma fruta vermelha na língua. Estava amarga. Channary teria chamado a criada para que levasse de volta, e o pensamento surgiu em sua mente, mas ela o enterrou fundo. Ela não era a irmã.

– Não isso – disse Evret, sem olhar para ela. – Eu não achei que você iria tão longe. Eu não achei... – Ele enfiou a mão no cabelo e falou outro palavrão. – Sinto muitíssimo, princesa.

Ela se irritou, mas tentou encarar como brincadeira.

– Por sair antes do café da manhã? – disse, carinhosamente. – Vou pedir outra bandeja se você estiver com fome.

– Não. Minha filha... passou a noite toda com a babá. Eu não tinha planejado...

Levana fitou suas costas musculosas intensamente enquanto ele

passava a camisa por sobre a cabeça.

– Eu pago o horário adicional da babá. Fique, Evret. – Ela alisou o cobertor ao seu lado.

Ele se sentou na beirada da cama para calçar os sapatos, balançando a cabeça. Em seguida, hesitante, largou um sapato de volta no chão. Seus ombros murcharam em derrota. Levana sorriu enquanto sugava o sumo da fruta que ficou no dedo, e estava se preparando para chegar para o lado, para abrir espaço para ele na cabeceira, quando Evret começou a falar, com a voz carregada de infelicidade:

– Eu tentei ir embora. Uma semana atrás.

Levana hesitou e retirou o dedo da boca.

– Ir embora?

– Fiz as malas e tudo. Eu ia levar Winter para um dos setores madeireiros, ia aprender um novo ofício.

Ela apertou os olhos na direção da nuca dele.

– Um novo ofício fazendo o quê? Derrubando árvores?

– Talvez. Ou em uma fábrica de madeira, ou talvez até fazendo moldes, não sei. Eu só queria estar em qualquer lugar, menos aqui.

Chocada, ela colocou a bandeja de lado.

– E por que não foi? Se você está tão *desesperado* para se afastar...

– Sua Majestade não permitiu.

Ela ficou paralisada.

– Levei meu pedido de demissão, mas ela riu. Disse que estava se divertindo demais vendo-a fazer papel de boba para me deixar ir agora. Até ameaçou mandar guardas atrás de mim e de Winter se eu ousasse partir sem o consentimento dela.

Levana estremeceu.

- Eu não ligo para o que ela pensa.
- Eu ligo. Ela é minha rainha. Me controla tanto quanto você.
- Eu não *controlo* você.

Evret finalmente olhou para ela, mas sua expressão estava perplexa.

- O que você acha que é isso?

– Eu...! Eu mal...! – Ela enfiou as unhas nas palmas das mãos. – Você me quer tanto quanto eu quero você. Vejo nos seus olhos toda vez que me toca.

Ele riu, um som cruel, tão diferente da gargalhada calorosa e gentil da qual ela se lembrava. Indicando o rosto dela, ele gritou:

– Você está usando o rosto da minha esposa! Ela tinha morrido havia duas semanas, e eu estava infeliz, e de repente ela estava de volta e eu... mas ela não está de volta. É você. É só *você*. Como isso não seria manipulação?

Levana empurrou os cobertores para o lado e vestiu o robe que estava sobre a penteadeira.

– É o *meu* rosto agora. Essa é quem *eu* sou, e você não pode me dizer que o que aconteceu ontem à noite foi um erro. Que você não queria.

– Eu *nunca* quis isso. – Ele massageou a testa. – A corte está falando, e os outros guardas. Os boatos sobre nós...

– Que importância têm? – Ela inspirou para se acalmar. – Eu amo você, Evret.

– Você nem sabe o que essa palavra significa. Eu queria poder fazê-la entender isso. – Ele indicou o espaço vazio entre eles. – Isso é uma fantasia que você botou na cabeça. Nada é real. Você não é minha esposa, e eu... eu preciso ficar com a minha filha. A única parte dela que ainda tenho.

Levana amarrou a faixa com força e ficou ali, tremendo de raiva, enquanto o olhava calçar as botas.

– Você vai se casar comigo.

Ele fez uma pausa breve antes de fechar a última fivela do alto da bota.

– Princesa. Por favor. De novo, não.

– Esta noite.

Ele olhou para o chão por muito tempo. Um tempo dolorosamente longo.

Levana não sabia o que esperava ver quando Evret finalmente ergueu a cabeça, mas o vácuo em sua expressão a surpreendeu.

Os dois se encararam por um momento doloroso e vazio, até ocorrer a Levana que ele não havia se negado.

Ela engoliu em seco e insistiu.

– Vou procurar um celebrante e vamos nos encontrar na capela do sol ao anoitecer.

O olhar de Evret voltou para o chão.

– Leve sua filha se quiser. Acho que ela devia estar lá. E a babá, para cuidar dela. – Levana puxou o cabelo por cima do ombro, já se sentindo melhor em relação à discussão, e pensando em quantas objeções irritantes dele isso resolveria.

Ela devia ser esposa de Evret. Ele não podia mais dizer que ela não era.

Seria a mãe da sua filha.

E os boatos acabariam, pois ninguém ousaria falar mal do marido da princesa, cunhado da rainha.

– E então? – disse ela, desafiando-o a dizer não. Ela já estava procurando a energia que o cercava, pronta para dobrá-lo à sua

vontade se ele recusasse. Era para o próprio bem de Evret. Era a única forma de solidificar a família deles. A felicidade deles.

Soltando a parte de cima da bota, Evret se levantou devagar. Sua expressão ausente ficou triste.

Triste?

Não, condoída. Ele sentia pena dela.

Levana franziu a testa e criou um muro ao redor do coração.

– Você tem chance de encontrar o amor, princesa. O amor verdadeiro. Não jogue isso fora comigo. Eu imploro.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

– Eu já encontrei o amor. Dividi minha cama com ele e, esta noite, ele vai ser meu marido. – Ela ensaiou um sorriso, mas sua confiança estava diminuindo. Evret a machucara tantas vezes, e ela não queria enfrentar a rejeição agora. Não queria forçá-lo ao casamento.

Mas, mesmo enquanto pensava, ela já sabia que o faria, que era a única forma.

Evret puxou o coldre por cima da cabeça, pendurou a faca em um lado do quadril e a arma no outro. Um guarda. O guarda dela.

– E então? – perguntou Levana.

– Eu tenho escolha?

Ela riu com desdém.

– Claro que tem escolha. É sim ou não. – Levana ignorou o nó no estômago que dizia que estava mentindo. Ele não negaria o pedido, e isso não importaria.

Mesmo assim, ficou surpresa com o quanto se sentia vulnerável conforme os segundos passavam. Ele não diria não. Diria? Ela prendeu a respiração e enviou a mais sutil ternura para os pensamentos dele. Só um lembrete caloroso de que tinham sido feitos para ficarem

juntos para sempre.

Evret tremeu, e Levana se perguntou se ele sabia o que ela estava fazendo. Ela parou e viu os ombros dele relaxarem.

– Evret? – Ela odiou o choramingo na própria voz. – Se case comigo, Evret.

Ele não olhou nos olhos dela de novo enquanto atravessava até a porta do quarto.

– Como desejar, Vossa Alteza.



O CELEBRANTE ENROLOU A FITA DOURADA no punho de Levana e explicou o significado da união deles, a magnitude da ocasião enquanto amarrava o nó. Em seguida, foi até Evret, pegou uma segunda fita na tigela no altar e amarrou no punho dele. Levana olhou com atenção quando a fita cintilante tocou na pele escura. O braço dele era muito mais largo do que o dela, fazendo seus ossos parecerem de passarinho em comparação..

– Amarrar as duas fitas – disse o celebrante, tomando-as nos dedos e amarrando uma, duas vezes – simboliza a unidade da noiva e do noivo em um ser e uma alma, hoje, dia 27 de abril do ano 109 da terceira era.

Soltando as fitas, ele deixou o nó pender entre os braços dos dois.

Levana olhou para o nó e tentou se sentir conectada. Unida. Como se sua alma tivesse se mesclado com a de Evret.

Mas ela sentiu apenas uma distância enorme entre os dois. Um buraco negro de silêncio. Ele quase não falou desde que chegara à capela.

No segundo banco, a bebê começou a choramingar. Evret se virou e, irritada com a distração, Levana acompanhou o olhar. A babá estava acalentando a criança, balançando-a de leve no colo, e Levana reconheceu o cobertor bordado no qual a menina havia sido enrolada, a paisagem pálida de neve, as luvinhas vermelhas. O trabalho de Sol. Ela trincou os dentes.

– Vocês vão trocar alianças? – perguntou o celebrante.

Levana se virou e percebeu que nem Evret e nem o celebrante estavam prestando atenção na criança agitada.

Evret assentiu, embora o gesto tenha sido breve. Levana olhou para

ele pelo canto do olho, surpresa. Ela não levava aliança nenhuma.

Virando-se, Evret esticou a mão na direção dos únicos convidados além da babá e da pequena Winter. Garrison Clay, aquele seu amigo guarda, que estava lá com a esposa, uma mulher simples com cabelo louro-ruivo, e o filho. Era um menininho de cabelo claro, que passara a cerimônia andando pelo corredor enquanto a mãe sibilava para ele voltar, desistia e corria atrás dele.

Embora a presença deles parecesse indicar que Evret estava encarando essa cerimônia com certa seriedade, Levana não conseguia evitar uma irritação com tudo relacionado a essa família.

Assim que chegaram, Garrison puxou Evret para um canto. Eles pareceram discutir sobre alguma coisa, e Levana teve certeza de que o amigo estava tentando persuadir Evret a não levar o casamento adiante.

A intrusão fez Levana não gostar mais do guarda.

Agora, porém, ele deu um passo à frente sem hesitação e tirou a mão do bolso. Na palma havia duas alianças de casamento, cada uma entalhada de regolito preto polido até brilhar. Eram as alianças mais simples que Levana já tinha visto e que jamais sonharia em usar. Uma aliança feita para uma esposa de guarda, não para a realeza.

O coração dela saltou no peito e seus olhos se encheram de lágrimas.

Era perfeito.

Garrison não olhou para ela quando colocou as alianças na mão de Evret e voltou para o banco, ao lado da família.

– Por favor, deem as mãos e olhem um para o outro para a troca.

Eles se viraram quase roboticamente. Levana inspecionou o rosto de Evret e a beleza dele aqueceu um pouco do frio em seus ossos.

Tentou expressar em silêncio o quanto amou a aliança. Que era tudo que ela queria. Que *ele* era tudo que ela queria.

O olhar escuro de Evret pousou nela.

Ela sorriu, um pouco tímida.

A inspiração dele foi intensa, e ele abriu a boca para falar. Hesitou. Fechou-a novamente.

Evret colocou a aliança no dedo de Levana e repetiu após o celebrante:

– Com esta aliança, eu a recebo, Princesa Levana Blackburn de Luna, como minha esposa. Deste dia em diante, você será meu sol ao amanhecer e minhas estrelas à noite, e prometo amá-la e valorizá-la por todos os nossos dias.

As entranhas de Levana tremeram e uma euforia borbulhou dentro dela. O sorriso veio com mais facilidade agora, quando ela olhou para a aliança no dedo e a fita dourada os unindo.

Não parecera real naquela manhã, durante todo o dia, enquanto esperava, se perguntando se ele viria. E agora, estava acontecendo. Esse era o casamento dela. Levana estava se casando com Evret Hayle.

Ela não sabia se seu corpo conseguiria conter a alegria que pulsava dentro dela quando pegou a segunda aliança da mão de Evret e deslizou pelo dedo dele.

Ela fez uma pausa.

Outra aliança já estava lá, quase idêntica, e tão escura que quase desaparecia sobre a pele.

Ela ergueu o rosto. O maxilar de Evret estava contraído.

– Eu não vou tirar – sussurrou ele antes que Levana pudesse organizar os pensamentos –, mas aceito usar as duas.

Ela olhou para a aliança de novo. Pensou por um momento em

forçá-lo a tirar a aliança antiga. Mas não. Era isso que ele queria. Ela não tiraria dele.

– Claro – sussurrou, colocando a aliança no dedo de Evret até ouvir o clique baixo das duas peças de pedra entalhada colidindo.

– Com esta aliança, eu o recebo, Sir Evret Hayle de Luna, como meu marido. Deste dia em diante, você será meu sol ao amanhecer e minhas estrelas à noite, e prometo amá-lo e valorizá-lo por todos os nossos dias.

Quando o celebrante confirmou a cerimônia, a bebê Winter começou a chorar para valer. Ao olhar para trás, Levana viu que o garotinho estava pendurado nos braços da babá, tentando olhar dentro do cobertor de bebê.

Evret fechou as mãos ao redor das de Levana e recuperou a atenção dela. O beijo foi uma surpresa. Ela não ouviu o celebrante ordenar. Mas foi um beijo gentil, talvez o mais gentil que ele já tinha lhe dado, e a aqueceu até seus dedos dos pés.

Com isso, o celebrante desamarrou as fitas, e Evret tornou-se dela.



– ME DIGA QUE NÃO É VERDADE! – berrou Channary, entrando nos aposentos de vestir de Levana no dia seguinte, batendo os pés. Usando pouco mais do que fitas rasgadas que mal cobriam o que uma mulher deveria cobrir, Channary parecia um espírito efervescente sob o brilho dos candelabros. Um espírito efervescente e indecente.

Levana não ousou se mexer enquanto a costureira movia a agulha com linha pela sua cintura, ajustando a roupa para que ficasse mais apertada. A mulher fizera o comentário de que a princesa

provavelmente não estava comendo muito bem, e que devia engordar um pouco para ficar com o corpo sinuoso como o da irmã mais velha. Levana a obrigara a segurar a língua depois disso. A costureira, vermelha de constrangimento, voltou silenciosamente ao trabalho. Haviam se passado duas horas muito longas desde então.

Levana olhou para a irmã furiosa.

– Dizer que o que não é verdade?

– Sua idiota. Você se *casou* com ele?

– Sim. Como falei que faria.

Channary fez um ruído furioso no fundo da garganta.

– Então você vai mandar anular, e rapidamente, antes que a cidade inteira descubra.

– Não vou.

– Então vou mandar executá-lo.

Levana rosnou.

– Não vai, *não*. Por que você se importa? Eu o amo. Eu o escolhi. Está feito.

– Então, que o *ame*. Vá para a cama com ele se quiser, mas nós não nos casamos com *guardas*. – Channary indicou a parede e, atrás dela, a cidade branca de Artemísia. – Você sabe para quantas famílias eu, e papai antes de mim, prometemos a sua mão? Existem estratégias acontecendo. Nós precisamos desses apoios. Queremos que eles se sintam dedicados a nós como governantes, e para isso precisamos fazer alianças. É assim que funciona, Levana. Esse é seu único papel como parte desta família, e não vou deixar você estragá-lo.

– É tarde demais. Não vou mudar nada, e mesmo que você o matasse, eu jamais me casaria para agradá-la. Prefiro morrer.

– Isso também pode ser providenciado, irmãzinha.

A costureira puxou mais linha, ajoelhada junto aos tornozelos de Levana. A mulher manteve o olhar sabiamente afastado e fingiu não estar ouvindo.

– Você ficaria sem nada com que barganhar, então para que se dar ao trabalho? – Levantando a cabeça, Levana forçou um sorriso. – Além do mais, eu trouxe uma princesa substituta para ser casada com quem você quiser. Tudo o que terá de fazer será esperar mais dezesseis anos.

– Outra princesa? – Channary riu. – Você está falando daquela criança? A bebê de um guarda e uma costureira. Acha que alguma das famílias vai querê-la?

– Claro. Ela é minha filha agora, o que quer dizer que é uma princesa, como se eu tivesse dado à luz. Quando tiver idade, ninguém vai lembrar que ela teve outra mãe, nem que Evret teve outra esposa.

– Imagino que esse tenha sido seu plano engenhoso desde o começo.

Olhando para a parede, Levana não disse nada.

– Já pensou no que vai fazer com a pestinha?

– O que você quer dizer com isso?

– Você não pretende mesmo... *criá-la*, espero.

Arrastando o olhar da parede, Levana fitou a irmã com arrogância.

– Ela vai ser criada como realeza. Como nós fomos.

– Com babás e professoras, ignorada pelos pais?

– Com tudo que *puder* querer. Todos os luxos, todos os brinquedos. Além do mais... – Ela levantou as mãos para a lateral do corpo enquanto a costureira mexia na costura na parte debaixo do braço. – Evret a ama muito, e eu também.

Era mentira e ela sabia que era mentira. Mas, também, sentia que

um dia podia ser verdade. A garota era sua filha agora, afinal, e era parte de Evret, então como podia não amá-la?

No entanto, o principal motivo para ter falado isso foi para ver a irritação no rosto da irmã.

A costureira terminou o trabalho, e Levana baixou as mãos de novo, deixando os dedos acompanharem o bordado delicado do corpete. Sentia-se peculiarmente feliz, depois de passar a segunda noite seguida aconchegada junto ao corpo de Evret. Ela era esposa agora. Embora seu vestido não exibisse nem metade da pele que o da irmã exibia, ela se sentia muito mais mulher. Possuía algo que a irmã não tinha. Uma família. Alguém que a amava.

– Eu espero – continuou Levana, mais para si própria agora – que a pequena princesa Winter tenha em pouco tempo um irmão ou uma irmã.

Channary se virou para ela.

– Você já está grávida?

– Ainda não. Mas não vejo por que deva demorar.

Ela vinha pensando muito no assunto, na verdade, voltando com frequência ao glamour da barriga grávida de Solstice quando estava sozinha, passando os dedos pela pele esticada. Nunca tinha pensado em querer uma criança até ver Evret segurando a filha, até ver a suavidade na expressão dele. Era uma coisa que também podia dar a ele. Uma coisa que podia dividir com Solstice... não, o filho de Levana seria melhor do que o de Solstice, porque teria sangue real.

Franzindo a testa, Channary cruzou os braços sob os seios.

– Pelo menos uma coisa boa a resultar disso, então. Quando você tiver uma criança que seja *verdadeiramente* sua, vamos discutir com quem é melhor casá-la.

– Como anseio por essas conversas, irmã.

– Enquanto isso – disse Channary –, pelo menos eu estou cumprindo o *meu* dever de aumentar nossa linhagem de sangue sem manchá-la com casamentos desgraçados.

– O que isso quer dizer?

Channary jogou o cabelo por cima do ombro.

– A pequena *princesa* Winter – disse ela com deboche – vai ter um priminho ou priminha em breve.

O queixo de Levana caiu. Empurrando a costureira para longe, ela levantou a saia e desceu do pedestal.

– Você? – Ela olhou para a barriga de Channary, mas estava tão plana quanto sempre foi. – De quanto tempo?

– Não sei. Vou à dra. Eliot esta tarde. – Irritada, ela se virou e seguiu para a porta do quarto. – Espero que seja um menino. Estou *de saco cheio* de princesas idiotas.

– Espere... Channary! – Levana a seguiu com mil perguntas na cabeça, mas parou quando a irmã se virou para encará-la, com expressão agitada. – De quem é? Do agente?

Channary fez cara de desdém.

– De que *raios* você está falando?

– O agente Dubrovsky. Ele é o pai?

O rosto de Channary ficou arrogante. Ela esticou a mão, segurou uma parte parcialmente costurada do vestido de Levana e o arrancou, revelando o tecido cicatricial acima das costelas antes que ela pudesse usar um glamour para esconder. Ofegando, Levana recuou e tentou segurar o tecido sobre o corpo.

– Eu não faço ideia de quem é o pai – cortou Channary, virando-se de novo. – Você não entende, Levana? Essa é a *questão*.



ELA NÃO FICOU GRÁVIDA, embora fosse para o quarto de Evret quase todas as noites. Ele e Winter se mudaram para a ala particular da família real no palácio, mas só uma semana se passou antes que Levana decidisse que seria mais seguro voltar para seu próprio quarto depois daquelas visitas. Tinha medo do que podia acontecer se ele acordasse antes dela uma manhã e a visse sem o glamour, e estava cansada de usar seu dom para levá-lo a uma inconsciência profunda todas as noites.

Não era bem o casamento com o qual tinha sonhado, mas ela disse para si mesma que melhoraria. Levaria um tempo.

Não passou a amar a princesa Winter, que chorava toda vez que Levana a segurava no colo.

Evret se recusou a deixar que o chamassem de príncipe e até prometeu continuar o trabalho como guarda do palácio, embora Levana lhe dissesse repetidas vezes que não era necessário. Ele era da realeza agora; não precisava mais trabalhar. Mas isso só pareceu irritá-lo, então Levana acabou parando de insistir no assunto. Ele que brincasse de armas e soldadinhos se isso o fizesse feliz.

Channary foi ficando maior, e descobriu que a criança não era um menino. Porém, não parecia mais se importar com isso. Ela estava radiante da maneira como Levana sabia que as mulheres grávidas costumam ficar, mas nunca imaginara que este seria o caso da irmã. Ela deixava qualquer um tocar na barriga exposta, mesmo os criados. Encorajava-os, até. Gritava se uma pessoa não babasse pela criança e não dissesse como ela seria uma mãe linda e como a filha sem dúvida

seria como ela, por todas as estrelas da sorte.

Conforme os meses foram passando, Levana passou a sentir que devia haver alguma conspiração contra ela. Boatos se espalhavam sobre todas as mulheres da corte que estavam tendo bebês. A cidade toda parecia cheia de choros e berros de repente. Quando Levana foi ver a dra. Eliot em uma consulta particular e perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer, ela até descobriu que um casal de cientistas reais casados estava esperando por um filho: o dr. Darnel e a esposa, ambos especialistas da equipe de engenharia genética. A mulher tinha mais do que o triplo da idade de Levana.

A dra. Eliot não ajudou em nada. Ficou falando que podia levar tempo e que podiam procurar um tratamento quando Levana estivesse um pouco mais velha, se o casal ainda não tivesse tido sucesso. A mulher até teve a coragem de dizer para Levana *relaxar*, não se preocupar tanto. Aconteceria quando fosse para acontecer.

Levana ficou tentada a fazer a mulher irritante enfiar um bisturi no próprio olho.

Sua irmã. A médica velha. *Solstice*.

Não podia haver nada de errado com Evret.

Então, o que havia de errado com *ela*?

Seu único consolo era que, como resultado da condição de Channary e sua necessidade exuberante de ser paparicada, a rainha foi negligenciando cada vez mais suas responsabilidades reais. Dias se passavam sem que ela aparecesse na corte, e Levana era enviada para tomar seu lugar em incontáveis reuniões. Embora reclamasse com a irmã sem parar, ela não se importava de verdade. Estava fascinada pela política e pelo funcionamento do sistema. Queria saber tudo, reivindicar o poder que conseguisse, e a ausência da irmã dava a

oportunidade perfeita de fazer exatamente isso.

No dia 21 de dezembro do ano 109 da terceira era, a rainha Channary deu à luz uma menina. Foi batizada oficialmente de princesa Selene Channary Jannali Blackburn de Luna, mas tudo depois de “Selene” foi imediatamente esquecido por todo mundo, exceto pelos livros de história. As comemorações por toda a cidade, e até nos setores externos, fizeram barulho por uma semana.

A linhagem real continuaria.

O trono lunar tinha uma herdeira.



– GOSTO DA FOLHAGEM PRATEADA. Você não concorda, irmãzinha?

Levana afastou o olhar da bebê, que estava embrulhada em uma colcha bordada no centro da sala, como se ali fosse um berçário comum e não uma reunião real para discutir a comemoração de aniversário do país, que se aproximava. Havia vários designers, floristas, decoradores, padeiros, banqueteiros e artesãos encostados na parede dos fundos da sala, cada um esperando para dar sua opinião e oferecer seu conhecimento. Levana demorou um momento para perceber que a irmã estava perguntando sobre dois buquês enormes, quase idênticos exceto por algumas folhas prateadas enfiadas no meio de um, em contraste ao verde-esmeralda mais vibrante do outro.

– O prateado – disse ela. – Sim. É muito bonito.

– Na verdade, acrescente mais – disse Channary, batendo com um dedo nos lábios. – Quero que o salão todo cintile. Todo mundo está ouvindo? – A voz dela aumentou de tom. – Que cintile. Que brilhe.

Quero que todas as superfícies sejam luminosas. Quero que todos os convidados fiquem deslumbrados. Quero a reputação de dar os melhores bailes que essa cidade já viu. Quero que falem sobre isso por *gerações*. Está claro?

Movimentos de cabeça de compreensão foram dados por todos, mas Channary já tinha parado de prestar atenção às pessoas e começado a olhar as ofertas à frente. Havia pratos de pequenas sobremesas e coquetéis com cubinhos de gelo dentro, cada cubo entalhado na forma da coroa da rainha.

– Não, não, nada disso está bom. – Channary pegou uma bandeja de canapés e jogou na parede. Todo mundo se encolheu. – Eu falei que quero que brilhe. É tão difícil de entender? Vocês são todos cegos?

Ninguém observou que ela não tinha dito isso até então. Mas é claro que todos deviam ter sabido antes de ir para a reunião. Naturalmente.

Levana balançou a cabeça atrás da irmã.

A bebê começou a chorar.

Channary se virou e apontou para Levana.

– Pegue a criança.

Levana piscou.

– Eu? Por que eu? Onde está a babá?

– Ah, pelo amor das estrelas, ela só quer colo. – Channary começou a tossir. Virou-se rapidamente e tossiu no cotovelo dobrado, o mais educadamente que conseguiu. Levana achou que ela vinha tossindo muito ultimamente, por semanas, talvez meses, e embora Channary insistisse que era só um vírus temporário, parecia não passar nunca.

Um criado se aproximou com um copo de água, mas Channary o pegou e jogou na parede também. O vidro se estilhaçou na pedra, e

Channary saiu da sala batendo os pés e ainda tossindo.

Os gritos da bebê ficaram mais fervorosos. Levana se aproximou dela, hesitante.

Alguém bateu palmas.

– Vamos encerrar por hoje – disse uma das planejadoras do evento, levando os artesãos para fora. – Voltem amanhã com... o trabalho melhorado.

Levana parou junto à criança por um momento temeroso, vendo o rosto ficar vermelho e se contrair, os braços gorduchos se balançarem no cobertor. Os tufo de cabelo castanho-escuro se projetavam em todas as direções.

Embora a criança tivesse sete meses e indicasse todos os dias que estava prestes a começar a engatinhar, Levana conseguia contar nos dedos de uma das mãos as vezes que segurara a sobrinha no colo. Sempre tinha outra pessoa para pegá-la e, assim como Winter, a menina não parecia gostar muito dela.

Bufando, ela empertigou os ombros e se agachou para pegar a criança o mais delicadamente que conseguiu. De pé, aninhou-a na dobra do braço e se esforçou para dizer palavras carinhosas, mas o choro não parou, e os pequenos punhos continuaram a bater no ar e no peito de Levana.

Com um suspiro irritado, Levana caminhou de um lado para o outro da sala, antes de ir até a varanda que dava vista para o lago Artemísia. Consequia ver pessoas da corte andando pelos verdejantes jardins do palácio, alguns dos aristocratas em barcos na superfície do lago. No céu, a Terra estava quase cheia. Aparecia enorme, azul e branca, e linda no meio da paisagem.

Uma vez, persuadira Evret a sair de barco com ela, mas ele passou

o tempo todo desejando estar em casa com Winter e ficou falando no quanto a menina estava crescendo rápido e especulando sobre qual seria a primeira palavra dela.

Muito tempo parecia ter se passado desde então.

Na verdade, havia muito tempo que eles não faziam qualquer coisa juntos.

Embalando a pequena Selene o mais delicadamente que conseguia, Levana examinou o rosto da futura rainha. Perguntou-se se a criança cresceria e ficaria mimada e ignorante como a mãe, que se importava mais com arranjos de flores do que com política.

– Eu seria uma rainha melhor do que a sua mãe – sussurrou ela. – Seria uma rainha melhor do que você.

A bebê continuou chorando, mimada e idiota.

Não havia sentido em pensar nisso, de qualquer modo. Channary era a rainha. Selene era a herdeira. Levana era só a princesa, com um marido guarda e uma filha sem sangue real.

– Eu poderia jogá-la dessa varanda, sabe – disse ela, enunciando as palavras suavemente. – Você não poderia fazer nada.

A bebê não reagiu à ameaça.

– Eu poderia *forçá-la* a parar de chorar. Você gostaria disso?

Era um pensamento tentador, um pensamento que Levana mal conseguiu suportar. Ninguém devia manipular criancinhas, pois estudos sugeriam que intervenção demais quando elas eram tão pequenas e impressionáveis podia atrapalhar a formação do cérebro.

Levana estava começando a se perguntar quanto dano um pequeno momento de silêncio provocaria... quando ouviu os saltos da irmã estalando no piso da sala de reuniões.

Ao se virar, viu que Channary estava tentando disfarçar o quanto o

ataque de tosse fora horrível, voltando com a espinha ereta e os olhos ardentes, o cabelo castanho balançando nos ombros. Mas o rosto estava inchado, e uma camada fina de suor estava grudada no lábio superior.

Ela tirou a bebê dos braços de Levana sem avisar, sem nem dizer um obrigada.

– Você está bem? – perguntou Levana. – Não está morrendo, está?

Com expressão de raiva, Channary se virou sem sequer parar um momento para admirar a vista. Conforme foi andando pela sala, o choro começou a diminuir e os dedos gorduchos acariciaram o rosto da mãe.

Ocorreu a Levana que talvez bebês não fossem afetados por glamours e que todos a odiavam por conseguirem ver como ela era por baixo.

– Você está com essa tosse há muito tempo. Devia se consultar com a dra. Eliot.

– Não seja ridícula. Eu sou a rainha – disse Channary, como se isso por si só bastasse para protegê-la de uma doença. – Se bem que, falando em médicos, você soube daquele casal da bioengenharia? – Ela pegou uma mamadeira em uma bolsa e colocou na boca da criança. Levana ficava impressionada cada vez que testemunhava essa afeição maternal da irmã, uma garota que ela mesma só vira ser cruel e egoísta. A mãe *delas* nunca as alimentara, claro. Ela se perguntou o que deu em Channary para fazer isso se havia tantos criados à disposição.

– Que médicos?

– Os que tiveram o bebê. Darnel, eu acho... o homem é... céus. Muito velho. Tem uns sessenta anos, talvez.

Levana trincou os dentes.

– Soube que eles estavam esperando, sim.

– Bom... a espera terminou. O bebê era cascudo.

Levana arregalou os olhos e cobriu a boca com a mão. Fingiu horror, mas na verdade o fez para esconder a alegria que ameaçava se pronunciar.

– Cascudo?

– Aham. Uma menina, eu acho. Aquela taumaturga foi buscá-la ontem para... – Channary suspirou, como se fosse exaustivo demais lembrar todos os detalhes. – Para fazer o que quer que aqueles cientistas estejam fazendo com os cascudos.

– Doação de plaquetas. Para um antídoto para a doença.

– Sim, isso mesmo. Como você consegue se lembrar de tudo isso?

Franzindo a testa, Levana olhou para a bebê, que agora estava em um estupor saciado enquanto sugava o bico da mamadeira. Ela se virou para olhar a vista da Terra, do lago e de todos os casais felizes.

– Uma cascuda – murmurou ela. – Que *constrangedor*.

– Eu reparei que você não está ficando com a barriga maior – disse Channary, juntando-se a ela na varanda. – A não ser que seu glamour esteja escondendo de nós.

Levana firmou o maxilar e não respondeu.

– Me conte, como andam as maravilhas da vida de casada? Faz um tempo que não ouço você tagarelando sobre o quanto *ama* seu marido. Sinto falta dessa época.

– Nós estamos bem, obrigada – disse Levana. Percebendo rapidamente o quanto isso soava como o exato oposto de bem, acrescentou: – Eu ainda o amo muito. Somos bem felizes juntos.

Rindo, Channary se encostou na amurada.

– Mentiras, mentiras. Embora eu nunca saiba se você está mentindo para mim ou para si mesma.

– Eu não estou mentindo. Ele é tudo que eu sempre quis.

– Que singular. Eu achava mesmo que você teria ambições mais... elevadas.

A atenção de Channary subiu para o globo azul e branco no céu.

– O que isso quer dizer?

– Ah, andei pensando mais em política terráquea ultimamente.

Contra a minha vontade, admito. É impossível não pensar, com todas as famílias falando sem parar sobre essa guerra biológica que estão planejando. É exaustivo.

– Você é um modelo de paciência – disse Levana, impassível.

– Bom, tenho visto fotos da família real da Comunidade das Nações Orientais e... estou intrigada. – Ela tentou tirar a mamadeira da filha, mas Selene choramingou e esticou as mãozinhas para botar de volta na boca.

– A família real? O príncipe não é só uma criança?

– Praticamente um bebê, sim. – Channary se inclinou por cima da filha e passou o nariz nos tufo de cabelo. – Primeiro, eu pensei: ele pode ser um par perfeito para a minha garotinha. – Ela levantou o olhar de novo. – Mas *aí*, eu pensei: acho que eu também posso me casar. E o imperador é bem bonito. Tem ombros largos. Sempre se veste bem, apesar de ser meio sem graça. Terráqueo, você sabe como é.

– Infelizmente, acredito que ele já seja casado.

Channary deu uma risada debochada, e Selene finalmente soltou a mamadeira vazia.

– Sempre pessimista, irmãzinha. Talvez ele não vá *sempre* ser

casado. – Dando de ombros, ela levantou a bebê e a botou de pé para arrotar, embora não tivesse nada protegendo o belo vestido. – É só uma coisa em que ando pensando. Não estou planejando tentativas de assassinato *ainda*, mas... bom. Ouvi dizer que a Terra é agradável nessa época do ano.

– Eu acho que é agradável em todas as épocas do ano, dependendo do hemisfério.

Channary levantou uma sobrancelha.

– O que é hemisfério?

Suspirando, Levana balançou a cabeça.

– Deixe para lá. Essa criança vai babar no seu vestido todo, sabe.

– Ah, sim, estou cansada desse modelo. Estou cansada de todos, na verdade. Nada no meu guarda-roupa cabe em mim, e sei que só vai piorar se eu ficar grávida de novo. Vai ser trabalho em tempo integral para a minha costureira. Andei pensando em mandar amputar os pés dela, para que não tenha nada melhor para fazer. – Os olhos de Channary brilharam, como se fosse piada.

Mas Levana já tinha visto aquele brilho. E não tinha tanta certeza de que Channary estava brincando.



A RAINHA CHANNARY BLACKBURN DE LUNA não teve chance de cuidar do assassinato da imperatriz terrestre. Não se casou com o imperador Rikan e nem viu a filha crescer e se casar com um príncipe.

Cinco meses depois da conversa com Levana, ela realmente mandou remover cirurgicamente os pés da costureira, e a mulher nem tinha se recuperado o suficiente para voltar ao trabalho quando

tudo se tornou em vão.

Aos vinte e cinco anos de idade, a rainha Channary morreu de envenenamento por regolito nos pulmões.

Era uma doença que afligia comumente as pessoas dos setores externos, devido a uma vida passada inspirando o pó das cavernas de Luna, mas era tão rara entre aristocratas (e certamente na família real) que os médicos nem sequer tinham considerado como possibilidade quando Channary cedeu e falou com a dra. Eliot sobre a tosse persistente.

O mistério nunca foi resolvido, mas Levana tinha uma teoria de que a irmã ia escondido para cavernas de regolito embaixo da cidade para ter encontros amorosos.

O funeral foi similar ao dos pais, e os sentimentos de Levana foram bem parecidos.

A princesa Winter e a princesa Selene compareceram, vestidas com trajes reais, como era adequado às posições delas. Selene, agora com um ano, recebeu beijos de muitos estranhos, mas, entre as duas, foi Winter quem recebeu mais elogios. Ela era mesmo uma criança muito bonita, e Evret estava certo: estava ficando cada dia mais parecida com a mãe.

Ele se ofereceu para trabalhar protegendo o caixão da rainha quando foi carregado pelas ruas a caminho do enterro, em uma cratera fora dos domos. Levana pediu que ele não fosse. Tinha esperanças de que aceitasse ficar ao seu lado. De que se portasse como seu marido. Mas não aconteceu. Para ele, o dever vinha primeiro.

O garotinho de Sir Clay também estava lá, com quase quatro anos agora e tão louro quanto antes. Ele tentou ensinar às meninas

menores a andar bambo, a brincar de esconde-esconde entre os bancos, mas elas eram pequenas demais para entender.

Levana fingiu chorar. Foi designada para o papel de rainha regente até o décimo terceiro aniversário da sobrinha, quando Selene assumiria o trono.

Doze anos.

Levana seria rainha por doze anos.

Ela se esforçou muito, muito mesmo, para não sorrir enquanto o funeral não acabasse.



– O TAUMATURGO-CHEFE HADDON vai se aposentar no final deste mês – disse o venerável Annotel, andando ao lado de Levana enquanto eles seguiam para a reunião da corte. – Já pensou em quem pode indicar para substituí-lo?

– Andei pensando em recomendar Sybil Mira.

Annotel olhou para ela de lado.

– Escolha *interessante*. Incrivelmente jovem... As famílias acharam que você poderia estar pensando no taumaturgo Par...

– Sybil tem se destacado nas responsabilidades dadas a ela de reunir crianças cascudas.

– Ah, sem dúvida. Ela é muito capaz. Mas a inexperiência...

– E acredito que conquistou o ranking de segundo nível com apenas dezenove anos. A mais jovem até hoje. Não é verdade?

– Eu... não tenho certeza, sinceramente.

– Bom. Eu admiro a ambição dela. Ela é motivada, e gosto disso. Lembra a mim mesma.

Annotel repuxou os lábios. Ficou sem saber o que dizer agora que Levana fez a comparação.

– Tenho certeza de que é uma escolha sábia – disse ele. – Se for sua decisão final, acho que as famílias vão aprovar.

– Vamos ver. Ainda tenho um mês para pensar. – Ela sorriu, mas viu Evret no final do corredor. Ele era um dos guardas esperando do lado de fora da sala de reuniões. Ao vê-lo, Levana se sentiu murchar. Por mais confiante que estivesse em seu papel de rainha regente, cada vez que seus olhos pousavam no marido, ela se sentia aquela mesma garota apaixonada de dezesseis anos de novo.

Queria sorrir para ele, mas Evret não a olhou quando ele e o colega abriram as portas.

Levana umedeceu os lábios e entrou.

Quando as portas se fecharam, os representantes das famílias se levantaram. Levana se aproximou da plataforma onde ficava o trono.

O trono da rainha.

Aquela sala era uma das suas favoritas no palácio, e sua apreciação pelo aposento aumentou significativamente assim que ela sentou pela primeira vez na cadeira magnífica. A sala cintilava e brilhava, toda de vidro e pedra branca. De onde estava, conseguia ver todos os membros da corte sentados em vários pontos com o piso de azulejos elaborados embaixo, e diretamente à frente dela ficava a vista magnífica do lago Artemísia e da cidade branca.

Sentada ali, Levana se sentia a verdadeira governante de Luna.

– Sentem-se.

Cadeiras ainda estavam se movendo quando ela empertigou a coluna e fez um sinal calmo para o taumaturgo-chefe Haddon.

– Pode prosseguir.

– Obrigado, Vossa Alteza. Fico satisfeito em relatar que seu experimento sobre horas rigorosas de trabalho nos setores externos está indo bem.

– Ah? – Levana não estava surpresa, mas fingiu estar. Já tinha lido um estudo da Terra alguns meses antes sobre como a eficiência e a produtividade caíam sem pausas regulares. Sugeriu que programassem apitos para soar em intervalos regulares nos domos de fábricas, para lembrar aos trabalhadores quando fazer as pausas obrigatórias, e depois aumentar o dia de trabalho para cobrir esse tempo perdido. A corte não acreditou na estratégia no começo e ficou preocupada de ser difícil demais controlar um aumento tão drástico no dia de trabalho, e já havia reclamação das pessoas estarem trabalhando demais nos setores externos. Mas Levana insistiu que, com esses novos horários, os dias acabariam passando *mais rápido*, e a solução beneficiaria todo mundo, os trabalhadores mais do que quaisquer outros.

– A produtividade aumentou oito por cento nos três setores onde implementamos a mudança – continuou Haddon –, sem perda aparente de qualidade.

– Fico feliz em ouvir.

Haddon leu os relatórios, fornecendo os números do aumento bem-sucedido de comércio entre setores e dizendo como as famílias de Artemísia estavam satisfeitas com os novos mimos artesanais que Levana dera à cidade. Mais ainda, equipes de pesquisa estavam fazendo grandes progressos com o exército geneticamente alterado e com a doença bioquímica, e relatou que talvez ficasse pronta para ser liberada na Terra nos dezoito meses seguintes.

Ninguém falou abertamente, mas Levana conseguia saber que a

corte estava satisfeita com a forma como ela preencheu o papel da irmã e superou de longe o exemplo oferecido por Channary, e até pelos pais. Ela era a rainha que Luna esperava, e desde que assumiu o poder, a cidade prosperava, os setores externos estavam melhorando, tudo exatamente como Levana sabia que devia estar.

– Planejamos estender o programa de trabalho para o resto dos setores de fábrica nos próximos meses – continuou Haddon. – Produzirei relatórios informativos regulares conforme progredirmos. Dito isso, preciso informar que infelizmente reparamos em alguns... potenciais empecilhos.

Levana inclinou a cabeça para o lado.

– E quais seriam?

– Com tantos intervalos frequentes durante os dias de trabalho, os civis têm mais chance de socializar, e reparamos que essas interações continuam depois que o dia de trabalho termina.

– E isso é problema?

– Bom... talvez não, Vossa Alteza.

Annotel falou:

– No passado, houve preocupações de inquietações civis quando as pessoas passavam muito tempo à toa... tendo *ideias*.

Levana riu.

– Inquietações? Que motivo meu povo teria para estar infeliz?

– Nenhum, claro, Vossa Alteza – disse Haddon. – Mas me pergunto se já nos recuperamos totalmente do assassinato dos seus pais. É que sempre vai haver algumas... sementes ruins nos setores externos. Odiaríamos dar a elas tempo demais para contaminar os outros.

Levana cruzou as mãos no colo.

– Apesar de eu não conseguir imaginar as pessoas concluindo que

estão infelizes com nossas regras, entendo o que você quer dizer. Por que não implementamos um toque de recolher obrigatório depois do horário de trabalho? Damos tempo para as pessoas irem para casa e as deixamos lá. É a hora de ficar com a família, de qualquer maneira.

– Temos pessoal para cuidar disso? – perguntou um dos nobres.

– É improvável – disse Haddon. – Meu palpite é que precisaríamos de um aumento de quarenta por cento em guardas nos setores.

– Bem, contrate mais guardas.

Olhares foram trocados pela sala do trono, embora ninguém protestasse contra a simplicidade dessa solução.

– Claro, minha rainha. Vamos cuidar para que seja feito.

– Que bom. Você disse que também havia outro problema?

– Não é um problema imediato, mas todas as nossas projeções mostram que essa quantidade de produção não é sustentável no longo termo. Se continuarmos nesse ritmo, vamos esgotar nossos recursos. Nossas áreas de terraformação disponíveis já estão sendo usadas quase em seu potencial máximo.

– Recursos – disse Levana lentamente. – Você está me dizendo que nossa economia não pode continuar crescendo porque nós vivemos em uma *pedra*.

– É desanimador, mas é a verdade. A única forma de continuar assim é se reabirmos acordos de negócio com a Terra.

– A Terra não vai negociar conosco. Você não entende que essa é a motivação de desenvolver a doença e o antídoto que discutimos em todas as reuniões? Até possuirmos isso, não temos nada a oferecer para os terráqueos que eles já não tenham.

– Nós temos espaço, Vossa Alteza.

Levana se irritou. Embora a voz de Haddon não oscilasse, ela

conseguia ver a hesitação nos olhos dele. Por um bom motivo.

– Espaço – repetiu ela.

– Todos os setores juntos ainda ocupam apenas uma fração da superfície total de Luna. Existem muitas regiões de baixa gravidade que podem ser bastante valiosas para os terráqueos. Eles poderiam construir aeroportos espaciais que exigiriam menos combustível e energia para conduzir suas viagens e explorações. É o que poderíamos oferecer. O mesmo arranjo pelo qual a colônia lunar foi formada.

– De jeito nenhum. Não vou voltar à força política de uma colônia. Não vou ser dependente da União Terráquea.

– Vossa Alteza...

– A discussão acabou. Quando você tiver outra sugestão de como podemos contornar esse dilema de recursos limitados, estarei pronta para ouvir. O que vem depois?

A reunião continuou como antes, mas havia uma tensão na corte que nunca se dissolveu totalmente. Levana tentou ignorar.

Ela era a rainha pela qual Luna estivera esperando. Resolveria esse problema também, pelo seu povo, pelo seu país, pelo seu trono.



– ESTOU DIZENDO, EU SOU *BOA* NISSO – disse Levana, andando com euforia pelo quarto.

– Tenho certeza de que é – disse Evret, rindo quando Winter pegou um par de sapatos de Levana do armário e entregou para ele. – Obrigado, querida – acrescentou, e colocou os sapatos de lado. Winter correu com alegria até o armário. Ao levantar o rosto, Evret abriu um sorriso. – Não vejo você feliz assim há muito tempo.

Levana não se *sentia* feliz assim havia muito tempo.

– Nunca fui boa em nada – disse ela. – Channary dançava melhor, cantava melhor, manipulava melhor, era melhor em tudo. Mas, *ah!* Eu sou uma rainha melhor, e todo mundo sabe.

O sorriso de Evret se tornou hesitante, e ela sabia que ele não ficava à vontade falando mal dos mortos, mas Levana não se importava. Fazia quase um ano que Channary tinha morrido, e ela sentia que um dia de luto já tinha sido demais. Desconfiava que a pobre costureira que jamais voltaria a andar concordaria com ela.

Winter passou correndo e entregou outro par de sapatos para o pai. Ele deu um tapinha na cabeça dela, onde o cabelo tinha crescido em cachos selvagens ao redor da cabeça.

– Obrigado.

Ela saiu saltitando novamente.

– E o povo. Acho que estão começando a me amar.

– *Amar?*

Levana parou de andar, desprevenida pelo deboche no tom dele.

O sorriso de Evret sumiu rapidamente, como se ele tivesse percebido a zombaria tarde demais.

– Querida – disse ele, uma palavra que tinha começado a usar para se referir a ela não muito tempo depois do casamento. Isso fazia o coração de Levana disparar, mas ela também se questionava se Evret a chamava assim para evitar falar o nome de Solstice sem querer. – Não há dúvida de que você é uma boa rainha e de que está fazendo coisas ótimas por Artemísia. Mas o *povo* não conhece você. Você já foi aos setores externos?

– Claro que não. Eu sou a rainha. Mando gente ir lá e depois fazer um relatório.

– Você é a rainha regente – corrigiu ele. Levana se encolheu; estava começando a desprezar a palavra *regente*. – E apesar de eu ter certeza de que os relatórios que recebe são bem precisos, isso continua não permitindo que as pessoas conheçam *você*, sua governante. Elas não podem amar uma estranha. *Obrigado*, Winter. Além do mais, quando faz suas transmissões, você sempre...

Ela apertou os olhos e esperou.

– É que... você nunca mostra seu rosto quando a gravam. Boatos estão se espalhando, sabe. As pessoas pensam que está escondendo alguma coisa. E o amor começa com confiança, e a confiança não pode ser formada se as pessoas acham que você está escondendo alguma coisa.

– O glamour não funciona em vídeo. Você sabe disso. Todo mundo sabe disso.

– Então não mostre seu glamour. – Ele indicou o rosto dela. – Por que não é você mesma? Vão admirá-la por isso.

– Como pode saber? Você nunca me viu!

Ele ficou surpreso por um momento, os olhos escuros piscando para Levana. Winter também parou na porta, carregando mais um par de sapatos cintilantes.

Evret se levantou e limpou a garganta.

– Você está certa, mas de quem é a culpa disso?

– Papai? – disse Winter, inclinando a cabeça. – Por que a mamãe está gritando?

Levana revirou os olhos. Era assim desde que Winter começou a falar. Ela só se dirigia ao pai. Levana não passava de uma figurante, *mãe* apenas no título.

– Por nenhum motivo, amorzinho. Por que você não vai brincar

com suas bonecas? – Empurrando Winter na direção do quarto de brinquedos, Evret se serviu uma bebida de uma bandeja na mesa lateral. – Você percebe que é minha esposa há mais de três anos – disse ele, vendo o líquido âmbar cair nos cubos de gelo. – Eu não briguei com você. Não fui embora. Mas estou começando a me questionar se isso vai algum dia se tornar um casamento de verdade ou se você planeja viver essa mentira até um de nós estar morto.

O diafragma de Levana tremeu inesperadamente, avisando-a de que ela talvez chorasse, dizendo que as palavras de Evret machucavam mais do que ela admitia na superfície.

– Acha que nosso casamento é uma mentira?

– Como você mesma acabou de falar, nem mesmo *eu* vi como você realmente é.

– E é isso que é importante para você? Que eu seja bonita, como *ela* era?

– Pelas estrelas do céu, Levana. – Ele colocou o copo na mesa sem tomar um gole. – É *você* quem a incorpora. É *você* quem se esconde. Eu nunca quis isso. De que exatamente você tem medo?

– De você nunca mais olhar para mim! Acredite, Evret. Você jamais me veria da mesma forma.

– Você me acha tão fútil? Acha que me importo com sua aparência embaixo do glamour?

Ela se virou.

– Você não sabe o que está pedindo.

– Acho que sei. Eu sei, tem cicatrizes, algum tipo de queimadura. Já ouvi os boatos.

Levana fez uma careta.

– E sei que sua irmã dizia que você era feia desde bebê, e só consigo

imaginar o mal que isso faz a uma pessoa. Mas... Levana... –

Suspirando, Evret, se aproximou por trás e colocou as mãos quentes nos ombros dela. – Eu tive uma esposa com quem podia conversar sobre qualquer coisa. Em quem confiava implicitamente. Acho que, se você e eu queremos fazer isso dar certo, precisamos ao menos *tentar* algo assim. Mas nunca vai acontecer se você sempre se esconder de mim.

– Isso nunca vai acontecer – sussurrou Levana – se você insistir constantemente em me comparar com *ela*.

Ele a virou para que o olhasse.

– Você se compara com ela. – Colocou a mão no rosto dela. – Me deixe ver você. Me deixe julgar por mim mesmo com o que consigo lidar. – Ele indicou a janela. – Deixe que as pessoas julguem *por elas mesmas*.

Levana engoliu em seco, com medo de perceber que estava considerando a possibilidade.

Era verdade que ele jamais poderia conhecê-la, confiar nela e *amá-la* enquanto ela se escondesse por trás desse glamour de beleza e perfeição?

– Não, não consigo – sussurrou Levana, se soltando das mãos dele. O rosto de Evret murchou, e, um momento depois, as mãos recuaram. – Talvez você esteja certo sobre as pessoas. Não, você *está* certo. Vou planejar uma visita pelos setores externos. Vou deixar que me vejam.

– Que vejam seu glamour, quer dizer.

Ela trincou os dentes.

– Que *me* vejam. Isso é o que importa, então não peça de novo.

Ele balançou a cabeça e foi pegar a bebida.

– Confie em mim – disse Levana enfaticamente, ao mesmo tempo que a visão ficava borrada. – É melhor assim. *Eu sou* melhor assim.

– Esse é o problema – disse Evret, incapaz de olhar para ela enquanto tomava um gole. – Eu não confio em você. Não sei nem como começar.



A IDEIA SURTIU LENTAMENTE. Primeiro, era só uma fantasia horrível e cheia de culpa. De que não havia Selene. De que Channary tinha morrido sozinha e sem filhos. De que Levana já era a verdadeira rainha.

Um dia, enquanto via Winter e Selene brincando com blocos no chão do quartinho de brinquedos, balbuciando uma língua que só elas entendiam, Levana teve uma fantasia em que Selene morria.

Colocava um daqueles blocos na boca e morria engasgada.

Escorregava na banheira quando a babá estivesse distraída demais para reparar.

Tropeçava nos pés desastrados e caía pelos degraus do palácio.

As fantasias a enojavam no começo – envolvendo uma criança inocente, com olhos castanhos grandes e cabelo castanho frequentemente despenteado. Porém, ela dizia para si mesma que eram só isso: fantasias. Não havia dano em imaginar um erro inocente que levaria à morte da bebê, ao luto do país e à coroação de Levana como rainha, agora e para sempre.

Com o tempo, as fantasias foram ficando mais violentas.

Em um ataque de frustração, a babá jogaria Selene da varanda.

Ou, em vez de tropeçar nos próprios pés, uma criança invejosa da aristocracia a empurraria escada abaixo.

Ou um cascudo desiludido entraria escondido no palácio e enfiaria uma faca no peito dela dezesseis vezes.

Ao mesmo tempo que Levana começou a ter medo de serem esses seus próprios pensamentos, ela conseguia se ouvir os justificando.

Ela era uma ótima rainha. Luna ficaria melhor com ela, não com uma criança ignorante que podia ser uma pestinha mimada e egoísta quando assumisse o trono.

A transição de Selene aos treze anos seria difícil e confusa para o povo. Podia levar anos para entrarem nos eixos novamente.

Channary fora uma péssima governante. Sem dúvida, a filha seria igual.

Ninguém amaria esse país como Levana amava. *Ninguém.*

Ela merecia ser rainha.

Como nunca tinha realmente odiado a menina, acreditava que estava sendo prática em sua racionalização. Seus pensamentos não vinham de inveja e nem de ressentimento. Era pelo bem de Luna. O bem de todo mundo ao seu redor.

Meses se passaram, e ela se viu inspecionando os poucos momentos que passava com a sobrinha em busca de fraquezas. Perguntando-se como faria se a oportunidade aparecesse. Perguntando-se se conseguiria sair impune.

Levana só se deu conta de que elaborava um plano quando esse plano já estava parcialmente formado.

Era a coisa certa a realizar. A única escolha que uma rainha preocupada poderia fazer.

Era um sacrifício e um peso que não podia passar para mais ninguém.

Ela escolheu um dia quase sem perceber que tinha escolhido.

A oportunidade apareceu claramente. Sua imaginação vibrou. Parecia que um fantasma invisível estava sussurrando a sugestão no ouvido dela, convencendo-a a tirar vantagem da oportunidade, que poderia não aparecer novamente.

Winter tinha uma consulta com a dra. Eliot naquele dia. Levana providenciaria para que ela mesma buscasse a menina nos aposentos. Mandaria Evret fazer alguma outra coisa. A babá estaria lá. Supostamente, havia uma babá nova, uma que as pessoas ainda não conheciam bem, uma que podia não ser totalmente de confiança. Levana a coagiria, garantindo que parecesse acidente. Ela faria...

Faria o quê?

Essa era a parte que Levana não conseguia resolver.

Como se matava uma criança?

Havia tantas possibilidades, mas cada uma a fazia se sentir um monstro só de pensar nelas. No começo, tentou pensar em como garantir que a menina não sofresse. Não queria que sentisse dor; apenas que terminasse morta. Uma coisa que acabasse rápido.

No aniversário de Selene, foi decidido que haveria uma festa. Uma coisa íntima. Foi ideia de Evret, e Levana ficou tão feliz de vê-lo querendo planejar uma coisa como família que nem discutiu. Seriam só os dois, a pequena Winter, claro, e a família Clay, como sempre. Todos reunidos nos aposentos infantis do palácio, bebendo vinho e rindo como pessoas normais, como se não houvesse nada de estranho entre essa mistura de realeza e guardas. As crianças brincaram, e a esposa de Garrison deu a Selene uma boneca de pano que ela mesma tinha feito, e o boleiro do palácio levou um bolinho com formato de coroa. Em cada ponta da coroa havia uma pequena vela prateada.

Evret tentou mostrar a Selene como soprar as velas enquanto escorria cera até a cobertura. Winter também queria participar da comemoração, e todo o lindo bolo ficou coberto de cuspe de bebê antes de o pequeno Jacin se irritar e soprar as velas. Todos riram e bateram palmas, e Levana olhou para a fumaça preta subindo e soube como ia fazer.

Levana faria com a criança o que Channary fizera com ela.

Venha aqui, irmãzinha. Quero mostrar uma coisa.

Só que, diferentemente de Channary, *ela* seria misericordiosa. Não obrigaria a menina a continuar vivendo.



ELA FICOU NA PORTA DOS APOSENTOS INFANTIS, ouvindo as meninas rirem na casinha de brinquedo. Elas tinham coberto a parte de cima com cobertores da cama de Evret para ter mais privacidade. Dali, Levana conseguia ver flores de maçã intrincadas bordadas na extremidade de um dos cobertores, e a surpreendeu pensar que, independentemente da quantidade de vezes que tinha ido para a cama de Evret, ela nunca havia reparado nos desenhos. O cobertor não era dos enxovais do palácio, o que queria dizer que ele levava do antigo casamento e mantivera aquela parte secreta de Solstice escondida nos anos que se passaram.

Ao perceber que mexia na aliança preta, Levana baixou as mãos para as laterais do corpo.

Dentro da casinha, Winter disse alguma coisa sobre elas serem princesas na torre, mas tudo se dissolveu em baboseira infantil e risadas que Levana não conseguiu acompanhar.

Acabaria depois daquele dia, e essa certeza era um alívio. Ela não conseguia parar de pensar na princesa que um dia cresceria e lhe tiraria tudo. Não conseguia deixar de ser assombrada pelo fantasma da irmã e pelo legado que ela deixou para trás.

Depois daquele dia, toda Luna seria dela.

Tinha lhe ocorrido que ela podia decidir não tirar Winter dali e deixar o fogo levar as duas. Assim, Evret seria todo dela também. Mas pensou no homem vazio que ele havia se tornado nos meses após a morte da esposa e não conseguiria suportar ver aquilo de novo.

– Ah, perdão. Você está...

Levana se virou, e a garota recuou antes de fazer uma reverência apressada.

– Me perdoe, Vossa Majestade. Eu não a reconheci.

A garota não era nenhuma beldade, com cabelo sem vida e o nariz grande demais para o rosto. Mas havia uma delicadeza nela que Levana achava que podia agradar a alguns, e uma graça no movimento adequada a uma pessoa contratada para criar a próxima rainha.

– Você deve ser a nova babá – disse Levana.

– S-sim, minha rainha. É uma grande honra estar na sua presença.

– Eu não sou rainha – disse Levana, sentindo o gosto da própria amargura. – Estou apenas cuidando do trono até minha sobrinha crescer.

– Ah, sim, claro. Eu... não pretendia ser desrespeitosa. Vossa... Alteza.

As risadinhas tinham parado. Quando Levana olhou para a casinha, viu que as meninas tinham puxado os cobertores e estavam olhando para ela com expressões curiosas e bocas abertas.

– Winter vai ser examinada pela dra. Eliot hoje – disse Levana. – Eu vim levá-la.

A babá ficou na posição de reverência, sem saber se tinha permissão de se levantar e olhar para Levana. Estava óbvio pelo silêncio tenso que ela queria perguntar por que a rainha faria isso se estava dentro dos deveres da babá cuidar para que as garotas cumprissem seus compromissos, ou por que a médica não foi examinar a princesa nos aposentos infantis. Mas não discutiu. Claro que não.

– Winter, venha – chamou Levana. O cobertor caiu de novo e escondeu a princesa. – Você tem consulta com a dra. Eliot. Não vamos deixá-la esperando.

– Devo esperar que a princesa volte esta tarde, Vossa Alteza? – perguntou a babá.

As entranhas de Levana se contorceram.

– Não. Vou levá-la para nossos aposentos particulares depois da consulta. – Ela viu Winter descer a escada, graciosa de um jeito que só uma criança de quatro anos podia ser, mesmo com as pernas gordinhas e uma saia bem ampla. O cabelo balançou quando ela pulou no chão.

O cobertor foi movido de novo. Selene espiou pela abertura.

Levana olhou nos olhos dela e conseguiu sentir a desconfiança, a aversão instintiva. Com o maxilar contraído, inspirou fundo rapidamente.

– Tenho um trabalho para você.

A babá, ficando pouco à vontade, se levantou da posição de reverência.

– Para mim, Vossa Alteza?

– Você tem família? Filhos?

– Ah. Não, Vossa Alteza.

– Marido ou amante?

A babá ficou vermelha. Não devia ter mais de quinze anos, mas isso não significava nada em Artemísia.

– Não. Eu não sou casada, Vossa Alteza.

Levana assentiu. Selene não tinha família, nem essa garota... nenhuma família que precisasse dela, pelo menos. Era perfeito.

Era para ser assim.

Uma mão segurou a de Levana e a fez pular.

– Estou pronta para ir, mãe – disse Winter.

Com a pulsação latejando, Levana soltou a mão.

– Vá esperar no corredor. Estarei lá em um momento.

Desolada, Winter se virou e acenou para Selene. Uma mãozinha apareceu por baixo do cobertor e acenou de volta antes de Winter sair do aposento.

Agora. Ela faria agora.

Depois disso, tudo estaria acabado.

Levana apertou as mãos na saia e secou as palmas úmidas.

– Vá para a casinha – disse ela, quase como se estivesse falando sozinha. – Fique com a princesa. Está quase na hora da soneca dela. – Ela falou devagar, incutindo a ideia na mente da babá. Enfiou a mão em um bolso escondido e tirou uma vela, já meio queimada. – Vai estar escuro debaixo do cobertor, então é melhor levar esta vela para enxergar. Coloque de uma forma que a princesa não se queime acidentalmente. Perto da extremidade da casinha. Embaixo daquele cobertor... o que tinha as flores de maçã. Você vai ficar com a garota até ambas adormecerem. Você já está cansada. Não vai demorar.

A babá inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse ouvindo uma música que não conseguia identificar.

Levana pegou uma caixa de fósforos e deixou a babá segurar a vela enquanto a acendia. As mãos tremeram com a fagulha, o medo do fogo fazendo cada músculo se contrair. Quando o pavio se acendeu, ela conseguiu sentir a chama subindo pelo pequeno fósforo, ameaçando queimar seus dedos.

Levana o sacudiu rapidamente, respirando melhor assim que a chama foi extinguida. Jogou o fósforo fumegante no bolso do avental da babá. A garota não disse nada.

– Vá. A princesa está esperando.

Com o olhar vazio, a babá se virou e andou na direção da casinha de brinquedo, carregando a vela um pouco torta. Selene estava espiando de novo. Confusa e curiosa.

Lambendo os lábios, Levana se obrigou a se virar. No corredor, pegou a mão de Winter sem falar nada e a puxou na direção do consultório da médica. Seu coração estava disparado dentro do peito.

Estava feito. Fizera o que era necessário.

Agora, só precisava esperar.



MAIS DE UMA HORA SE PASSOU até Levana ouvir as primeiras inquietações no palácio. Embora seus nervos tivessem pulsado o tempo todo desde que ela saiu dos aposentos infantis, aquilo já parecia um sonho. Só mais uma das suas fantasias, resultando em decepção. Enquanto a dra. Eliot verificava que Winter era uma criança saudável, Levana andava pela sala de espera. O consultório da médica era no palácio,

um consultório satélite do que ela mantinha no centro médico do outro lado da cidade, para que pudesse estar à disposição ao menor sinal de tosse ou febre na família real.

Ao perceber que ainda estava segurando a caixinha de fósforos, Levana olhou se havia alguém por perto e jogou na lixeira, depois limpou as mãos em uma cadeira acolchoada, como se alguma prova pudesse ser encontrada em rastros de cinzas nas pontas dos dedos dela.

– *Doutora!*

Levana deu um pulo e se virou na direção da porta aberta do consultório. Na outra sala, a voz da dra. Eliot silenciou, e ela apareceu segurando um verificador de sinais vitais na mão. Atrás dela, Winter estava sentada em uma mesa coberta de papel, balançando os pés cobertos por meias.

Uma criada apareceu, o rosto vermelho e ofegante.

– *Doutora! Venha logo!*

– Peço perdão, mas estou com Sua Alteza e...

– Não... são os aposentos infantis. *A princesa Selene!* – A voz da criada ficou tão aguda que falhou.

Um arrepio percorreu a pele de Levana, mas ela conseguiu manter a expressão atordoadas.

– O que pode...?

– Houve um incêndio. Por favor, você tem que vir. Não há tempo a perder!

A dra. Eliot hesitou e olhou para Levana, depois para Winter.

Levana engoliu em seco e deu um passo à frente.

– Bom, claro, você tem que ir. Se nossa futura rainha está em perigo, você precisa cuidar dela imediatamente.

Era todo o encorajamento de que a médica precisava. Enquanto pegava a bolsa médica, Levana se virou para a criada.

– O que aconteceu? Que incêndio foi esse?

– Não sabemos, Vossa Alteza. Elas estavam na casinha de brinquedo e pegou fogo... achamos que deviam estar dormindo...

– Elas?

– A princesa e a babá. – Com o olhar pousando em Winter, a criada começou a chorar de repente. – Graças às estrelas a princesa Winter não estava lá. É horrível. *Horrível!*

Levou só alguns segundos para Levana ficar irritada com os choramingos da criada.

Winter desceu da mesa de exames e foi calçar os sapatos, mas Levana segurou o punho dela e a arrastou atrás da médica.

– Agora não, Winter. Vamos voltar para pegar depois.

A médica correu. Levana queria disparar atrás dela. Sua curiosidade era um sofrimento, todas as suas fantasias se acumulando naquele momento de angústia. Mas não queria carregar Winter, e princesas não corriam.

Futuras rainhas não corriam.

Ela ainda estava segurando a mão de Winter quando sentiu cheiro de fumaça. Sentiu o barulho de passos reverberando pelo piso.

Uma multidão tinha se reunido quando elas chegaram. Criados, guardas e taumaturgos ocupavam os corredores.

– *WINTER!* – Era Evret, o rosto tomado de alívio quando viu a filha. Abrindo caminho pela multidão, ele se inclinou para tomar Winter nos braços e a apertar contra o corpo. – Eu não sabia onde você estava... Não sabia...

– O que aconteceu? – perguntou Levana, tentando abrir caminho

para os aposentos infantis.

– Não, não olhe. Não entre. É horrível.

– Eu quero ver, papai.

– Não, não quer, amorzinho. Não quer mesmo. Querida...

Levana se irritou. Ele nunca a chamava assim quando estavam em público, sempre escondia o relacionamento deles por trás de portas fechadas por medo de ser inadequado. Devia estar muito abalado. Tentou segurar o punho de Levana, mas ela afastou a mão. Ela tinha que ver. Tinha que saber.

– Cheguem para o lado! Ela é minha sobrinha. Me deixem vê-la!

As pessoas ouviram. Como podiam não ouvir? Os rostos repuxados de horror, panos encostados na boca para afastar o fedor de fumaça e carvão e... ela pensou, não era cheiro de carne queimada? Mas tinha um odor familiar que deu um nó no estômago dela.

Quando finalmente chegou à frente da multidão, ela parou e observou a imagem por um véu de fumaça. A dra. Eliot estava lá, junto com incontáveis guardas, alguns ainda segurando baldes vazios que deviam ter sido usados para apagar as chamas, outros para apagar as brasas que restavam. O cobertor tinha sido totalmente queimado, a casinha reduzida a uma estrutura bamba, toda de madeira empretecida e cinzas. Ficaram marcas de queimadura no papel de parede e nos moldes elaborados de coroa.

No meio do amontoado de guardas, Levana conseguiu identificar dois corpos no andar de cima da casinha. Com certeza eram corpos, embora de longe parecessem pouco mais do que restos queimados.

– Se afastem! Se afastem! – gritou a dra. Eliot. – Me deem espaço para examiná-la. Me deem espaço. Vocês não estão ajudando!

– Venha – disse Evret atrás dela de novo.

Tremendo, Levana recuou e ousou se virar para olhar para ele. Não precisava fingir choque. A visão era mil vezes mais apavorante do que a imaginação tinha oferecido. Mil vezes mais real.

Ela tinha feito aquilo.

Os corpos eram culpa dela.

Selene estava morta.

Embora Evret ainda estivesse segurando Winter apoiada no quadril e tentando bloquear a visão dela com as mãos, Levana conseguia ver a menina esticando o pescoço para ver a agitação e o caos, os restos queimados da casinha de brinquedo dela e da única prima.

– Vamos sair daqui – disse Evret. Ele segurou a mão de Levana, e ela permitiu que ele a guiasse. Os seus pensamentos estavam confusos quando eles seguiram pelos corredores. O estômago estava retorcido com centenas de emoções que ela não conseguiria nomear. As perguntas de Winter começaram a vir com força. *O que aconteceu, papai? Onde está Selene? O que está acontecendo? Por que está com esse cheiro?*

Ela foi ignorada e respondida só com beijos e carinhos nos cachos.

– Ela está morta – murmurou Levana.

– É horrível – disse Evret. – Um acidente horrível demais.

– É. Um acidente horrível. – Levana apertou a mão dele. – E agora... você entendeu? Isso quer dizer que eu vou ser rainha.

Evret olhou para ela, o rosto cheio de dor ao passar o braço livre pelo ombro dela e a puxar para perto. Ele deu um beijo no alto da cabeça dela também.

– Não precisa pensar nisso agora, querida.

Mas ele estava errado.

Quando o nó no estômago dela começou a sumir aos poucos, era

só nisso que conseguia pensar.

Ela era a rainha.

A culpa, o horror e a lembrança daquele cheiro horrível poderiam acompanhá-la para sempre, mas ela era a rainha.



A PRINCESA SELENE FOI DECLARADA MORTA naquela noite. Levana fez o anúncio para o povo do centro de transmissão do palácio. O vídeo mostrava imagens da jovem princesa enquanto Levana lutava para manter a voz séria, embora os nervos formigassem pelo sucesso. Não era felicidade; era triste saber que a vitória exigira um ato tão pavoroso. Mas sucesso era sucesso, vitória era vitória. Ela havia conseguido, e agora, enquanto o país estava de luto, seria Levana quem os tiraria dessa tragédia.

A pequena Selene, com apenas três anos de idade, mal deixaria marca na história. A lembrança da princesinha seria totalmente eclipsada pelo reinado da rainha Levana.

A rainha mais linda que Luna já tinha visto.

Pela primeira vez, ela estava satisfeita. Tinha Evret. Tinha sua coroa.

Ainda não possuía herdeiro, mas agora que era a última da linhagem real, o destino sorriria até para isso. Ela era tudo que restava. Não ter um filho não era opção. Afinal, Winter não podia crescer e virar rainha. Não. Levana teria um filho.

Com Selene morta, novos pensamentos tomaram conta: que ela seria uma grande governante e o povo a amaria com todo o coração. E que, quando Levana desse a Evret um filho dos dois, ele também a

amaria, finalmente, ainda mais do que à querida Solstice.

Ela estava construindo a vida que sempre quis para si mesma, e estava bem perto agora. Tão, tão perto.

Mas só uma semana tinha passado quando Levana começou a perceber a mudança.

O jeito como as pessoas baixavam os olhos quando ela passava, não com o respeito normal, mas com algo parecido com medo. Talvez – estaria ela imaginando? –, talvez até nojo.

O jeito como havia uma nova frieza nos criados do palácio. Todos pareciam estar mordendo a língua, querendo dizer-lhe alguma coisa, mas não ousando.

O jeito como Evret lhe perguntou uma noite por que ela fora buscar Winter naquele dia. Por que decidira levar Winter por conta própria à consulta médica quando era uma coisa que a babá podia ter feito.

– O que você quer dizer? – perguntou Levana, com o coração na garganta. – Ela é minha filha, mas quase não tenho passado tempo com ela esses dias. Por que eu não deveria levá-la a compromissos?

– É que...

Ela ficou tensa.

– É que *o quê*?

– Nada. Não é nada. Não sei o que eu estava pensando.

Ele a beijou, e foi a última coisa dita sobre o assunto.

Mas ela poderia ter ignorado tudo isso. Que pensassem que ela era culpada. Que a acusassem por trás de portas fechadas. Como rainha de Luna e única descendente real da linhagem Blackburn, ninguém ousaria acusá-la na cara.

Não, foi outro boato que deixou Levana gelada até a espinha.

Estavam dizendo que Selene tinha sobrevivido.

Não era possível.

Não podia ser.

Ela havia visto o corpo, sentira o cheiro da carne queimada, testemunhara as consequências do incêndio. Uma criancinha não poderia ter sobrevivido àquilo.

Ela estava morta. Não existia mais.

Tinha acabado.

Então, por que ainda assombrava Levana dessa maneira?



– ESPERO QUE SAIBA QUE NÃO ESTÁ ENCRENCADA – disse Levana. – Eu só quero ter a certeza de que sei a verdade toda.

A dra. Eliot estava na frente dela no meio da sala do trono. Normalmente, esse era o tipo de procedimento que seria resolvido na frente da corte toda, mas, sem ter convicção do que exatamente a doutora sabia, Levana confiava em pouquíssimas pessoas para ouvirem o testemunho. Ela tinha até deixado seus guardas pessoais esperando no corredor, pois a última pessoa que queria que ouvisse um relato dessa reunião era Evret, e nem os guardas mais treinados eram imunes ao impulso de espalhar fofoca.

Então estavam apenas ela, sentada no trono, e sua taumaturga-chefe de confiança, Sybil Mira, de pé ao seu lado com as mãos enfiadas nas mangas do casaco branco engomado.

– Eu contei tudo que sei, minha rainha – disse a dra. Eliot.

– Sim, mas... há boatos. Certamente os ouviu. Boatos que dizem que a princesa Selene pode ter sobrevivido ao incêndio. De que *você*,

como a primeira pessoa a examinar os corpos, pode ter informações sobre o que foi encontrado no fogo e que preferiu manter em segredo.

– Eu não esconderia nada de minha rainha.

Ela inspirou com paciência.

– A menina era minha sobrinha, doutora. Mereço saber a verdade. Se ela ainda estiver viva, seria... seria muito doloroso pensar que alguém esconderia essa informação de mim. Você sabe que eu a amava como se fosse minha.

A dra. Eliot apertou os lábios, uma expressão breve, mas intensa.

– Tenho certeza – disse ela, falando com cuidado – que seria de *muita* importância para Vossa Majestade se a princesa tivesse sobrevivido, minha rainha. Mas, quando vi o corpo depois do incêndio, infelizmente ela já estava perdida. Não havia como salvá-la.

– Não havia como *salvá-la*. – Levana se inclinou para a frente. – Então está dizendo que ela não estava morta?

A médica hesitou.

– Havia batimentos fracos. Isso foi mencionado no meu relatório, Vossa Majestade. Porém, apesar de ainda haver alguma vida nela quando cheguei, ela morreu logo depois. Eu estava lá quando os batimentos pararam. Ela está morta.

Levana segurou o braço do trono.

– E onde foi isso? Quando os batimentos pararam. Ainda foi nos aposentos infantis?

– Sim, minha rainha.

– E havia mais alguém lá testemunhando? Alguém que possa confirmar essa história?

A dra. Eliot abriu a boca para falar, mas hesitou.

– Eu... sim, minha rainha. Nessa hora, o dr. Logan Tanner tinha chegado depois de vir correndo do centro médico.

Levana levantou uma sobancelha.

– Dr. Logan Tanner? Eu não falei com ele.

– Com todo o respeito, minha rainha, tenho certeza de que tem assuntos mais importantes do que conduzir sua própria investigação desse incidente trágico. O dr. Tanner não vai dar nenhuma informação diferente das que eu já ofereci. Como Vossa Majestade falou, fui a primeira a ver o corpo da princesa. Posso dizer com certeza absoluta que ela está morta.

Ao olhar para a médica, Levana conseguia sentir a arrogância da mulher. Parecia ansiosa, mas também confiante.

Ela sabia mais do que estava deixando escapar, e essa certeza provocou uma coceira sob a pele de Levana.

– Com todo o respeito – disse Levana, sentindo as palavras deslizando pela boca –, não tem assunto mais importante do que minha sobrinha, nossa *futura rainha*, estar viva. Se isso for verdade e se você preferir esconder essa informação de mim, você entende que seria um crime inaceitável. Seria caso de ser julgada como traidora da coroa.

A arrogância da médica sumiu. Ela baixou a cabeça.

– Peço desculpas se a ofendi, minha rainha. Eu não pretendia menosprezar sua preocupação com esses boatos. É que não posso contar nada além do que já contei. Eu queria que houvesse verdade nesses boatos, que nossa querida princesa tivesse sobrevivido ao fogo. Mas, infelizmente, não é verdade.

Levana se encostou no trono e fechou os dedos nos braços grossos e esculpidos. Finalmente, assentiu.

– Eu acredito em você e peço desculpas por essa inconveniência adicional, dra. Eliot. Você é uma súdita leal há muitos anos, e isso não passou despercebido.

A dra. Eliot se curvou.

– Obrigada, minha rainha.

Levana dispensou a médica e esperou as portas enormes se fecharem antes de falar novamente:

– Você acha que ela está mentindo, Sybil?

– Infelizmente, acho, minha rainha. Tem alguma coisa no jeito dela que acho suspeito.

– Concordo. O que podemos fazer?

Sybil parou na frente do trono.

– É essencial que descubramos a verdade sobre o que houve depois do incêndio. Se Sua Alteza estiver viva, é seu direito saber, como nossa rainha e como única parente da criança. Senão, de que outra forma Vossa Majestade pode protegê-la de sofrer mais? – Os olhos cinzentos de Sybil brilharam quando ela disse *protegê-la*, e Levana desconfiou que a taumaturga-chefe talvez soubesse exatamente por que estava tão determinada a descobrir se Selene estava ou não viva; mas, ao mesmo tempo, achava que Sybil não se incomodava muito com a verdade. Afinal, havia sido Levana quem a conduziu até a posição atual, deixando de lado vários candidatos com mais experiência. Às vezes, ela se perguntava se Sybil era a única pessoa de seu grupo que lhe era verdadeiramente leal.

– A dra. Eliot parece achar que meu interesse no bem-estar de Selene não vem de preocupação amorosa. Como posso saber se ela está nos dizendo tudo quando parece tão determinada a manter alguma coisa escondida?

Sybil sorriu.

– Nós, taumaturgos, somos treinados com certos métodos para extrair informações, mesmo de quem não esteja disposto a dá-las. Talvez a dra. Eliot e eu devamos ter uma conversa mais particular.

Levana a encarou, perguntando-se se desejava saber de que consistiam essas técnicas de extração, mas reconheceu quase tão rapidamente que faria qualquer coisa para descobrir a verdade sobre a sobrinha e o que aconteceu no quarto naquele dia.

Além do mais, a própria Sybil não parecia se opor.

– Sim – disse ela, sentando-se mais ereta. – Acho que é uma ação necessária, Sybil. Mas temo que outras pessoas da equipe não serão tão compreensivas.

– Vamos fazer com que compreendam. Afinal, é bem peculiar que a dra. Eliot tenha sido a primeira médica a chegar à criança, mas não tenha sido capaz de salvar a garota, mesmo depois de encontrar batimentos. Há motivos óbvios de desconfiança. Faz sentido investigarmos melhor a questão.

Sentindo a ansiedade começar a diminuir, Levana assentiu.

– Você está totalmente correta. – Ela enfiou as unhas na decoração entalhada do trono. – E quando tivermos descoberto todo o possível com a dra. Eliot, acho que vai ser bom falarmos com esse Logan Tanner também. Quero saber tudo sobre os resultados daquele incêndio.

Sybil se curvou.

– Vou cuidar para que seja feito, minha rainha.

A dra. Eliot foi detida no dia seguinte para interrogatórios adicionais. Levana esperou os relatórios de Sybil, sem interesse nos detalhes. Entretanto, dia após dia se passou sem que a médica

contasse algo de valor.

Duas semanas depois, antes que Levana conseguisse encontrar uma forma de interrogar o segundo médico, o tal Logan Tanner, sem levantar desconfianças... ele desapareceu.



LEVANA SE RECUSOU A SER ASSOMBRADA pelo fantasma de crianças e irmãs mortas, de princesas e rainhas. No ano seguinte à morte de Selene, ela assumiu o papel de nova e verdadeira rainha de Luna.

Ela continuou fortalecendo o exército, alocando o máximo de recursos possíveis para permitir que os cientistas aperfeiçoassem o processo de bioengenharia. O primeiro grupo de soldados começou o treinamento, e eram ainda mais milagrosos do que Levana imaginara. Metade homens, metade animais, pura brutalidade e maldade. Levana se comprometeu a conhecer melhor as cirurgias e o treinamento dos soldados. Foi uma bela visão quando os primeiros meninos saíram dos tanques suspensos de animação, ainda atordoados e desajeitados com os novos instintos e corpos modificados.

E famintos. Eles acordavam tão, tão famintos.

Ela passou a conhecer bem o time de pesquisa, liderado pelo infame Sage Darnel, embora Levana não tivesse ficado tão impressionada com o sujeito quanto esperava depois de ouvir falar da genialidade dele por tantos anos. Quando o conheceu, só conseguia pensar que aquele homem era pai de uma cascuda, e foi preciso toda sua força de vontade para ouvir as explicações nada entusiasmadas sobre os procedimentos cirúrgicos, sem fazer comentários maldosos

sobre sua cria inútil.

Enquanto isso, os primeiros portadores da doença foram enviados à Terra. Levana ouvira anos antes, durante o reinado dos pais, que alguns cidadãos dos setores externos encontravam formas de fugir em naves diplomáticas ou de reconhecimento a caminho da Terra, ou que pagavam o que pudessem para convencer um piloto de nave de carga para levá-los, deixando a vida de trabalho para trás. Era um egoísmo que Levana não conseguia imaginar; pensar que qualquer pessoa do seu povo só pensaria em si mesma e abandonaria o país que precisava dela.

Os pais de Levana sempre fingiam não saber desses fugitivos, talvez sem entender que a sociedade deles desmoronaria rápido se não conseguisse segurar seu suprimento limitado de trabalho.

Mas, agora, Levana tinha uma utilidade para esses fugitivos. Com a cepa da doença espalhada pelos setores externos, cada lunar se tornou gradualmente um portador desconhecido, e a imunidade deles significaria que nunca fariam ideia de que carregavam nos corpos uma doença letal.

Não demorou para que o primeiro caso da doença fosse registrado na Terra, em uma pequena cidade-oásis no Saara.

Espalhou-se rapidamente de lá, por toda a União Terráquea, como fogo. Embora os terráqueos logo fizessem quarentenas para os enfermos, era impossível conter a doença com portadores secretos, os infelizes lunares que viviam tão bem disfarçados entre eles.

Eles chamaram a doença de *letumose*, nome tirado de uma língua antiga e que queria dizer morte e aniquilação, um nome adequado, pois ninguém que pegava a doença sobrevivia.

Levana e sua corte concluíram que a operação foi um sucesso.

Ela não sabia quanto tempo levaria para enfraquecer os terráqueos. Anos, talvez até décadas, até que a doença se tornasse uma pandemia. Mas ela vivia na expectativa do momento em que apareceria e ofereceria o antídoto. Já estava sonhando com a forma como os líderes da Terra se prostrariam diante dela. No desespero, ofereceriam qualquer coisa. Qualquer recurso. Qualquer terra. Qualquer aliança.

Levana tentaria ser paciente, sabendo que chegaria o dia. Tentaria ignorar os murmúrios pessimistas dos conselheiros e seus relatos que alegavam que todas as novas iniciativas de trabalho que ela instaurou eram insustentáveis. Não recuaria agora.

Tudo estava indo de acordo com o plano. Só era necessário ter paciência.

Quase quinze meses se passaram desde a morte de Selene, quando Levana foi informada de que o sr. Sage Darnel, chefe da equipe de bioengenharia, também tinha desaparecido. Alguns desconfiavam de suicídio, embora o corpo nunca tivesse sido encontrado. Muitos acreditavam que ele não se recuperara do nascimento e morte da filha cascuda.

Mais um cientista talentoso a sumir. Contudo, quando Levana foi informada de que isso não atrapalharia a produção de soldados e que as cirurgias continuariam como programado, ela se esqueceu do velho e da vida patética que levava.

Os anos se passaram. O legado dela cresceu. Os boatos sobre a princesa Selene começaram a se extinguir. Finalmente, finalmente Levana tinha tudo que queria.

Quase tudo que queria.



LEVANA ESTAVA NO GRAMADO DO PALÁCIO, vendo Evret correr atrás de Winter e Jacin nas margens do lago. Tinha finalmente aceitado a amizade de Evret com Garrison e a família dele, e agora eles eram presença permanente na vida de Levana, apesar do quanto ela desejava que Evret fizesse amizade com algumas famílias da corte. O garoto devia ter onze anos agora, uns dois anos mais velho do que Winter, magro como um galho e ainda tão pálido quanto a areia onde pisava. Ele e a princesa, para a consternação de Levana, pareciam ter desenvolvido uma ligação inseparável.

A princesa Winter, por sua vez, estava crescendo e ficando cada vez mais linda, como uma cantiga de amor. A pele, alguns tons mais clara do que a de Evret, era macia como veludo. O cabelo crescera em cachos densos, firmes como molas e brilhantes como ébano polido. Ela tinha os olhos da mãe, cor de caramelo, mas com os pontos cinzentos e esmeralda do pai.

Começaram a circular sussurros. Enquanto antes as pessoas da corte debochavam da ideia de casar uma princesa que não passava da filha de um guarda, agora o tom dos rumores estava mudando. Embora ainda fosse apenas uma criança, sua beleza estava ficando impossível de ignorar. Uma menina assim sem dúvida viraria uma mulher deslumbrante, e as famílias estavam reparando nisso.

Levana sabia que isso a beneficiaria um dia. Sua enteada seria a moeda de barganha ideal se precisasse de uma aliança. Mesmo assim, na primeira vez que ouviu conversas de como a princesa podia um dia ficar ainda mais bonita do que a própria rainha, os pensamentos

de Levana foram tomados de ódio.

Levana se esforçara tanto para aperfeiçoar seu glamour. Para ser a rainha mais bonita a se sentar no trono de Luna, mais bonita do que sua mãe, mais bonita do que Channary. Não era mais a princesa feia, a criança deformada. A ideia de que Winter poderia alcançar com facilidade algo que ela se esforçara tanto para conseguir fazia o estômago de Levana ferver.

Não ajudou em nada o fato de que Evret a mimava o tempo todo. Eles não passavam mais de um momento juntos sem que a criança fosse colocada nos ombros dele ou girada como um brinquedo. Embora Evret se recusasse a dançar com Levana nos bailes reais, ela o viu ensinando a Winter os passos de valsa que sabia. Seus bolsos pareciam estar sempre cheios das balinhas de maçã verde que a princesa adorava.

Levana levou a mão ao pescoço e segurou o pingente da Terra no punho fechado. Houve uma época em que Evret dava presentes para *ela* também.

Na margem do lago, as gargalhadas das crianças cintilavam tanto quanto o sol na superfície da água, e Evret ria tanto quanto os dois. Cada nota era uma agulha enfiada no coração de Levana, destruindo-a.

Também houvera uma época em que Evret a teria convidado para se juntar a eles, mas não era coisa de rainha correr e gargalhar e rolar na areia. Depois que ela dispensou os convites vezes demais, ele parou de fazê-los, e agora Levana lamentava cada vez que ficava de lado, olhando.

Olhando Evret levantar Winter, que dava gritinhos sobre a sua cabeça.

Olhando a esposa de Garrison preparar sanduíches de queijo que eram devorados com tanta voracidade quanto qualquer coisa que os chefs reais preparavam.

Olhando Jacin mostrar para Winter como fazer um castelo de areia e a melhor forma de destruí-lo.

Eles eram uma família, felizes e sem preocupações.

E, apesar de todos os seus esforços, de todas as suas manipulações, Levana nunca foi parte daquilo.

– Querida?

Ela levou um susto e desviou a atenção das crianças para dar de cara com Evret andando na direção dela. A calça estava molhada até os joelhos e coberta de areia branca e cintilante. Ele continuava tão bonito quanto no primeiro dia que Levana botou os olhos nele, e ela o amava tanto quanto naquela época. Perceber isso a fez se sentir tão vazia por dentro quanto madeira entalhada.

– É o pingente que dei para você? – perguntou ele, os dentes brilhando em um sorriso revigorante. Derreteu o coração dela e a machucou ao mesmo tempo.

Levana abriu a mão. Não tinha percebido que ainda estava segurando o pingente velho e manchado.

– Eu nem sabia que você ainda tinha – disse Evret. Ele esticou a mão e passou um dedo embaixo do cordão. O toque foi breve e deliberado, e a deixou tonta com a mesma fagulha de desejo que ela sentiu quando adolescente.

– Claro que ainda tenho. Foi o primeiro presente que você me deu.

Uma sombra cobriu a expressão de Evret, algo que ela não conseguiu traduzir. Uma coisa triste e distante.

Ele soltou o pingente, que bateu de leve contra o esterno dela.

– Vai ficar aí só olhando o dia todo? – perguntou ele, os olhos brilhando de novo. Talvez a sombra tivesse sido apenas imaginação.

– Não – disse ela, sem conseguir devolver mais do que um arquear de lábios cansado. – Eu já ia entrar. Tem um novo contrato de comércio com TX-7 que preciso revisar.

– Contrato de comércio? Não pode esperar até amanhã? – Ele segurou as suas faces com delicadeza. – Você trabalha demais.

– Uma rainha não segue horário comercial, Evret. É sempre uma responsabilidade.

A expressão dele demonstrou reprovação.

– Até uma rainha precisa relaxar às vezes. Venha. Venha brincar. Não vai fazer mal, e ninguém *ousaria* criticá-la se a vissem.

Ele falou como piada, mas Levana teve certeza de que havia uma tensão por baixo.

– O que isso quer dizer? – perguntou ela, se afastando.

Ele deixou as mãos penderem nas laterais do corpo.

– Você acha que as pessoas têm medo de mim? – insistiu ela. – São tão *oprimidas* que não ousariam dizer alguma coisa por medo? É isso?

O maxilar de Evret se moveu por um momento, perplexo, antes de demonstrar a frustração.

– As pessoas sempre tiveram medo de falar contra a família real. Isso é política. Não é uma coisa que possa tomar para você.

Bufando, Levana deu meia-volta e foi em direção ao palácio.

Com um grunhido, Evret foi atrás dela.

– Pare. Levana. Você está exagerando. Eu não quis dizer nada.

– Você deve me achar péssima governante. Uma daquelas rainhas mimadas e egoístas que se importam mais com a própria reputação do que com o bem do povo.

– Não é isso que eu acho. Sei que se importa com o que as pessoas pensam de você, mas também sei que se importa com elas. Da sua maneira.

– E que maneira é *essa*? – cortou ela, entrando embaixo da marquise do palácio.

– Levana, você pode parar?

A mão dele envolveu sua cintura, mas ela se soltou.

– Não toque em mim!

Na mesma hora, os guardas que estavam sempre por perto deram um passo à frente, as armas nas mãos.

Evret parou e levantou as mãos para mostrar que não pretendia fazer mal. Mas sua expressão estava furiosa, e Levana sabia que a honra era a reputação que *ele* queria proteger, que não ficaria feliz se alguém ousasse espalhar um boato de que ele tinha ameaçado a rainha, sua *esposa*, quando era ela quem estava sendo absurda.

Exagerando.

– Tudo bem – disse ele, dando um passo para trás antes de se virar.

– Vá ler seu contrato, Vossa Majestade.

Levana observou as costas dele se afastando, as mãos apertadas e tremendo, antes de sair andando na direção da escada principal. A sensação era de fuga. A sensação era de desistência.

Quando chegou a seu solar particular, onde fazia a maior parte do trabalho, ela se sentou para revisar o contrato, mas começou a chorar na mesma hora. Só soube que as lágrimas viriam quando era tarde demais para impedi-las.

Ela chorou pela garota que nunca foi parte de lugar algum. Uma garota que se esforçou muito, mais do que todo mundo, mas nunca tinha nada a ganhar. Uma garota que tinha certeza de que Evret a

amava, só a ela, e agora não conseguia nem lembrar como era essa certeza.

Apesar de cada uma de suas armas, o coração de Evret Hayle continuava sem ser conquistado.

Ela nem estava mais tentando engravidar, embora soubesse que isso não podia continuar. Era só que, havia muito tempo, suas visitas aos aposentos de Evret pareciam mais exaustivas do que apaixonadas. Mais desesperadas do que qualquer outra coisa.

Ela chorou porque conseguia sentir as fofocas se espalhando pela corte, sua esterilidade um tópico regular de conversas a portas fechadas. Taumaturgos e chefes de família andavam pelo palácio como peões em um jogo de tabuleiro, formando alianças, planejando seus movimentos se o trono ficasse sem herdeiro adequado.

Ela chorou porque haveria derramamento de sangue e rebeliões se ela fracassasse. No final, alguém colocaria a coroa em uma cabeça não merecedora, e uma nova linhagem real começaria. Levana não tinha a menor ideia de quem cairia e quem subiria e tomaria seu lugar.

Recusou-se a dar espaço a esses medos.

O trono precisava de um herdeiro, e seria *ela* quem o produziria. As estrelas acabariam sorrindo para ela. Tinham que sorrir, pelo bem de Luna.

Mas o destino só estaria do lado dela se pudesse provar que era a única governante de que esse país precisava.

Luna *estava* prosperando. A cidade de Artemísia era mais um paraíso agora do que em qualquer outra ocasião. Todos os setores externos estavam produzindo bens em velocidade nunca vista antes, e sempre que havia boatos de inquietação, Levana só precisava fazer

um passeio pelos domos para visitar o povo e lembrar a todos que eles eram felizes. Que a amavam e que trabalhariam para ela sem reclamação. Estar entre seu povo era o mais perto de uma família que ela já tinha sentido.

Quanto mais forte ficava a economia de Luna, mais Levana desejava.

Ela estava chorando agora porque desejava tanto, tanto.

Desejava tudo para o seu povo.

Desejava a Terra

Precisava da Terra.

Toda. Cada montanha. Cada rio. Cada cânion e geleira e costa arenosa. Cada cidade e cada fazenda. Cada terráqueo de mente fraca.

Ter controle sobre o planeta azul resolveria todos os seus problemas políticos. As necessidades de Luna por recursos e terra e maior força de trabalho. Ela não queria ficar na história como a rainha mais linda que aquela luazinha já tinha visto. Queria ser conhecida como a rainha mais linda da galáxia. Como a governante que uniu Luna e a Terra em uma monarquia só.

O desejo cresceu silenciosamente no começo, ocupando o lugar na barriga onde devia ter crescido uma criança. Foi se ampliando em um local tão fundo que ela nem soube que existia até um dia olhar para o planeta no espaço, debochando dela, fora de alcance, e quase cair de joelhos com a força dessa vontade.

Quanto mais o tempo passava, mais o desejo cravava nela as suas garras.

Ela merecia a Terra.

Luna merecia a Terra.

Mas, apesar de todas as suas tramas, de todas as longas reuniões

realizadas discutindo soldados e pragas, ela ainda não sabia como conquistá-la.



– POR QUE É SEMPRE UM PRÍNCIPE? – perguntou Winter. – Por que ela nunca é salva por um espião secreto? Ou por... um pobre fazendeiro, até?

– Não sei. Foi assim que a história foi escrita. – Evret afastou um cacho de cabelo do rosto de Winter. – Se você não gostou, vamos inventar uma história diferente amanhã à noite. Você pode escolher quem quiser para salvar a princesa.

– Tipo um médico?

– Um médico? Bom... claro. Por que não?

– Jacin disse que quer ser médico quando crescer.

– Ah. É um trabalho muito bom, e que salva mais do que apenas princesas.

– Talvez a princesa possa se salvar sozinha.

– Me parece uma ótima história também.

Levana espiou pela porta entreaberta e viu Evret beijar a testa da filha e puxar a coberta até o queixo dela. Tinha ouvido o final da história. A parte em que o príncipe e a princesa se casaram e viveram felizes para sempre, pelo resto da vida.

Parte dela queria dizer para Winter que a história era mentira, mas uma parte maior sabia que ela não ligava se Winter acreditava ou não.

– Papai? – disse Winter, fazendo Evret parar na hora que ia se levantar. – Minha mãe era princesa?

Evret inclinou a cabeça.

– Sim, querida. E, agora, é rainha.

– Não, estou falando da minha mãe verdadeira.

Levana ficou tensa e conseguiu ver a surpresa espelhada na postura de Evret. Ele se sentou lentamente na cama.

– Não – disse ele baixinho. – Ela era só costureira. Você sabe disso. Ela fez seu cobertorzinho de bebê, lembra?

Os lábios de Winter se curvaram para baixo enquanto ela mexia na costura da colcha.

– Eu queria ter uma foto dela.

Evret não respondeu. Levana queria poder ver o rosto dele.

Quando o silêncio se prolongou demais, Winter olhou para cima. Pareceu mais pensativa do que triste.

– Como ela era?

Parecida comigo, pensou Levana. *Diga para ela. Diga que ela era parecida comigo.*

Mas Evret balançou a cabeça.

– Eu não lembro – sussurrou ele. Era uma confissão triste e acertou Levana como um golpe nas costelas. Ela deu um passo para trás no corredor. – Não exatamente, pelo menos – consertou ele, ao ver a expressão arrasada de Winter. – Os detalhes foram roubados de mim.

– Como assim?

O tom dele assumiu uma leveza renovada.

– Não é importante. Mas *lembro* que ela era a mulher mais bonita de toda Luna. Da galáxia inteira.

– Mais bonita do que a rainha?

Embora não pudesse ver o rosto dele, Levana conseguiu ver a forma como Evret se encolheu. Mas ele se levantou e se inclinou sobre a filha, dando outro beijo na testa cheia de cachos.

– A mais bonita do *universo* inteiro – disse –, atrás só de *você*.

Winter riu, e Levana continuou recuando, até bater com as costas na parede. Tentou afastar a pontada de rejeição, a certeza de que ainda *não era boa o bastante*, não em comparação à preciosa Solstice e sua amada filha. Sufocou mais e mais os sentimentos, deixou que ficassem duros e frios dentro dela, enquanto o rosto continuava sorridente e agradável.

Quando Evret saiu do quarto um momento depois, pareceu assustado de encontrá-la ali, mas se recuperou rapidamente. Não era tão bom como alguns dos guardas em disfarçar as emoções, mas tinha melhorado ao longo dos anos.

– Eu queria dizer que sinto muito – disse ela – sobre esta tarde.

Balançando a cabeça, Evret fechou a porta de Winter e seguiu pelo corredor para o próprio quarto.

Levana foi atrás, retorcendo as mãos.

– Evret?

– Não importa. – As luzes se acenderam assim que ele entrou no cômodo e começou a tirar as botas. – Está precisando de alguma coisa?

Levana observou o quarto que raramente via iluminado. Evret nunca se dera ao trabalho de dar personalidade a ele. Depois de dez anos, o quarto ainda parecia uma suíte de hóspedes.

Ela disse:

– Eu queria perguntar por que... por que você aceitou se casar comigo.

Ele fez uma parada breve antes de chutar a segunda bota para o outro lado do quarto.

– O que você quer dizer?

– Em retrospectiva, eu às vezes me pergunto. Parece que, naquela

época, eu tinha que coagi-lo para conseguir cada beijo. Cada momento que passávamos juntos, você lutava comigo. Na época, eu tinha tanta certeza de que você apenas estava sendo... cavalheiro. Honrado. Leal à... memória de Solstice. Mas, agora, não tenho tanta certeza.

Com um suspiro pesado, Evret afundou em uma cadeira acolchoada.

– Não precisamos falar disso agora. O que está feito está feito.

– Mas quero saber por quê. Por que você disse sim se... se não me amava. E não queria ser da realeza. E não ligava se Winter era princesa. Por que dizer sim?

Ela conseguiu vê-lo lutando com as palavras por um longo silêncio e depois deu de ombros.

– Eu não tinha escolha.

– Claro que tinha escolha. Se você não me amava, devia ter dito não.

Ele deu uma risada sem humor e encostou a cabeça no apoio atrás.

– Não, eu não podia ter feito isso. Você deixou bem claro que não ia me deixar recusar. Me diga que estou errado. Me diga que teria me deixado ir embora.

Levana abriu a boca para dizer que sim, claro que permitiria que ele tivesse a liberdade dele se era isso que realmente queria.

Mas as palavras não vieram.

Ela se lembrava tão claramente daquela manhã. Seu sangue no lençol. O gosto de frutas vermelhas azedas. A lembrança agri-doce das carícias dele, de saber que fora dela por uma noite, mas que nunca realmente lhe pertencera.

Não.

Não, ela não o teria deixado ir.

Ela tremeu e baixou o olhar para o chão.

Que criança idiota tinha sido.

– No começo, achei que era um jogo para você – continuou Evret quando ficou claro que ele tinha provado que estava certo. – Como era com sua irmã. Tentar me fazer desejá-la daquele jeito. Achei que você se cansaria de mim e que acabaria me deixando em paz. – Uma ruga se formou entre as sobrancelhas dele. – Mas quando me disse para me casar com você, percebi que já era tarde demais. Eu não sabia o que você faria se eu lutasse, lutasse *de verdade*. Você é muito boa nas suas manipulações, já era naquela época, e eu sabia que não conseguiria resistir se me obrigasse a aceitar. E tinha medo de que, se eu continuasse lutando, você pudesse... pudesse fazer alguma coisa drástica.

– O que achou que eu faria?

Ele deu de ombros.

– Não sei, Levana. Mandar me prender? Me executar?

Ela riu, apesar de não ser engraçado.

– Executar pelo quê?

O maxilar dele se contraiu.

– Pense bem. Você poderia dizer para qualquer um que eu a forcei, que a ameacei, ou... qualquer coisa. Você poderia ter dito qualquer coisa, e seria a minha palavra contra a sua, e nós dois sabemos que eu perderia. Eu não podia arriscar. Não com Winter. Eu não podia deixar que você estragasse o pouco que tinha me restado.

Levana cambaleou para trás, como se tivesse levado um golpe.

– Eu nunca teria feito isso com você.

– Como eu podia saber? – Evret estava praticamente gritando

agora, e ela odiou isso. Ele quase nunca gritava. – Você tinha todo o poder. *Sempre* teve todo o poder. É tão exaustivo lutar contra você o tempo todo. Então, eu deixei acontecer. Pelo menos ser seu marido permitiu que Winter tivesse um pouco de proteção. Não muita, mas... – Ele trincou os dentes, fez cara de quem se arrependia de ter dito tanto, e balançou a cabeça. Seu tom ficou mais baixo. – Achei que você ia acabar se cansando de mim, e que eu levaria Winter para longe daqui e aí seria o fim de tudo.

O coração de Levana latejou.

– Tem quase dez anos.

– Eu sei.

– E agora? Ainda está esperando que acabe?

A expressão dele se suavizou. A raiva sumiu e foi substituída por algo irritantemente gentil, embora as palavras fossem dolorosamente cruéis.

– Ainda está esperando que eu me apaixone por você?

Levana se preparou e assentiu.

– Estou – sussurrou ela.

Ele franziu a testa. Com tristeza. Com lamento.

– Sinto muito, Levana. Sinto muitíssimo.

– Não. Não diga isso. Sei que você me a... que você gosta de mim.

Você é o único que já se importou comigo. Desde que... no meu décimo sexto aniversário, você foi o único a me dar um presente, lembra? – Ela pegou o pingente embaixo da gola. – Eu ainda uso, o tempo todo. Por sua causa. Porque amo você e sei... – Ela engoliu em seco e tentou em vão engolir os soluços crescentes. – Sei que significa que você também me ama. Sempre amou. *Por favor.*

Os olhos dele também estavam úmidos. Cheios não de amor, mas

de remorso.

Com voz falhada, ele disse:

– O presente foi de Sol.

Levana ficou paralisada.

– O quê?

– O pingente. Foi ideia de Sol.

As palavras chegaram aos ouvidos dela como uma torneira pingando.

– Sol...? Não. Garrison disse que era seu. Tinha um cartão. Era *seu*.

– Ela a viu admirando a colcha na loja – disse Evret. A voz estava carinhosa, como se falando com uma criança pequena à beira de um colapso. – A da Terra. Foi por isso que ela achou que você talvez gostasse do pingente também.

Levana cerrou o punho em torno do pingente, mas, por mais que o apertasse, conseguia sentir sua esperança escorrendo como água por entre os dedos.

– Mas... Sol? Por quê? Por que ela...?

– Eu contei que vi você incorporando a aparência dela. Naquele dia, antes da coroação.

A boca de Levana ficou seca, a vergonha que sentira naquele dia voltando rapidamente.

– Acho que ela se sentiu mal por você. Achou que devia estar solitária, que precisava de um amigo. Assim, me pediu para cuidar de você quando eu estivesse no palácio. – Ele engoliu em seco. – Para ser gentil.

Ele pareceu solidário, mas Levana sabia que era uma máscara para os verdadeiros sentimentos. Pena. Ele sentia pena dela.

Sol sentia pena dela.

A doente e irrelevante Solstice Hayle.

– O pingente foi ideia dela – disse Evret, afastando o olhar. – Mas o cartão foi meu. Eu *queria* ser seu amigo. Eu gostava de você. Ainda gosto.

Ela soltou o pingente mais rápido do que teria soltado uma brasa ardente.

– Eu não entendo. Eu não... – Levana engoliu um soluço. Era como se estivesse se afogando, e o desespero parecia agarrá-la, seus pulmões tentavam respirar, mas não havia mais ar. – Por que você não pode nem *tentar*, Evret? Por que não pode tentar me amar? – Ela atravessou o quarto e se ajoelhou na frente dele, tomando suas mãos nas dele. – Se me deixasse amá-lo, se me deixasse mostrar que posso ser a esposa que você queria, que podíamos...

– Pare. Por favor.

Ela engoliu em seco.

– Você está sempre tão desesperada para fazer isso dar certo – prosseguiu Evret –, para transformar nosso casamento em uma coisa que não é. Nunca parou para se perguntar se existe algo além do que temos? O que você pode estar perdendo enquanto tenta forçar tanto que isso seja real entre nós? – Ele apertou as mãos dela. – Eu falei muito tempo atrás que, ao me escolher, você estava abrindo mão da sua oportunidade de encontrar a felicidade.

– Você está errado. Não posso ser feliz... sem você.

Os ombros dele murcharam.

– Levana...

– Estou falando sério. Pense bem. Vamos recomeçar. Do começo. Finja que sou uma princesa de novo, que você é o novo guarda real, vindo me proteger. Vamos agir como se fosse nosso primeiro

encontro. – Eufórica de repente com a perspectiva, Levana ficou de pé. – Você devia começar fazendo uma reverência para mim, claro. E se apresentando.

Ele massageou a testa.

– Não posso.

– Claro que pode. Não vai fazer mal tentar depois de tudo que passamos.

– Não, não posso fingir que não nos conhecemos com você ainda...

– Ele balançou os dedos.

– Ainda o quê?

– Ainda com a aparência *dela*.

Levana repuxou os lábios.

– Mas... mas é assim que sou agora. Essa sou eu.

Evret se levantou e passou a mão no cabelo crespo. Por um momento, Levana achou que ele ia aceitar a ideia. Que lhe faria uma reverência e eles recomeçariam do zero. Mas ele só a contornou e puxou o cobertor da cama.

– Estou cansado, Levana. Vamos falar mais sobre isso amanhã, certo?

Amanhã.

Porque ainda estariam casados amanhã. E no dia seguinte. E depois disso também. Por toda a eternidade, ele seria o marido que nunca a amou. Que nunca a quis. Que nunca confiou nela.

Ela tremeu, com mais medo do que sentia havia muito tempo.

Depois de tantos anos se envolvendo no glamour, era quase impossível livrar-se dele. Seu cérebro relutava para se desgarrar da manipulação.

Com o coração disparado, ela se virou devagar.

Evret estava puxando a camisa pela cabeça. Jogou-a na cama e levantou o rosto.

Ofegando, ele deu um passo para trás e quase derrubou uma arandela acesa da parede.

Levana se encolheu e passou os braços pela cintura. Baixou a cabeça, para que o cabelo caísse parcialmente sobre o rosto, escondendo o que podia. Mas resistiu à vontade de cobrir as cicatrizes com as mãos. Ela se recusou a gerar o glamour novamente.

O glamour que ele sempre amou.

O glamour que ele sempre odiou.

Primeiro, pareceu que Evret nem sequer estava respirando. Ele só olhou para ela, atônito e horrorizado. Finalmente, fechou a boca e pousou a mão trêmula na cama para se firmar. Forçou-se a engolir em seco.

– É isso – disse Levana enquanto novas lágrimas começavam a escorrer do olho bom. – A verdade que eu não queria que você visse. Está feliz agora?

Evret piscou intensamente, e ela conseguia imaginar o quanto era difícil para ele sustentar o seu olhar. Não afastar o olhar, quando estava tão claro que queria.

– Não – disse ele, com a voz rouca. – Feliz, não.

– E se você soubesse disso desde o começo, conseguiria ter me amado?

Ele mexeu a boca por um tempo antes de responder:

– Não sei. Eu... – Fechou os olhos e se controlou antes de olhar para ela de frente. Desta vez, nem se encolheu. – Não é a sua aparência, Levana. É que você me controlou e me manipulou por *dez anos*. – A expressão dele se contorceu. – Eu queria que tivesse me mostrado

muito tempo atrás. Talvez as coisas tivessem sido diferentes. Não sei. Mas, agora, nunca vamos descobrir.

Ele se virou. Levana olhou para as costas dele, sem se sentir nem um pouco como uma rainha. Era uma criança idiota, uma garota patética, uma coisa frágil e destruída.

– Eu amo você – sussurrou ela. – Isso sempre foi real.

Evret se contraiu, mas, se tinha alguma resposta, ela saiu antes de poder ouvir.



– *VENHA AQUI, IRMÃZINHA. Quero mostrar uma coisa.* – Channary sorriu, acenando com empolgação para que Levana se aproximasse.

Seus instintos mandaram que ela tivesse cuidado, pois o entusiasmo de Channary já tinha virado crueldade em outras ocasiões. Mas era difícil resistir à irmã, e mesmo com a intuição de Levana dizendo para se afastar, suas pernas a carregaram para a frente.

Channary sabia que não devia usar o dom em crianças de mente frágil, principalmente a irmãzinha. Tinha sido repreendida pelas babás centenas de vezes.

Em resposta, tornou apenas mais difícil que a pegassem no flagra.

Channary estava ajoelhada em frente à lareira holográfica do quartinho de brinquedos que elas dividiam, o calor delicado em contraste com as chamas altas e os troncos estalando na ilusão. Com exceção de velas comemorativas, fogo era estritamente proibido em Luna. A fumaça encheria rapidamente os domos, envenenando o precioso suprimento de ar. Mas lareiras holográficas eram populares

havia um tempo, e Levana sempre gostou de ver como as chamas dançavam e desafiavam a previsibilidade, como a lenha soltava fumaça e se desfazia e soltava fagulhas. Ela observava a imagem por horas, impressionada com a forma como o fogo sempre parecia estar baixo, consumindo a lenha, mas nunca se apagava.

– Veja – disse Channary quando Levana se acomodou ao lado dela. Ela havia colocado uma tigela pequena de areia branca cintilante no tapete, e então pegou uma pitada e jogou nas chamas holográficas.

Nada aconteceu.

Com as entranhas contraídas de apreensão, Levana olhou para a irmã. Os olhos escuros de Channary estavam dançando com a luz do fogo.

– Não são de verdade, certo? – Inclinando-se, Channary passou a mão pelas chamas. Os dedos voltaram intactos. – Só uma ilusão. Como um glamour.

Levana ainda era nova demais para ter muito controle sobre o próprio glamour, mas tinha a sensação de que não era exatamente a mesma coisa que essa lareira holográfica.

– Vá em frente – disse Channary. – Coloque a mão.

– Não quero.

Channary olhou para ela com irritação.

– Não seja criancinha. Não é de verdade, Levana.

– Eu sei, mas... não quero. – Algum instinto fez Levana fechar as mãos no colo. Ela sabia que não era real. Sabia que a holografia não a machucaria. Mas também sabia que fogo era perigoso, e ilusões eram perigosas, e ser enganada e levada a acreditar em coisas que não eram reais costumava ser a coisa mais perigosa de todas.

Rosnando, Channary segurou o braço de Levana e a puxou para a

frente, quase jogando o tronco todo da irmã nas chamas. Levana gritou e lutou para recuar, mas Channary segurou com firmeza e levou a pequena mão dela até as chamas cintilantes da holografia.

Ela não sentiu nada, é claro. Só aquele mesmo calor sutil que o fogo sempre liberava, para fazer com que parecesse mais autêntico.

Depois de um momento, os batimentos de Levana começaram a se normalizar.

– Está vendo? – disse Channary, embora Levana não tivesse certeza do que ela queria provar. *Ainda* não queria tocar na holografia, e, assim que a irmã a soltou, ela puxou a mão e chegou para trás no tapete.

Channary ignorou o recuo dela.

– Agora, veja. – Esticando a mão para trás do corpo, Channary pegou uma caixa de fósforos que devia ter tirado do altar no grande salão. Acendeu um antes que Levana pudesse questionar e, inclinando-se, encostou o fósforo na parte de baixo da holografia.

Não devia haver nada inflamável. A lareira não devia ter pegado fogo. Mas não demorou para que Levana pudesse ver um novo brilho entre a lenha fumegante. A chama real lambeu e estalou, e depois de um tempo Levana conseguiu ver as beiradas de folhas secas queimando e se encolhendo. Os gravetos e folhas estavam escondidos pelo holograma, mas, quando o verdadeiro fogo pegou, a sua claridade foi maior do que a da ilusão.

Os ombros de Levana se contraíram. Um aviso na cabeça dela disse para se levantar e se afastar, para dizer para alguém que Channary estava violando as regras, para ir embora rápido antes que o fogo aumentasse.

Mas não fez nada disso. Channary só a chamaria de criancinha de

novo, e, se Levana ousasse arrumar problemas para a princesa herdeira, Channary encontraria formas de puni-la depois.

Ela ficou grudada no tapete, vendo as chamas crescerem e crescerem.

Quando estavam quase tão grandes quanto a holografia, Channary enfiou a mão de novo na tigelinha de areia (ou talvez fosse açúcar?) e jogou uma pitada nas chamas.

Desta vez, elas ficaram azuis, estalaram e cintilaram e se dissiparam.

Levana ofegou.

Channary repetiu a brincadeira algumas vezes e foi ficando mais ousada conforme o experimento ia dando certo. Duas pitadas de cada vez agora. Depois, um punhado inteiro, como pequenos fogos de artifício.

– Quer experimentar?

Levana assentiu. Pegou os pequenos cristais e jogou nas chamas. Ela riu quando as fagulhas azuis subiram dentro do compartimento e bateram na parede de pedra onde devia haver uma chaminé.

Channary se levantou e começou a procurar no quartinho qualquer coisa que pudesse ser divertido ver queimar. Uma girafa de pelúcia que soltou fumaça foi ficando preta e demorou muito tempo para pegar fogo. Um sapato velho de boneca que derreteu e murchou. Peças de madeira de um jogo que foram queimando lentamente sob o verniz protetor.

Mas, enquanto Levana estava hipnotizada pelas chamas – tão reais, com aquele cheiro de cinzas, o calor quase doloroso batendo no rosto e a fumaça que escurecia o papel de parede acima –, ela conseguia notar que Channary estava ficando mais ansiosa a cada experimento.

Nada era tão encantador quanto as simples e elegantes fagulhas azuis e a cor de laranja da tigela de açúcar.

Rip.

Levana deu um pulo e se virou a tempo de ver Channary jogar uma mecha de cabelo castanho nas chamas. Quando a mecha se encolheu como mola, ficou preta e se dissolveu, Channary riu.

Levana levou a mão à parte de trás da cabeça, encontrou o ponto de onde a irmã cortara a mecha, perto do couro cabeludo. Lágrimas surgiram em seus olhos.

Ela tentou se levantar, mas Channary foi rápida e segurou a saia dela com firmeza. Com um puxão, fez Levana voltar para o chão. Ela gritou e caiu de joelhos e quase não conseguiu se equilibrar e impedir que o rosto batesse no chão também.

Enquanto Levana tentava rolar para longe, Channary segurava a barra do vestido com a tesoura, e o som de tecido rasgando chegou aos seus ouvidos.

– Pare! – gritou Levana. Quando a irmã continuou segurando a saia com força e o rasgo subiu até as coxas, ela trincou os dentes, segurou o máximo de tecido que conseguiu e o arrancou das mãos de Channary.

Um pedaço grande do material rasgou, e Channary gritou e caiu para trás, no fogo. Berrando, ela se levantou rapidamente da lareira, o rosto contorcido de dor.

Levana olhou para a irmã, horrorizada.

– Me desculpe. Eu não queria fazer isso. Você está bem?

Ficou claro que Channary não estava bem. Seus lábios eram um esgar, o olhar obscurecido com uma fúria que Levana nunca tinha visto; e ela vira a raiva da irmã muitas, muitas vezes. Ela se encolheu,

ainda segurando a saia.

– Me desculpe – gaguejou.

Ignorando-a, Channary esticou a mão trêmula até a parte de trás do próprio ombro e se virou, para que Levana pudesse ver suas costas. Acontecera muito rápido. A parte de cima do vestido estava chamuscada, mas nada havia pegado fogo. O que Levana conseguia ver do pescoço da irmã estava bem vermelho e já havia pequenas bolhas se formando acima da gola do vestido.

– Eu vou chamar o médico – disse Levana, se levantando. – Você devia pegar água... ou gelo, ou...

– Eu estava tentando salvar você.

Levana parou. Lágrimas de dor brilhavam nos olhos da irmã, mas foram ocultadas pelo olhar enlouquecido, faiscando de fúria.

– O quê?

– Lembra, irmãzinha? Lembra que eu entrei aqui e te encontrei brincando com fogo de verdade na lareira? Lembra que você caiu lá dentro, achando que não ia machucar, como a holografia? Lembra que me queimei tentando salvar você?

Piscando, Levana tentou dar um passo para trás, mas os pés estavam grudados no tapete. Não de medo ou incerteza; Channary estava controlando seus membros agora. Ela era nova demais, fraca demais para escapar.

O horror desceu pela espinha de Levana e deixou sua pele toda arrepiada.

– I-irmã – gaguejou. – Temos que botar gelo nas suas queimaduras. Antes... antes que piorem.

Mas a expressão de Channary estava mudando de novo. A fúria se contorcia e virava uma coisa cruel e sádica, faminta e curiosa.

– Venha aqui, irmãzinha – sussurrou ela, e, apesar do terror crescendo no estômago de Levana, seus pés obedeceram. – Quero mostrar uma coisa.



LEVANA NÃO CONSEGUIA PARAR DE CHORAR, por mais que tentasse. Os soluços eram cruéis e dolorosos, e vinham tão rápido que ela estava se sentindo fraca pela incapacidade de respirar enquanto os pulmões convulsionavam. Encolheu-se sobre os joelhos, se balançando e tremendo. Queria parar de chorar. Queria muito, e um dos motivos era por saber que Evret, no quarto particular dele no final do corredor, provavelmente conseguia ouvi-la. E, no início, Levana sonhou que Evret se compadeceria por ela, que o som das lágrimas amoleceria o coração dele e o levaria para o seu lado. Que a consolaria e a abraçaria e finalmente, *finalmente* perceberia que sempre a amou.

Mas ela já estava chorando havia muito tempo, sem sinal do marido, e sabia que isso não ia acontecer. Era só mais uma fantasia que não viraria realidade. Era só mais uma mentira que construiu para ter para onde fugir, sem nunca perceber que estava soldando as grades da própria jaula.

Finalmente, as lágrimas começaram a diminuir, a dor começou a passar.

Quando conseguiu respirar de novo e achou que era capaz de se levantar sem cair, ela se apoiou na cama e ficou de pé. As pernas estavam fracas, mas aguentaram. Sem força para refazer o glamour, ela tirou uma das cortinas diáfanas que envolviam a cama e colocou

sobre a cabeça. Pareceria um fantasma andando pelos corredores do palácio, mas não tinha problema. Sentia-se um fantasma. Apenas um fragmento de garota.

Envolvendo o corpo com o véu improvisado, ela deixou o quarto. Havia dois guardas posicionados em frente aos aposentos reais, em posição silenciosa de sentido quando ela saiu. Se ficaram surpresos com o tecido sobre a cabeça dela, suas expressões não revelaram, e eles marcharam a uma distância respeitável em seu encalço.

Apesar do cuidado que tomou para se esconder, ela não passou por ninguém ao andar pelo palácio. Até os criados estavam dormindo, tão tarde da noite.

Levana não sabia para onde estava indo até que, minutos depois, se viu de pé em frente ao quarto da irmã, ou o que tinha sido o quarto da irmã durante seu curto reinado como rainha, quase oito anos antes. Levana poderia ter tomado aqueles aposentos para si – eram maiores e mais luxuosos do que o quarto que ela usava –, mas na época gostava da peculiaridade dos aposentos que dividia com Evret e Winter. Gostava da ideia de ser uma rainha que não precisava de riquezas e luxos, só do amor da família ao redor.

Ela se perguntou se as pessoas da corte riram pelas costas dela esse tempo todo. Teria sido a única que nunca reconheceu o quanto seu casamento e sua *família* eram falsos?

Deixando os guardas no corredor, ela abriu a porta do quarto da irmã. Não estava trancado, e primeiro Levana esperou encontrá-lo vazio de qualquer coisa de valor. Os criados deviam saber que ela nunca ia lá, que podiam pegar todos os tesouros preciosos lá dentro.

Mas, quando Levana entrou no aposento e as luzes se acenderam, enchendo o quarto com um brilho sereno, estava exatamente como

ela lembrava, até o aroma suave do perfume de Channary. Era como entrar em um museu, cada peça encapsulada no tempo. A escova da irmã na penteadeira, embora as cerdas tivessem sido cuidadosamente limpas. A colcha esticada. Havia até um bercinho com veludos creme e uma filigrana de coroa no alto, onde a bebê Seline dormiu, que nem Levana conhecia. Ela supôs que a criança tivesse ficado com uma ama de leite ou com uma babá durante o primeiro ano, não nos aposentos da mãe.

Ocorreu-lhe, ao olhar para aquela caminha linda, doce, inocente e inofensiva, que devia sentir alguma coisa. Remorso. Culpa. Horror pelo que fizera tantos anos antes.

Mas não havia nada. Não sentia nada além do coração partido dentro do peito.

Ela afastou o olhar e encontrou o que tinha ido buscar. O espelho da irmã.

Estava no canto mais distante, a superfície reflexiva nas sombras. Era mais alto do que Levana, com moldura prateada manchada pelo tempo. O metal fora entalhado em pergaminhos elaborados com uma coroa proeminente no alto, centralizada. Nas laterais, flores e galhos com espinhos de prata contornavam a moldura, parecendo estarem crescendo atrás do espelho, como se um dia fossem envolvê-lo completamente.

Levana só ficara na frente de um espelho uma vez desde os seus seis anos de idade. Desde que Channary a havia forçado a entrar naquela lareira; primeiro a mão, depois o braço, depois todo o lado esquerdo do rosto. Sem oferecer misericórdia. Channary nem precisou tocar nela. Sob o controle da mente da irmã, Levana ficou impotente e incapaz de se defender, fugir ou sair das chamas.

Só quando seus gritos trouxeram para o quartinho de brinquedos, às pressas, alguns criados foi que Channary a soltou e disse para todo mundo que estava tentando ajudar a irmã. A irmãzinha burra e curiosa.

A irmãzinha feia, deformada e cheia de cicatrizes.

O espelho fora da mãe delas, e Levana tinha apenas lembranças remotas de ver a rainha Jannali arrumada na frente dele, antes de um baile ou outro, nas raras ocasiões em que não estava irritada com a presença das próprias filhas. Na maior parte do tempo, Levana se lembrava da mãe pelo glamour que ela usava. Pálida como um cadáver com cabelo platinado e aqueles olhos violeta severos que pareciam fazer o resto dela desaparecer. Mas, quando se sentava na frente desse espelho, Jannali ficava como era por baixo. Como era *de verdade*. E era bem parecida com Channary, com pele naturalmente bronzeada e cabelo castanho brilhante. Ela era bonita. Talvez até mais bonita do que ficava com o glamour, embora não tão chamativa. Não tão majestosa.

Levana conseguia se lembrar de quando era bem, bem nova e tivera pesadelos com a mãe e a corte e como todo mundo ao redor dela tinha duas caras.

Channary pegou o espelho quase imediatamente depois dos assassinatos, e Levana não o via desde então. Por ela, não havia problema nisso. Odiava espelhos. Odiava seus reflexos, suas *verdades*. Odiava como parecia ser a única que os detestava daquela forma, mesmo com todo mundo na corte andando com glammers tão falsos quanto os dela.

Agora, Levana tomou coragem e andou na direção da monstruosidade vertical. Seu reflexo apareceu, coberto pelo pano

branco diáfano, e ela ficou surpresa de ver que não parecia tanto um fantasma. Na verdade, parecia uma noiva da segunda era. Uma felicidade infinita podia estar escondida embaixo desse véu. Alegria ilimitada. Tantos sonhos realizados.

Ela segurou a beirada do pano e o levantou por cima da cabeça.

Fez uma careta e se encolheu para longe do reflexo. Demorou um momento para reunir coragem de novo antes de conseguir encará-lo, e mesmo assim manteve o rosto parcialmente virado, para poder desviar o olhar com rapidez se a visão ficasse dolorosa demais.

Era pior do que lembrava, mas ela tinha passado muitos, muitos anos se recusando a lembrar.

O olho esquerdo estava permanentemente fechado, e o tecido cicatricial naquele lado do rosto era formado de cumes e sulcos. Metade do rosto estava paralisada por causa do incidente, e havia muitas mechas de cabelo que nunca voltariam a crescer. As cicatrizes continuavam pelo pescoço e pelo ombro, por metade do peito e da parte superior do tronco, indo até a mão.

Os médicos fizeram o que puderam na época. Salvaram a vida dela, pelo menos. Disseram-lhe que, quando estivesse mais velha, ela teria opções. Uma série de cirurgias de enxerto de pele poderia substituir gradualmente a pele destruída. Transplantes de cabelo. Estrutura óssea modificada. Disseram até que lhe conseguiriam um olho novo, que enxergaria. Encontrar um globo ocular que combinasse perfeitamente com o dela seria difícil, mas eles revirariam o reino em busca de um doador adequado, e ninguém ousaria recusar um pedido da princesa. Mesmo que fosse o próprio olho.

Mas sempre haveria cicatrizes, por mais leves que fossem, e, na época, a ideia de aceitar transplantes assim a enojou. O olho de outra

pessoa. O cabelo de outra pessoa. Pele transplantada da parte de trás da coxa para o rosto. Na época, pareceu mais fácil desenvolver seu glamour e fingir que não havia nada de errado por baixo de tudo.

Agora, tantos já tinham esquecido como ela era de verdade que nem sequer queria considerar as cirurgias. Não conseguia suportar pensar naqueles cirurgões inclinando-se sobre seu corpo inconsciente e grotesco, analisando a melhor forma de disfarçar sua monstruosidade.

Não. Seu glamour funcionava. Seu glamour *era* a realidade agora, independentemente do que Evret pensava. Independentemente do que qualquer um pensasse.

Ela, Levana, era a rainha mais bela que Luna já tinha visto.

Então, pegou o tecido fino e colocou o véu de volta na cabeça, cobrindo-se. Seu coração estava disparado agora, a pulsação batucando nos ouvidos.

Com um grito enfurecido, ela pegou a escova de prata na penteadeira e jogou com o máximo de força que conseguiu no espelho.

Uma teia de rachaduras surgiu no vidro, espalhando-se até alcançar a moldura. Centenas de estranhas de véu a encararam de volta. Ela gritou de novo e esticou a mão para o que estivesse ao alcance, um vaso, um vidro de perfume, uma caixa de joias, e jogou tudo no espelho, vendo pedaços de vidro se estilhaçarem, fragmentos quebrados caindo no chão. Finalmente, pegou a pequena cadeira ao lado da penteadeira, forrada de veludo branco.

Com aquele golpe final, o espelho foi destruído, e estilhaços se espalharam por metade do quarto.

Os guardas entraram pela porta.

– Vossa Majestade! Está tudo bem?

Ofegante, Levana jogou a cadeira de lado e caiu de joelhos, ignorando o pedaço de vidro que cortou sua pele. Tremendo, ajustou o véu na cabeça e cuidou para que estivesse totalmente escondida.

– Vossa Majestade?

– Não cheguem mais perto! – gritou ela, esticando a mão.

Os guardas pararam.

– Eu quero... – Quase se engasgando com as palavras, ela limpou as lágrimas dos olhos. Foi uma luta se recompor, mas a voz estava firme quando falou de novo: – Quero que todos os espelhos do palácio sejam destruídos. Cada um deles. Verifiquem os aposentos dos criados, os banheiros, todos os lugares. Verifiquem a cidade inteira! Destruam todos e joguem os pedaços no lago, onde nunca mais vou ter que olhar para eles!

Depois de um longo silêncio, um dos guardas murmurou:

– Minha rainha.

Levana não conseguiu identificar se as palavras dele diziam que seria feito ou que ela estava falando como uma louca.

Mas não se importou.

– Quando todos os espelhos forem destruídos, quero encomendar um vidro especial para o palácio, para substituir todas as janelas e todas as superfícies envidraçadas. Um que não projete reflexo. Nenhum.

– Isso é possível, minha rainha?

Expirando lentamente, Levana segurou a beirada da penteadeira e se levantou o mais graciosamente que conseguiu. Ajustou o véu novamente antes de se virar para encarar os guardas.

– Se não for, vamos todos morar em um palácio sem vidro

nenhum.



— SIM. SIM. VAI FUNCIONAR. Estou satisfeita.

O técnico se curvou, o rosto contorcido de alívio evidente, mas Levana já o ignorava, a atenção capturada pela tela especial que mandou ser instalada na moldura de prata do espelho da irmã. O vidro destruído foi jogado no lago com todo o resto.

Ela passou o dedo pela tela para testar as funções. A maior parte do entretenimento de Luna era transmitido por nódulos holográficos ou pelas telas enormes embutidas nos domos. Mas comunicados e videonotícias da Terra nem sempre eram compatíveis com os hológrafos, então o netscreen novo era mais similar à tecnologia terráquea. Era tão útil quanto bonito. Ela precisaria para a vigilância que esperava exercer sobre as pessoas dos setores externos. Para suas discussões com o imperador da Comunidade das Nações Orientais. Para os noticiários que monitoraria com atenção quando seu exército entrasse em ação.

Uma boa rainha era uma rainha bem-informada.

Ela parou quando um dos noticiários terráqueos mostrou a família real da Comunidade das Nações Orientais. O imperador Rikan estava sozinho no pódio com a bandeira do país com um sol nascente atrás dele. O jovem príncipe estava ao lado de um conselheiro político de expressão azeda, os olhos baixos. Era uma criança magrinha e não muito mais velha do que Winter. Mas foi a expressão do pai, igualmente infeliz, que chamou a atenção de Levana.

A coletiva de imprensa era para discutir a recente tragédia que os

abatera.

A amada imperatriz estava morta, depois de ter contraído, durante uma viagem filantrópica a uma cidade tomada pela peste na extremidade ocidental da Comunidade, nada menos do que a doença que Levana produzira.

Morrera de letumose.

Levana riu, não conseguiu evitar, ao se lembrar do comentário sonhador e repentino de Channary, de que a imperatriz um dia podia acabar sendo assassinada.

Isso não foi assassinato. Não foi crime.

Foi destino.

Destino simples, requintado, ofuscantemente óbvio.

A Terra não podia mais exibir sua família real perfeita, no palácio perfeito, no planeta perfeito. Não podia mais reivindicar a felicidade que por tanto tempo se esquivara de Levana.

– Minha rainha?

Ela se virou para o técnico. Ele estava segurando um par de luvas nas mãos e parecia apavorado.

– Sim?

– Eu só queria mencionar que... está ciente, espero, de que seu... de que o glamour não é transmitido por netscreens? Se desejar mandar alguma mensagem de vídeo ou alguma transmissão para a população, claro.

Um sorriso se abriu nos lábios de Levana.

– Não se preocupe. Já encomendei uma coisa especial com minha costureira para essas ocasiões. – Ela olhou para o véu fino e rendado que fora entregue alguns dias antes, bem mais sofisticado do que o pano da cama, mas com o mesmo mistério e segurança.

Levana dispensou o técnico e se virou para olhar a transmissão sem som da família real da Comunidade das Nações Orientais. Desde a briga com Evret mais de um mês antes e o ataque aos espelhos do palácio, ela mergulhou no papel de rainha mais do que em qualquer outra ocasião. Quase não dormia. Quase não comia. Ela e Sybil Mira e o resto da corte passavam longas horas discutindo acordos de comércio e produção entre os setores externos, e novos métodos para aumentar a produtividade. Mais guardas eram necessários para patrulhar os setores externos, então mais guardas foram convocados e começaram o treinamento. Alguns dos jovens que tentaram convocar não queriam *ser* guardas, principalmente os que tinham familiares nos mesmos setores que estariam monitorando. Levana resolveu o problema ameaçando a vida dessas famílias com quem eles estavam tão preocupados e viu como os jovens mudaram rapidamente de ideia. O toque de recolher, incorporado para o descanso necessário e proteção dos trabalhadores, não foi popular no começo, mas depois que Levana sugeriu que usassem como exemplo público os civis que se recusassem a obedecer às leis, as pessoas começaram a ver a sensatez de expectativas tão rigorosas.

Enquanto tornava o país mais forte e mais estável, havia um problema crescente que Levana não podia ignorar.

Os recursos de Luna estavam diminuindo mais rápido do que nunca, como os relatórios diziam que aconteceria. Só o regolito parecia ter um suprimento infinito, mas a água e a agricultura, a indústria florestal e as fábricas de reciclagem de metal eram totalmente dependentes do espaço dentro dos domos com atmosfera e gravidade controladas, e dos materiais que haviam trazido da Terra muitas gerações atrás.

Mais luxo, plantios mais variados, mais armamento militar e locais de treinamento e construção de naves, tudo isso resultava em menos recursos.

Os representantes da corte avisaram-lhe que não podiam sustentar esse nível de avanço por mais de uma ou duas décadas.

Na tela, o imperador Rikan estava saindo do palco. O príncipe mexia na gravata. O povo da Comunidade chorava.

– Terra – sussurrou Levana, sentindo o gosto da palavra na língua, e sentindo como se fosse a primeira vez que a falava. Ou a primeira em que dizia com significado. *Terra*. – É disso que precisamos.

E por que não deviam tomá-la? Os lunares eram uma sociedade mais avançada, a espécie mais avançada. Eram mais fortes e mais inteligentes e mais poderosos. Os terráqueos não passavam de crianças em comparação.

Mas qual era a melhor forma de fazer isso? Havia terráqueos demais para fazer lavagem cerebral, mesmo que ela usasse a corte inteira contra eles. Embora a letumose estivesse se espalhando, demoraria anos para que pudesse fazer uso do antídoto. E seus soldados lobo não estavam prontos para um ataque de força total por enquanto. Ainda havia muito trabalho para ser feito se ela desejasse tomar a Terra à força.

Mas, como aprendera com Channary, nem sempre era preciso tomar as coisas à força. Às vezes, era melhor fazer com que fossem até você. Fazer com que *quisessem* você.

Uma aliança de casamento, então, como Channary sonhou para si tantos anos antes. A princesa Winter seria um bom par para esse garoto, mas Winter não tinha sangue real. A aliança seria superficial demais.

Não, tinha que ser com a rainha. Tinha que ser Levana. Tinha que ser alguém que pudesse um dia, *um dia*, gerar um herdeiro para o trono.

Ela apertou os lábios e desligou a tela.

Teria que fazer isso, ela sabia. Pelo povo. Pelo futuro dele. Por Luna. Por toda a Terra.



NÃO CONSEGUIA LEMBRAR A ÚLTIMA VEZ que foi ao quarto de Evret no meio da noite, e ele pareceu surpreso com a presença dela. Eles mal se falaram depois da discussão, e quando Levana tentou beijá-lo, ele a rejeitou da forma mais gentil que conseguiu.

Ainda assim, não pediu que ela fosse embora.

Ela se perguntou se ele ainda se lembrava dela como era por baixo do glamour, e o pensamento endureceu seu coração. O jeito como Evret olhou para ela, a Levana de verdade, gelou suas veias.

Ela foi tirando a resistência dele, pedaço a pedaço. Tão gradual e delicadamente que Evret nem saberia que ela estava interferindo. Acharia que era seu próprio coração batendo um pouco mais rápido. Seu próprio sangue correndo mais quente. Seu próprio desejo crescendo dentro dele até que finalmente cedesse e a tomasse nos braços.

O amor é uma conquista.

Mesmo sabendo que não era por escolha dele, que jamais seria por escolha dele, os beijos ainda a extasiavam. Mesmo depois de todos aqueles anos, ela ainda o amava. Não importava o que ele dissesse sobre o casamento, aquilo era real.

Depois, Levana ficou encolhida no abraço dele, a cabeça encostada no peito, ouvindo os batimentos tranquilizadores. Passou o polegar pela aliança de pedra que ele lhe dera, girando no dedo. Ela sabia que nunca mais usaria o pingente da Terra depois daquela noite, mas essa aliança ela jamais tiraria. Carregaria para sempre, por toda eternidade.

O pingente representava o amor que Evret nunca teve por ela.

Mas a aliança representava o amor que Levana sempre teve por ele.

O amor é uma guerra.

Embora esperasse os baques abafados no corredor, ela levou um susto quando os ouviu. Dois guardas reais incapacitados. Ela se perguntou se ele decidira matá-los ou apenas deixá-los inconscientes.

Evret se mexeu no sono. O braço a envolveu mais apertado por instinto, e Levana cerrou bem os olhos para que não chorasse.

Deste dia em diante, você será meu sol ao amanhecer e minhas estrelas à noite.

A porta do quarto foi aberta e bateu na parede com força. Evret deu um pulo e empurrou Levana para o lado.

Uma silhueta escura ocupou a passagem da porta.

Mais tarde, quando tivesse tempo de pensar em tudo, Levana ficaria impressionada com a rapidez da reação de Evret. Mesmo tirado do sono, seus instintos foram imediatos e alertas. Em um movimento, ele empurrou Levana da cama para que ficasse protegida atrás do colchão e rolou para o outro lado. Um tiro soou no quarto. O som foi ensurdecedor. Não demoraria para que mais guardas viessem correndo.

– Majestade, fique abaixada! – gritou Evret. De algum lugar, ele

tirou uma faca. Claro que tinha uma faca. Devia dormir com uma debaixo do travesseiro desde a noite de núpcias, e Levana nunca soube.

Ela não ficou abaixada. Agarrou-se aos cobertores embolados e viu Evret se lançar na direção do invasor, e se despediu silenciosamente, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

A faca estava a um milímetro do peito do invasor quando parou.

Ele não era um cascudo, como o que matou os pais dela. Era um assassino bem mais hábil. Bem mais perigoso. Enquanto a visão de Levana se ajustava à luz entrando do corredor, ela viu os olhos de Evret se arregalarem com reconhecimento.

Embora o taumaturgo-chefe Haddon tivesse se aposentado alguns anos antes, ele nunca foi embora da corte. Ou, como Levana supôs, nunca abriu mão das ambições. Tinha chegado à posição mais alta na corte que podia alcançar sem ser da realeza.

Levana fizera-lhe uma promessa muito tentadora. Ele nem sequer hesitou quando ela falou o preço.

A faca caiu, de forma nada importante, na cama.

Um segundo tiro. Um terceiro. Um quarto. Sangue espalhado no lençol branco. No corredor, Levana ouviu a princesa Winter gritando. Perguntou-se se a garota iria até lá para ver o que estava acontecendo ou se seria inteligente o bastante para ir correndo buscar ajuda.

De qualquer forma, seria tarde demais.

Era tarde demais.

Joshua Haddon soltou Evret, que caiu de joelhos, com sangue cobrindo as mãos apertadas sobre a barriga.

– Majestade – grunhiu ele. – *Corra.*

O taumaturgo se virou para Levana. Ainda estava sorrindo, com

orgulho e arrogância. Conseguira. Fizera o que ela havia pedido. E agora, sem o peso de um marido, seria a hora de Levana cumprir a promessa dela. De se casar com Joshua e coroá-lo rei de Luna. Quando Levana lhe pediu para fazer isso, tomou o cuidado de dizer que o admirava havia muitos anos, que era o que desejava desde que cometera o erro do casamento juvenil. Do jeito como era arrogante, Haddon foi fácil de convencer.

Levana se ergueu sobre as pernas bambas.

Haddon baixou a arma. Os olhos percorreram o corpo dela – o corpo coberto de glamour –, cheio de desejo e expectativa.

Ignorando as lágrimas agora secando nas bochechas, Levana se jogou em Haddon. Ele levantou os braços para receber o abraço.

Mas o que recebeu foi uma faca enfiada fundo no peito.

Quando o horror e a compreensão surgiram na expressão dele, Levana o empurrou. Ele cambaleou para trás e caiu contra a parede.

Ela tombou ao lado de Evret. A dor subiu pela garganta e explodiu em um grito agudo.

Assim que viu Levana fora de perigo, as últimas reservas de energia abandonaram Evret, e ele desabou na lateral da cama.

– Evret! – gritou ela, surpresa ao perceber que o terror era real. Ao ver a fagulha se apagando por trás dos olhos dele, a forma como aqueles pontinhos cinza e esmeralda pareceram sumir na escuridão, ela sentiu mais dor do que imaginou que sentiria.

Prometo amá-lo e valorizá-lo por todos os nossos dias.

– Evret – disse ela de novo, choramingando agora. Juntou as mãos às dele, tentando cobrir o ferimento. No final do corredor, houve novos passos. Não podia ter transcorrido mais de um minuto desde que Haddon entrara no quarto, mas parecia que uma vida tinha se

passado. Ela olhou para baixo e viu sangue espirrado na camisola. Sangue cobrindo as mãos dos dois. Sangue nas duas alianças que Evret ainda usava, encostadas uma na outra.

Eis o que eu penso do amor.

Levana chorou.

– Sinto muito. Sinto tanto. Ah, estrelas. *Evret.*

– Está tudo bem – disse ele, ofegante, passando os braços em torno dela e a puxando para perto. – Está tudo bem, querida.

Ela chorou mais.

– Por favor. Por favor. Cuide de Winter.

Ela soluçou.

– Prometa, minha rainha. Prometa que vai cuidar dela.

Ela ousou olhar nos olhos dele. Estavam intensos, comovidos e lutando muito para permanecerem fortes. Para esconder a dor. Para fingir que ele não estava morrendo.

Em algum momento, guardas chegaram. Um médico. Até Winter, com a camisola clara e as lágrimas assustadas. E também Sybil, nada surpresa, a julgar pela imobilidade das suas sobrancelhas.

Levana mal viu essas pessoas. Estava sozinha com Evret, seu amado, segurando a mão dele enquanto o sangue esfriava na sua pele. Sentiu o momento em que ele se foi e ela ficou sozinha.

Não conseguia parar de chorar.

Era culpa dela. Tudo era culpa dela. Ela estragara todos os momentos que tivera com ele, desde o primeiro beijo.

– Eu prometo – sussurrou ela, embora as palavras queimassem sua garganta. Não amava a criança. Só amara Evret, mas havia destruído até isso. – Eu prometo.

Levana esticou a mão para o pingente ao redor do pescoço e

quebrou o cordão com um puxão firme. Colocou o pingente na mão de Evret enquanto Sybil a puxava, e uma Winter aos berros desabava junto ao pai no lugar dela.

As palavras da irmã lhe voltaram, trovejando em seus ouvidos, ocupando todos os lugares vazios no coração de Levana.

O amor é uma conquista. O amor é uma guerra.

Eis o que eu penso do amor.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, obrigada, obrigada...

A Jill, Cheryl e Katelyn, por toda a orientação e o entusiasmo, e por nem piscarem quando eu falei: “Surpresa! Escrevi uma coisinha e não sei o que fazer com ela.”

A Liz, Jean e Jon, por acreditarem em mim como autora e por acreditarem na história de Levana como algo que precisava existir no mundo.

A Rich Deas, pelas capas de livro mais maravilhosas que uma escritora pode desejar.

Ao resto da equipe Macmillan, pela criatividade incansável e pelos constantes esforços por mim e pelas Crônicas Lunares.

A todas as pessoas por trás do NaNoWriMo, por me lembrarem a cada ano do que eu sou capaz quando realmente decido me esforçar.

A Tamara Felsinger, Jennifer Johnson e Meghan Stone-Burgess, por serem brilhantes mais uma vez.

A Jesse, por me fazer rir mesmo quando a escrita fica toda deprimente e tal.

E, finalmente, à garota que foi à festa de lançamento de *Cress* vestida de rainha Levana e fingiu me matar com as unhas enormes. Obrigada por não me matar de verdade com suas unhas enormes... Vossa Majestade.

Título original
Book Five
FAIREST
THE LUNAR CHRONICLES
LEVANA'S STORY

Copyright © 2015 *by* Marissa Meyer

Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends, um selo da
Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Management LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL
Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais
VANESSA RAPOSO

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

ANA CHRYSOSTOMO

Edição digital: junho, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Star Books Digital

M559L

Meyer, Marissa

Levana [recurso eletrônico]: a rainha mais bela / Marissa Meyer; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital

Tradução de: Fairest: the lunar chronicles: Levana's story

ISBN 978-85-7980-353-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título III. Série.

16-38655

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-1

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

Marissa Meyer mora em Tacoma, Washington, com o marido e os dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue.